ESTADO DE MATO GROSSO

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

EDUCAÇÃO RURAL

UM CAMINHO PARA A FIXAÇÃO DO HOMEM NO CAMPO

MARIA DOS REMÉDIOS VIEIRA DE SOUSA

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário d[illegible] e Lacerda - MT
RG Nº 7477
Data 06 / 11 / 02

37:338
S795u
Ex 1
C925697-68

PONTES E LACERDA, AGOSTO DE 2002

ESTADO DE MATO GROSSO

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

EDUCAÇÃO RURAL

UM CAMINHO PARA A FIXAÇÃO DO HOMEM NO CAMPO

Ensaio monográfico apresentado à UNEMAT/Campus Universitário de Pontes e Lacerda como requisito final Para obtenção do grau de Licenciada em Letras.
Orientadora: Profª Ms Teresa de Pazos da Silva

Pontes e Lacerda, agosto de 2002

DEDICATÓRIA

À Maria Virginia, pela minha impaciência, à Carlos Magno, por seu apoio e paciência, à profª Teresa, por sua atenção e tolerância, à profª Cleunice, pela dedicação e ao Rodrigo, pela colaboração.

"Em nenhum lugar do mundo, em nenhum momento da história da humanidade, os que estão marginalizados conquistaram alguma coisa sem ser por meio da organização e da luta social."

José Rainha Júnior – MST

Agradeço a DEUS e aos meus pais, por ter-me concedido a graça de estar "viva" até hoje...

SUMÁRIO

Introdução.....1

Capítulo I – Educação Rural: Um Caminho para a Fixação do Homem no Campo
Contextualização Histórica..... 5

Capítulo II – Um Outro Olhar Sobre Educação Rural.....23

Considerações Finais..... 51

Bibliografia.....55

Anexos – Entrevistas

INTRODUÇÃO

Ao longo de vários anos de Extensão Rural, desenvolvendo um trabalho de Organização Rural com ênfase para a educação informal, com famílias rurais, no qual sempre estão envolvidas as comunidades escolares, percebemos que com relação à educação formal, o que predomina nas escolas é uma visão urbana de educação. Sob essa ótica, os interesses da vida no campo não são contemplados.

A afirmação acima, justifica-se pela não existência, no sistema formal de educação, de um projeto específico de educação para o meio rural, que leve em conta o contexto cultural das comunidades rurais, sua relação com a família, o trabalho, o meio ambiente, as suas formas de organização, suas lutas sociais, incluindo aí a luta pela terra.

O processo de educação rural, em toda a sua história, tem se dado de modo parcial e fragmentado, mediante algumas experiências pontuais. Sofreu várias rupturas com o processo de urbanização, em função de mudanças econômicas, e isto fez com que a sociedade campesina perdesse sua identidade sócio-cultural, o que promoveu a pauperização no campo, trazendo como conseqüência o enfraquecimento do todo processo de desenvolvimento do mesmo.

A cultura urbana capitalista e desigual instalada no campo, contribui decisivamente para a expulsão do homem do campo para as grandes cidades, o que gerou incalculáveis desajustes sociais.

Hoje, as críticas a este sistema tradicional e às concepções desenvolvimentistas da educação, em especial a educação rural, estão abrindo caminho a uma concepção mais crítica e emancipatória, buscando novos caminhos que permitam converter a educação em uma "arma" para a ação social e a transformação da realidade.

Desse modo, a presente pesquisa tem como objetivo, compreender até que ponto a Escola (Rural) Cirila Francisca da Silva, localizada no Projeto de Assentamento Rio Alegre, desenvolve uma prática pedagógica voltada para os interesses do campo e como as famílias de alunos da referida escola pensam a educação para seus filhos.

Tivemos o privilégio de conhecer a referida escola desde a sua criação, através do nosso trabalho de Extensão Rural. O trabalho que lá se desenvolve chama-nos a atenção quer pelo número de alunos que é bastante elevado, quer pelas expectativas criadas pela comunidade acerca da mesma. Isto nos estimulou a conhecê-la mais profundamente e compreender o perfil formador que a permeia.

Para o cumprimento de tal proposta diversos aspectos serão considerados como relevantes tais como : estrutura física, formação dos professores, perfil dos alunos, quadro administrativo, condições pedagógicas e outros. Todos estes aspectos são relevantes para essa intervenção.

Durante o desenrolar da pesquisa e anteriormente através do trabalho que desenvolvemos na área, foi possível observar que o movimento social da comunidade Rio Alegre integra homens, mulheres, crianças e jovens que se educam coletivamente. São pessoas que agem, falam, participam.

Esta integração foi um dos motivos que nos levou a desenvolver essa pesquisa. Interessa-nos compreender a forma como a comunidade se organiza e conduz coletivamente suas demandas. Outro fator que nos instigou , foi a percepção do predomínio da cultura urbana nas escolas do campo.

A investigação foi feita por meio de observação de campo com permanência de três semanas na escola. Utilizamos ainda como instrumento para a coleta de dados a análise documental, pesquisa bibliográfica, entrevistas com

professores e alunos do Ensino Médio, com a secretária municipal de educação, pais de alunos, membros da comunidade, e ainda com pessoas ligadas a outras formas de educação. Contamos com o acompanhamento constante da orientadora deste ensaio monográfico.

Durante a realização do presente trabalho, tivemos todo cuidado para não deixar que fossem tomados sentidos e expectativas diferentes que pudessem prejudicar os objetivos propostos, que consistiam em saber se a educação oferecida hoje na Escola (Rural) Cirila Francisca da Silva, contempla os interesses da comunidade a qual atende e se a formação dos professores é fator que interfere no trabalho docente da escola rural. Procuramos saber ainda se a prática evidenciada na escola vem ao encontro dos interesses da referida comunidade ou se há antagonismos entre elas.

Para a pesquisa, do ponto de vista metodológico, foram priorizadas as formas de abordagem individual onde cada sujeito foi entrevistado separadamente, com a máxima discrição e respeito aos atores envolvidos. Por motivos éticos, não serão citados os nomes. Todas as pessoas entrevistadas serão codificadas por letras e números.

Foram entrevistados quatro alunos do ensino médio que serão identificados por 1, 2, 3, e 4. Também foram entrevistados quatro professores que serão chamados de professor A, B, C e D. Os membros da comunidade que se constituíram como sujeitos da presente pesquisa serão chamados por X, W, Y e Z. Entrevistamos ainda dois professores do MST, que serão identificados como militantes do Movimento.

As entrevistas foram semi-estruturadas, gravadas e transcritas, observando-se os critérios de fidelidade ao dito. Também foram respeitadas as condições ideais de ambiente de modo que as gravações não ficassem

comprometidas. A observação foi direta, não participante, onde o observador, neste caso a própria pesquisadora se limitou a acompanhar as aulas e registrar os fatos.

CAPÍTULO I

EDUCAÇÃO RURAL:

UM CAMINHO PARA A FIXAÇÃO DO HOMEM NO CAMPO

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A expulsão do homem do campo, ocasionada pela ausência de políticas de educação e agrária, tem causado a grande maioria dos problemas nas cidades brasileiras. É lamentável, que em pleno século XXI, um país que aspira entrar para o bloco dos ricos e importantes, não tenha conseguido resolver o problema da terra e por conseqüência o da educação rural, coisa que todas as sociedades desenvolvidas já o fizeram.

Segundo Menezes & Barros (1999), a história da educação no Brasil que teve início em 1549, com a vinda dos jesuítas, permaneceu por mais de duzentos anos atendendo aos princípios religiosos da Ordem Jesuítica e à política de colonização criada por D. João III.

Durante o período imperial, a educação, bastante fragmentada, fazia-se ao sabor dos interesses pessoais e políticos do poder, tanto da burguesia nacional, quanto das classes ligadas ao capital estrangeiro.

De lá para cá o ensino sofreu várias reformas, visando a "regeneração" do sistema educacional. Segundo Freitag (1980), os diferentes e importantes momentos da história da educação brasileira, dividem-se em três períodos com características bem específicas: o primeiro abrange o Período Colonial, o Império e a 1ª República (1500/1930), período caracterizado pelo modelo agroexportador da economia brasileira. O segundo período que vai aproximadamente de 1930 a 1960, foi o modelo correspondente à substituição das importações e o terceiro, de 1960 até nossos dias é o período da "internacionalização do mercado interno".

No primeiro período, da agro-exportação, caracterizado pela monocultura especialmente do café, não era dada a devida importância à educação, uma vez que havia pouca exigência de qualificação de mão-de-obra, que era pouco diversificada, pois quase todo o trabalho era feito por escravos trazidos da África para este fim, sendo substituída parcial e posteriormente pelos imigrantes europeus.

A interferência do Estado na política educacional durante este período, era praticamente inexistente visto que, segundo Freitag (1980:47) *não havia nenhuma função de reprodução na força de trabalho a ser preenchida pela escola.*

Nessa perspectiva vemos que a escola não exercia nenhuma importância na vida do cidadão.

Das reformas realizadas na primeira república, destacaram-se as de São Paulo – 1830/93 – com a elevação do nível da Escola Normal e a criação dos "grupos escolares" servindo de modelo às demais unidades da Federação. As escolas normais desempenharam um papel fundamental na educação feminina, sendo a primeira profissão "respeitável" exercida pela mulher, oportunizando o seu ingresso no mercado de trabalho, crescimento cultural e o acesso a outras profissões.

Nesse momento da história a hegemonia era exercida pela igreja católica, através da educação, favorecendo as classes dominantes em detrimento das classes subalternas, mesmo depois da expulsão dos jesuítas no fim do século XIII.

As mudanças sociais ocorridas no período colonial foram poucas. Somente com o advento da industrialização e a intensificação do movimento migratório dos rurícolas para as cidades, por volta de 1910/20, foi que a sociedade brasileira despertou para a criação de um movimento que pudesse promover a fixação do homem ao campo. Um dos caminhos para esta permanência era a educação. Surgiu então o "Ruralismo Pedagógico" que segundo Maia(1982), pretendia um modelo de escola dentro das condições locais regionalistas, cujo

objetivo maior era evitar o êxodo rural. O ruralismo era apoiado por alguns segmentos das elites urbanas que temiam a explosão de problemas sociais nos centros citadinos.

Em 1919 foram criados pelo governo federal os "Patronatos Agrícolas", não com o objetivo de formação e qualificação de mão-de-obra rural, mas destinados à recuperação de menores desvalidos.

A educação foi vista como instrumento de reconstrução social, política e moral, a partir dos anos 20, quando houve um amplo movimento de valorização do ensino (Freitag,1980).

O ruralismo permaneceu até 1930 e as mudanças só aconteceram em conseqüência da vulnerabilidade do modelo agro-exportador, sujeito às crises econômicas internacionais. Este contexto traz indícios de uma mudança mais profunda no modelo vigente, tanto econômico quanto educacional. Para Leite (1999), dois movimentos fortes contribuíram para que tal fenômeno acontecesse: as tendências escolanovistas em educação lançadas pelos Pioneiros da Educação Nova e as novas tendências sociais e políticas advindas de reivindicações urbanizantes desde a década de 1920.

Somente no começo da Nova República, o Estado dá seus primeiros passos rumo à uma política educacional estatal. Getúlio Vargas cria o Ministério da Educação e Saúde e como o ideário do Estado Novo era o equilíbrio social através da instalação de um projeto industrial, a escolarização urbana passou a ser prioridade porque fazia parte desse ideário.

O ensino rural foi o que menos se expandiu. Mesmo o Brasil apresentando-se como um país preponderantemente agrícola, sobressaiu-se o ensino comercial, ficando o processo escolar rural descontínuo e desordenado como sempre fora.

Conforme dissemos anteriormente, com a queda da República velha, o país sofreu grandes mudanças sociais, políticas e econômicas, ocorridas a partir da revolução de 1930.

A crise cafeeira, a diversificação da produção agrícola e a implantação dos vários ramos da indústria, foram decisivos para que ocorressem mudanças no sistema educacional, pois carecia de mão-de-obra qualificada para lidar com esta nova realidade. Para Freitag (1980), neste período a sociedade política conscientizou-se da importância da educação como estratégia de mudanças estruturais.

Com o fim da oligarquia, o governo passa a atuar de forma mais definida no processo de ensino do país. Da criação em 1930, do Ministério da Educação e Saúde Pública decorre em 1931, a formação do Conselho Nacional de Educação, órgão destinado a dar assessoria ao então ministro da educação, Gustavo Capanema.

A centralização do sistema de ensino consolidou-se com a Constituição de 1937, quando foram atribuídas à União, todas as atividades referentes à educação. Neste mesmo ano, foi criada a Sociedade Brasileira de Educação Rural, com o objetivo de expandir o ensino, assim como preservar a arte e o folclore rural. Assim *O sentido de contenção que orienta as iniciativas no ensino rural se mantém, mas, agora, coloca-se explicitamente o papel da educação como canal de difusão ideológica.* (Maia, 1982: 28).

Neste período, não aconteceu nenhuma mudança significativa para a educação rural. As discussões só foram retomadas após a II guerra, em meados da década de 1940. Em conformidade com a política norte-americana, foi criada a Comissão Brasileiro-Americana de Educação das Populações Rurais-CBAR, com o objetivo de "adestrar" as populações campesinas, utilizando métodos de "capacitação massiva", que segundo Leite (1999), eram métodos pós-guerra.

Foram criados Centros de Treinamentos, Clubes Agrícolas e Conselhos Comunitários Rurais, com técnicos norte-americanos especialistas em educação e Extensão Rural que por meio de seminários, dias-de-campo, encontros e debates, problematizaram as condições de vida das populações rurais e a educação foi colocada como ponto fundamental para o processo de expansão e desenvolvimento do país.

O VIII Congresso Brasileiro de Educação, em 1942, reforçou a escolarização rural, uma vez que enfatizou as tendências nacionalistas burguesas do Estado Novo, sem, contudo definir claramente os obstáculos da produção agrícola brasileira e da própria educação rural, apesar da percepção do alto índice de analfabetos na zona rural e o crescente movimento migratório, o que teve como conseqüência a escassez de mão-de-obra no campo e a redução da produção agrícola, evidenciando a necessidade de equalização sócio-econômico e cultural no país, (Leite, 1999).

Para a operacionalização das ações da CBAR, foi criado, posteriormente (1948), em Minas Gerais, sob o patrocínio norte-americano, a Associação de Crédito e Assistência Rural –ACAR-, (futuras EMATER's em todo o Brasil) através de um programa de Extensão Rural, que tinha a empresa familiar como base de "sua" ação educativa, com o objetivo de transformar a realidade rural através de um "eficaz" e intensivo programa educativo de base, no qual eram disseminados conhecimentos nas áreas de agricultura, economia doméstica e organização social.

O método de "capacitação massiva", em sistema de convivência persistiu durante muito tempo e com alguns ajustes, continua a ser utilizado até hoje. A exemplo disso, tivemos em nossa região, por meio da Extensão Rural, na Gleba Mirassolzinho, município de Jauru, de 02 de maio a 02 de junho de 1989, o

"Laboratório Organizacional de Terreno", com recursos do Banco Mundial, através do Programa Polonoroeste. As famílias de pequenos produtores eram "confinadas" em um espaço coletivo, que segundo os mentores do projeto, técnicos da EMATER/MT (Empresa Matogrossense de Pesquisa e Extensão Rural) e da FAO(Fundo das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação), o objetivo era:

> *(...) introduzir no grupo social a consciência organizativa; esta, só surge mediante a prática da divisão social do trabalho que se estabelece no processo de cooperação desenvolvido por um mínimo aproximado de quarenta pessoas e pelo máximo de pessoas que as instalações comportarem, isso independentemente dos seus níveis de educação que, aliás, poderão ser dos mais variados.*

O programa de Extensão Rural tinha ainda características de ensino informal, com proposta diferenciada e às vezes incompatível com o caráter centralizado e curricular do ensino escolar. Para Leite (1999: 34)

> *O projeto em si apresentava um modelo de educação e de organização sócio-produtiva que permitia a proliferação de um tipo de escolaridade informal, cujos princípios perpetuavam a visão tradicional colonialista-exploratória, só que, doravante, com uma rotulação liberal moderna: desenvolvimento agrário.*

Entre 1942 e 1946, por iniciativa do Ministro Gustavo Capanema, foram promulgadas as Leis Orgânicas que regulamentaram, detalhadamente, todos os ramos e modalidades de ensino, embora as do ensino normal, primário e agrícola, mesmo projetadas como as demais, só foram contempladas após a ditadura Vargas.

A redemocratização do país acontece após a queda da ditadura Vargas. Com a Constituição de 1945 é retomada a descentralização do ensino, ficando à União a incumbência de legislar sobre "As Diretrizes e Bases da Educação Nacional", retornando aos Estados a tarefa de organizar seus sistemas de ensino, a partir de princípios gerais como a obrigatoriedade e gratuidade do ensino primário e

o direito de todos à educação. Entretanto, apesar da descentralização da constituição de 45, aos Estados, esse direito só aconteceu de fato, com a Lei de Diretrizes e Bases, aprovada em 1961, depois de tramitar pela Câmara Federal desde 1948. Nesse ínterim estiveram em jogo os mais diversos interesses.

Segundo Freitag (1980), a fase de 1945/64 caracterizou-se pela contradição de tendências populistas e antipopulistas, alianças entre o empresariado e as classes populares e pela entrada do capital estrangeiro no país, substituindo as importações, apesar do setor produtivo satisfazer as necessidades do mercado interno.

No início da década de 1950, foram criados o Serviço Social Rural (SSR) e a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), cujos objetivos eram o desenvolvimento de projetos para a preparação de técnicos destinados à educação de base rural e programas nas áreas de saúde e social, visando a melhoria de vida das populações do campo.

Segundo Leite (1999), a CNER não cumpriu o seu papel pois não inseriu em suas discussões os verdadeiros mecanismos da problemática rural, porque *desconsiderou as contradições naturais dos grupos campesinos, ou mesmo seus elementos integrativos, quer políticos, sociais ou culturais.*

Vemos que a política educacional desse período teve como "marco" a luta pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que após delongada discussão, foi sancionada em dezembro de 1961 (LDB Lei 4.024). Com isso o sistema educacional teve um avanço significativo no que tange ao aspecto pedagógico, eliminando o dualismo administrativo, além de incluir outras disciplinas no currículo, o que permitiu a expansão de processos informais de aprendizagem.

No entanto, no que diz respeito a estrutura do ensino, a LDB* não trouxe grandes inovações pois continuou com as grandes linhas da organização anterior, rechaçada ainda pelo regime militar instalado em 1964, ficando o planejamento da educação a cargo do Ministério do Planejamento que segundo Leite (1999), omitiu-se quanto à escola do campo, deixando-a sob a responsabilidade dos municípios que na grande maioria, sem recursos humanos e financeiros, deixavam que a educação rural entrasse num processo de deterioração, isto porque submetiam-na aos interesses urbanos.

Mesmo com a promulgação da Lei 5.692/71, que tratava da reforma de ensino de primeiro e segundo graus, a educação rural não foi contemplada a não ser com algumas sugestões pedagógicas ou programas educacionais, como a Extensão Rural, pelo Ministério ou Conselhos de educação, mas sem objetivamente desenvolver uma política educacional específica para as regiões campesinas.

Com características de ensino informal, a Extensão Rural surgiu no Brasil em 1948, com o objetivo imediato de combater a carência, a subnutrição e as doenças e outros fatores negativos que assolam a sociedade rural, primando pela organização comunitária dos camponeses.

As várias crises no setor, serviram para aumentar a consciência sobre a importância estratégica da agricultura familiar, sob o ponto de vista político, econômico, social e ecológico. Apesar dos inúmeros erros, houve também acertos. Hoje, a Assistência Técnica e Extensão Rural, está presente em 93% dos municípios brasileiros e é vista, na grande maioria destes como um processo educativo, sistemático, permanente, e de forte interatividade com os diversos segmentos do setor.

---

* LDB, Lei Nacional de Diretrizes e Base da Educação.

Entretanto, como em todo processo educacional voltado às populações rurais, há a falta de apoio necessário e a descontinuidade de sustentação financeira e política, uma vez que os governantes não garantem a qualidade deste serviço, o que leva à sociedade, em especial a campesina, ao descrédito desta política pública.

De modo geral, as transformações ocorridas no sistema de ensino, especialmente com relação à educação rural, deixaram muito a desejar. Há uma dívida histórica para com as populações do campo uma vez que, mesmo sendo a agricultura uma das atividades humanas fundamentais para os grupamentos sociais em todo mundo, um dos problemas mais sérios do campo, hoje, no Brasil, é a quase total ausência de políticas públicas que garantam seu desenvolvimento em formatos adequados à melhoria da qualidade de vida das pessoas que ali vivem e trabalham.

Sabemos que as mudanças institucionais na sociedade sempre acontecem em meio a embates político-ideológicos, o que envolve liberais e conservadores. Certamente, após tantos apelos sociais por mudanças na educação, é que finalmente as Leis 4.024/61 e 5.692/71 foram substituídas pela nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, sancionada pelo atual presidente da República Fernando Henrique Cardoso, em dezembro de 1996. Segundo Leite, 1999:54 essa lei *promove a desvinculação da escola rural dos meios e da performance escolar urbana, exigindo para a primeira um planejamento interligado à vida rural e de certo modo desurbanizado.*

Institucionalmente o ensino básico ficou sob a responsabilidade dos municípios e *deverá adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas, a critério do respectivo sistema de ensino, sem com isso reduzir o número de horas letivas previsto nesta lei. (Brasil/MEC, LDB 9.394/96 art. 23, § 2º).* O sistema de ensino deve favorecer a escolaridade rural com base na sazonalidade do plantio/colheita e outros aspectos sócio-culturais do campo.

O artigo 28 desta LDB, dispõe sobre a necessidade de adaptação da matriz curricular às exigências das escolas do campo, no que tange à organização e à estruturação do ensino fundamental.

A LDB n. 9.394/96 dá autonomia às escolas para elaborarem seus Projetos Político Pedagógicos, com base em suas realidades. No entanto as escolas deverão obedecer a uma base comum como diz o art.26. Não há conteúdo programático a ser seguido e nem livros obrigatórios a serem adotados, os currículos podem ser substituídos. Cabe aos profissionais da educação selecionar o quê e como trabalhar os conteúdos disciplinares que sejam significativos à sua clientela. Nesta nova perspectiva, é necessário que o professor esteja preparado para o trabalho em equipe e à tomada de decisões que levam a escola a assumir novos papéis.

É importante salientar a diferença deste modelo, que tem como sustentação a consciência ecológica e a preservação dos valores culturais, sociais e políticos da população campesina, do modelo urbano/industrial das décadas de 1960 a 1980.

Para Leite (1999), ainda existem aspectos preocupantes quanto à escola do campo e que precisam ser considerados. Enumeramos abaixo os principais problemas indicados pelo autor anteriormente referido:

- *Quanto aos aspectos sócio-políticos* existe a baixa qualidade de vida na zona rural; a desvalorização da cultura rural com forte infiltração da cultura urbana no campo, o que altera os valores sócio-culturais campesinos.
- *Quanto à situação do professor:* temos a formação essencialmente urbana do(a) professor(a), professores(as) leigos(as), problemas de transporte e moradia, baixos salários e tríplice função: professor(a)/merendeiro(a)/faxineiro(a).

- *Quanto à clientela da escola rural* há a condição do aluno como trabalhador rural, que enfrenta longas distâncias entre moradia/trabalho/escola, os discentes são de idades heterogêneas e possuem baixo poder aquisitivo, uma vez que são oriundos das famílias rurais, têm pouco acesso às informações gerais.
- *Quanto à participação da comunidade no processo escolar* as famílias, embora tendo a escolaridade como valor social, estão sempre distantes das ações da escola.
- *Quanto à ação didático*-pedagógica há a inadequação do currículo, sempre voltado para a realidade urbana; as salas são multisseriadas e existe a dissonância do calendário escolar com a sazonalidade da produção, há ainda a falta de material de apoio escolar.
- *Quanto às instalações físicas da unidade escolar essas* quase sempre são precárias e sem condições para o desenvolvimento das ações pedagógicas.
- *Quanto a política educacional rural há* a ausência de recursos humanos, materiais e financeiros o que dificulta um trabalho mais eficiente nos municípios.

Junta-se à toda essa problemática, a desilusão da sociedade que segundo Perrenoud (2000), deixou de acreditar que a educação possa melhorar o futuro. A exemplo disso, ouve-se com freqüência "não adianta estudar, porque tem milhares de pessoas com diploma embaixo do braço e nem emprego conseguem". Outro aspecto importante é a decepção dos professores com a *degradação de sua imagem social* e a angústia de muitos docentes que acostumados com a linearidade

curricular, têm que repensar a organização de práticas pedagógicas que atendam às expectativas de seus alunos.

De um modo geral, a problemática ligada à educação continua, não apenas no meio rural. Constatamos que no campo a situação torna-se mais crítica à medida que o mesmo vem sendo desqualificado, sistematicamente, como espaço de prioridade para implementação de políticas públicas que possam trazer melhoria no sistema educacional para as populações campesinas.

Somos sabedores das muitas experiências inovadoras, de raízes populares, coladas ao movimento de renovação pedagógica, espalhadas pelo Brasil. Essas iniciativas, quase sempre partem da sociedade civil, de ONGs (Organizações Não Governamentais) e Organizações Religiosas.

Os investimentos governamentais para projetos "específicos" nesta área são muito tímidos. Temos, hoje, patrocinado pelo MEC, a Política de Desenvolvimento e Organização da Educação à Distância, que através de programas televisivos e via internet, apresentam programas como a *TV Escola* que oferece formação à distância para os educadores da rede pública de ensino básico em todo o país, para utilização de tecnologias de informação e da comunicação, em especial as audiovisuais e *Um Salto para o Futuro;* um programa totalmente interativo, que utiliza diferentes mídias: TV, Internet, fax, telefone e material impresso. Este programa tem como proposta a formação continuada do professor de Ensino Fundamental e Médio. Constatamos que mesmo contando com 800 telepostos distribuídos por todo o Brasil, o programa Um Salto para o Futuro é um método que poucos professores rurais têm acesso e não são programas específicos para as escolas do campo.

O investimento do governo para a formação quer docente ou discente, não tem levado em consideração as especificidades da população rural. Apesar do

processo de luta, muitas vezes contraditório, dos camponeses não ser uma história recente, são poucas as referências sobre a relação entre movimentos do campo e demandas por escola, como parte fundamental para a melhoria das condições de vida das famílias do campo.

Os movimentos de Canudos e Contestado no final do século XIX, as Ligas Camponesas e Máster (Movimento dos Agricultores Sem Terra) em 1950 e 1964, foram algumas das poucas experiências em que trabalhadores rurais se organizaram em busca de melhores condições de trabalho e vida, mas apesar da luta não surtiram o efeito desejado pelos camponeses.

Vemos que tais movimentos não foram em vão. Temos hoje, exemplos de trabalhos frutíferos no campo da diversidade cultural. Um desses exemplos está na Amazônia. Os povos da floresta amazônica, índios e seringueiros, estão organizados legalmente em movimentos no campo desde a década de 70, numa atuação ampla e diversificada, que vai desde a luta fundiária até as reivindicações pela extensão dos serviços de saúde e educação. O movimento que forma a "Aliança dos Povos da Floresta", especialmente no Acre, exerce pressão e tem repercussão internacional nas lutas ambientalistas e no questionamento do modelo capitalista de desenvolvimento e ocupação territorial.

As escolas da floresta, ainda que públicas e de responsabilidade da União, são diferenciadas na sua formulação curricular e na formação de seus educadores. Estas escolas foram implantadas e são mantidas por agências financiadoras nacionais e internacionais e para trabalhar nas escolas, foi criado, em 1983, no Acre, um curso de formação de monitores indígenas. As organizações não-governamentais tiveram papel relevante no desenvolvimento dessas experiências. (PROPOSTA, n. 52, 1992)

A atuação do movimento indígena junto à sociedade e ao Estado, resultou na inclusão do texto da nova Constituição *são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças, tradições...(art. 231).* Em 1994, foram divulgadas oficialmente pelo MEC as Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena, nas quais eram estabelecidos os princípios para a prática pedagógica em contextos de diversidade cultural. Essas diretrizes foram reforçadas pela LDB/96, art. 78.

Por ocasião da Conferência Ameríndia de Educação e do Congresso de Professores Indígenas do Brasil, realizados em Cuiabá, em novembro de 1997, professores de oitenta e quatro etnias defenderam uma educação diferenciada para as suas sociedades. A partir dessas mobilizações, nasceram os Projetos: *Tucum* (1996), organizado em quatro pólos regionais; *Pedra Brilhante* (1997); dois outros Projetos (em fase de elaboração). Esses projetos formarão professores em nível médio (magistério), de dezessete etnias e o 3° Grau Indígena, projeto inédito no Brasil, com início das atividades acadêmicas em 02 de julho de 2000, no campus da UNEMAT de Barra do Bugres/MT.

Indo para o campo específico da formação para a população rural, já existem alguns programas sendo desenvolvidos. As *Escolas Família Agrícola* (EFAs) são modelos alternativos criados com o objetivo de promover a educação do jovem agricultor, conservando-o em sua propriedade familiar e contribuindo de forma concreta para a diminuição do êxodo rural.

As EFAs, também chamadas de Casa-Escola, têm seu currículo adaptado ao calendário agrícola dependendo das necessidades de cada região. Essas escolas trabalham com a metodologia da alternância em que os alunos ficam um período em casa e outro na escola. O período em que ficam com a família, é considerado como estrutura fundamental no processo educativo.

Segundo os educadores e educadoras, a metodologia da Alternância instiga no jovem o gosto pela educação permanente, porque estimula ao desenvolvimento técnico e comunitário e dá-lhe possibilidades de desenvolver-se dentro da sua realidade e de acordo com suas potencialidades.

Os princípios da Pedagogia da Alternância são os fenômenos da natureza que acontecem de forma alternada: dia e noite, o primeiro para o trabalho e outro para o descanso; sol e chuva, fenômenos alternados que trazem vida para os seres vivos; calor e frio, que possibilitam o crescimento rápido das plantas. Assim é a Escola Família, quinze dias na escola e quinze dias na família/comunidade.

As EFAs estão espalhadas em quinze Estados do Brasil, com exceção dos Estados do Sul, num total de noventa e sete unidades e trinta e duas em implantação. (APAEFAC*, 2000).

Um aspecto da questão rural que está relacionado à educação e que tem se destacado como relevante é o movimento pela terra. A intensa mecanização da agricultura, introduzida pelos governos militares na época em que o país vivia o chamado "milagre brasileiro", no final da década de 70, culminou numa crise de desemprego no campo, quando arrendatários, parceiros e assalariados do campo foram dispensados dos latifúndios.

Os agricultores, sem terra e sem trabalho, começaram a se organizar em busca de sobrevivência. Esses eram apoiados pela Igreja Católica, especialmente aquela presente na atuação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e começaram a se articular construindo novas estratégias de luta pela terra, o que resultou na criação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), um dos movimentos sociais que tornou-se uma referência como exemplo de luta e de organização, sempre que estiver em questão a conquista de direitos e a busca de mais dignidade para todos.

Para o MST, que *questiona as estruturas sociais e a cultura que as legitima (e) interroga a sociedade,* a escola é uma questão política e faz parte da estratégia de luta pela Reforma Agrária, vinculada às preocupações gerais do Movimento com a formação dos sujeitos.

Na visão de Caldart (2000), o MST incorporou a luta pela escola em sua dinâmica cotidiana, por entender que a escolarização dos trabalhadores e trabalhadoras do campo não é prioridade no Brasil. Isto porque as famílias campesinas não são tratadas como sujeitos da educação nas discussões pedagógicas.

O referido movimento iniciou o trabalho com a educação escolar, pressionado por um lado pelas famílias e lideranças de cada acampamento e assentamento que consideravam a escola como porta de entrada para um futuro melhor e por outro pelas professoras, que acreditavam que a educação não podia ser como antes. Para isso teriam que assumir a tarefa de educar as crianças dentro de uma proposta pedagógica diferente.

Hoje o MST possui uma coordenadoria nacional especializada na educação do campo, tem convênio com mais de cinqüenta Universidades em todo o país e parceria com organismos como: Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Junto a esses parceiros, especialmente a Universidade de Brasília (UNB), desenvolve diversos projetos educacionais para o meio rural. Entre eles, a formação superior para educadores. Em nossa região, mais precisamente em Cáceres-MT, está encerrando a última etapa do curso de graduação para os educadores que trabalham na área de educação nos acampamentos e assentamentos,

---

* APAEFAC, Associação dos Pais e Alunos da Escola Família Agrícola de Coroatá/MA

o que eles chamam de "Pedagogia da Terra". O curso é uma parceria do MST, UNEMAT e PRONERA*, vinculado ao INCRA*.

As escolas do Movimento têm como referencial o método de Paulo Freire que trabalha a partir de um tema gerador.

Numa entrevista realizada com uma professora militante do MST do Paraná, ela falou da experiência de uma escola em Francisco Beltrão, na região sudoeste do Estado, no assentamento "Missões". Segundo ela, mesma a escola sendo mantida pelo município, eles conseguiram implementar a pedagogia do Movimento.

A escola é dividida em dez núcleos de base, (como no assentamento), na qual todos têm função: saúde, segurança, lazer, finanças e outros. Todos os problemas da escola são discutidos em assembléias e a partir dessas situações-problemas é que se toma as decisões. Nas palavras da professora: *a gente ta conseguindo desenvolver uns trabalhos mais de acordo com a nossa pedagogia.*

Para o MST não basta ter escolas no campo; é necessário um projeto político-pedagógico que esteja vinculado às causas, à história e à cultura do homem do campo. Uma proposta de educação que respeite a identidade do meio rural não só como forma cultural diferenciada, mas como fator efetivo no projeto de desenvolvimento do campo. Para o Movimento, a discussão sobre educação rural não pode tratar dela somente. Deve estar "dentro" da problemática mais ampla do campo.

O espaço rural deve ser caracterizado como suporte de uma multiplicidade de funções que não seja apenas aquela tradicional função de albergar a família rural e a produção alimentar dada ao setor agrícola. Este espaço torna-se cada vez mais disputado (especialmente por organismos internacionais), por um conjunto de novas funções: a criação de unidades de preservação e conservação da

* PRONERA, Programa Nacional para Educadores da Reforma Agrária.
* INCRA, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

natureza, devido a crescente depleção dos recursos naturais (água, ar, solos, biomassa, biodiversidade e paisagem), o desenvolvimento local de preferência, sustentável e a descentralização da população dos centros urbanos, são alguns dos requeridos apelos ao espaço rural para resolver ou aliviar os problemas sócio-ambientais.

Vemos que as iniciativas inovadoras já citadas, em sua grande maioria, nasceram das raízes do campesinato brasileiro e nos mostra um caminho possível.

CAPÍTULO II

UM OUTRO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO RURAL

De acordo com a perspectiva apresentada no capítulo anterior, vemos que um dos possíveis caminhos para se debruçar um outro olhar sobre a educação rural está na Escola Municipal (Rural) "Cirila Francisca da Silva", objeto desta pesquisa.

Pautado num compromisso social, este trabalho tem como principal objetivo, buscar meios que possam contribuir para a melhoria do sistema de educação/produção, elevando o nível de vida das famílias da comunidade Rio Alegre, em todos os aspectos, pois *a educação é um fator de fundamental importância para a condução do crescimento econômico rumo à melhoria da qualidade de vida e da consolidação da democracia (Demo, 1996: 24).*

A Escola "Cirila Francisca da Silva" está localizada em uma área de reforma agrária, no Projeto de Assentamento (PA) Rio Alegre, no município de Pontes e Lacerda. Foi fundada em 08 de fevereiro 1999 e conta, atualmente, com 501 alunos. A escola além de atender toda a gleba Rio Alegre, atende também às comunidades circunvizinhas como, Coronel Ary, Cerro Azul e outras.

Até a década de 1980 a Agropecuária Rio Alegre era uma fazenda de propriedade privada, destinada à pecuária de corte, tinha uma área total de 12.506.7864 hectares. Destes, 3.630 hectares eram pasto. Em toda a área existia apenas oito residências; uma era destinada à sede e as outras sete eram para moradia dos funcionários da fazenda. (INCRA)*

---

* Dados obtidos através do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

No final da década de 80 começaram as tentativas de "invasão". Inicialmente com medidas violentas tipo emboscadas seguidas de tiroteios, mas sem vítimas fatais.

Segundo o produtor rural X, da Comunidade Santa Isabel, no Assentamento Rio Alegre, os posseiros só conseguiram entrar na área em 1990. Desde então, começaram a se organizar e procurar apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), para que juntos, conseguissem a liberação da área que só foi desapropriada pelo governo federal em 93/94, tornando-se uma posse pacífica.

A área continua, até hoje sem ser demarcada e as famílias sem os títulos definitivos das propriedades, o que impede-lhes de efetuar qualquer negociação formal inclusive o acesso a crédito, a não ser os específicos para as áreas de reforma agrária.

A comunidade começou então a organizar-se por meio de associações e empenhou-se na luta em busca de melhorias para o assentamento.

A primeira escola multisseriada, foi construída em regime de mutirão pelas famílias, foi coberta com folhas de babaçu e toquinhos de madeira que serviam de carteiras para as crianças.

A partir daí, segundo os produtores entrevistados, as formas de organização foram se consolidando e com apoio e assessoria de Organizações Não Governamentais (ONGs) como a FASE*, CTA**, Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) e Central das Associações (CA), foram criadas três associações: Rio Alegre, Mina do Ouro e Nossa Senhora do Rosário que têm desenvolvido um trabalho de extrema importância em prol dessas comunidades.

---

* FASE, Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional.
* CTA, Centro de Tecnologia Alternativa.

A Escola "Cirila" nasceu dessa luta. Podemos constatar isso no depoimento de produtores rurais da região (...) *e daí a gente sentiu a necessidade, que precisava ter um colégio pra ensinar até a oitava série e o segundo grau (Produtor X).* Em consonância com a referida afirmação, o produtor Y argumenta: *a escola nasceu através da comunidade.*

A Escola (Rural) "Cirila Francisca da Silva", hoje, conta com ensino fundamental e médio e atende aproximadamente a quinhentos e um alunos. Tem uma área construída de metros quadrados, dez salas de aula, uma pequena cozinha, oito banheiros, uma secretaria, uma sala de professores com banheiro, uma quadra de esportes, uma sala de informática e uma casa (de madeira) para o guarda.

A estrutura física construída não é suficiente para atender a demanda; algumas turmas são atendidas na sede da Associação de Produtores Rurais, na Igreja Católica, na sala da antiga escola, além de não ter um refeitório. É importante acrescentar que no início da pesquisa a escola contava com apenas oito salas de aula; recentemente foram construídas mais duas salas, deixando desocupada a sede da Associação de Produtores Rurais Rio Alegre.

A escola conta com um quadro de funcionários distribuídos em: um diretor geral, dezoito professores, um coordenador pedagógico, uma secretária, duas faxineiras, duas merendeiras e um guarda.

Todos os professores do Ensino Médio têm curso superior e estão qualificados para as suas devidas áreas de atuação. O diretor foi eleito pela comunidade e é perceptível o relacionamento harmônico e a forma democrática com que são tratadas as questões educacionais entre a comunidade escolar, o Conselho Escolar e as famílias dos alunos.

Esses (e outros que discorreremos na seqüência) são alguns dos aspectos que diferenciam a Escola Cirila Francisca da Silva da grande maioria das

escolas "colocadas" no campo. São fatores dessa natureza que possibilitam-nos pensar num Projeto Político Pedagógico diferenciado de educação rural para aquela comunidade.

Em toda a história da educação no Brasil, sempre que se fala em escola rural, pensamos em escolas agrícolas ou logo nos reportamos para as estruturas precárias, professores sem a devida qualificação e outros problemas inerentes à referida causa. Na verdade, esta é a realidade de grande parte dos municípios brasileiros.

Para nós, assim como para alguns estudiosos como Leite (1999), o processo educativo do campo está numa dimensão mais ampla. Pensar a escola rural é pensar o homem rural, sua historicidade, seu espaço como cidadão; é pensar este homem como profissional no seu processo produtivo, a sua formação, comprometimento e interferência sócio-política.

A seguir, faremos uma leitura (interpretação), realizada com certa criticidade na Escola Cirila Francisca da Silva, com a intenção de sempre que possível questionar, esclarecer, aprofundar e tentar de alguma forma, contribuir para a superação de alguns "modelos pedagógicos" antagônicos à problemática mais ampla da educação rural. Procuramos incluir neste contexto, propostas que venham ao encontro das necessidades das comunidades campesinas, em especial, no assentamento em questão.

Começamos por levantar questões ligadas aos aspectos sócio-políticos e culturais inerentes à escola, com o intuito de saber qual a visão que os diferentes segmentos têm a respeito do trabalho realizado.

Em entrevistas com professores(as), secretária de educação, alunos e membros da comunidade, procuramos compreender, dentre outras coisas:

– Como é trabalhada a questão agrária dentro da escola, uma vez que ela está localizada em um assentamento?

– Como são incorporados pela escola, o aprendizado de outras práticas educativas, dos diversos grupos culturais que vivem e trabalham nesta comunidade?

Com relação à primeira pergunta, todos os entrevistados responderam que a questão agrária não é trabalhada na escola, embora alguns professores achem importante abordá-la. O diretor afirma que *poderia estar trabalhando isso sim. Isso seria legal para os nossos alunos, até mesmo para que eles tenham conhecimento de seu próprio espaço social.* Outros entrevistados não têm conhecimento ou entendem que o assunto não caberia dentro de sua disciplina, (...) *eu, pra minha disciplina eu não trabalho (...) não tenho conhecimento.* (professora C).

A secretária de educação, acha que a Escola Cirila Francisca da Silva *não se vê como escola de assentamento.*

Os membros da comunidade quando questionados sobre a mesma temática, igualmente responderam que as questões sobre reforma agrária não eram trabalhadas e alguns colocaram sua opinião a respeito. Vejamos o que diz o seguinte entrevistado: *a partir do momento que o futuro dessas crianças vim conhecer o direito à terra, o direito à cidadania, dar valor nas terras, nós não vamos mais ter invasão de terras.* (produtorX).

Os pais que foram entrevistados, acham que é de extrema importância que a escola trabalhe estas questões para que os jovens além de conhecer o processo de luta pela terra, valorizem o que é deles. Segundo uma das entrevistadas, este conhecimento permite a eles

> *(...) poder aproveitar no sentido de uma vida mais estável, uma renda melhor (...) um fazendeiro, a entrada que ele tem, ou todo recurso que ele tem, nunca coloca no próprio município, mas fora dele. Nesse caso a comunidade que está às vezes*

> *morando na cidade, perde com isso* (trabalhadora rural Z).

É importante salientar que os alunos têm interesse pelo assunto como foi colocado pela professora D *eles mesmos falam sobre isso.* A mesma professora acha que este *ele é um assunto muito próprio (...) mas a gente fica mesmo em silêncio com relação a isso.*

Diante das afirmações anteriores vemos que a escola precisa ser mais do que escola. Teoria pedagógica e educação são mais do que os problemas *miúdos* que tanto preocupam os professores. A educação fica empobrecida quando são abandonadas idéias mais fortes que tanto estimulam os alunos. A reforma agrária acontece em um contexto social muito tenso, carente de nossa atenção, porque a partir desses elementos de tensão social que se constituem os novos sujeitos sociais, com novas formas de pensar e agir geralmente centradas no desenvolvimento humano.

Para o segundo questionamento, sobre a incorporação da cultura popular pela escola, as respostas foram divergentes; parte dos(as) professores(as) acham que escola e comunidade integram-se culturalmente, outros(as) deixaram claro que eles(as) estão trabalhando este processo. Para a secretária de educação, *(...) a escola é uma ilha nesses termos; embora ela tenha um relacionamento muito próximo com a comunidade (...) não percebo marcas do perfil cultural da comunidade dentro da escola.*

Considerando as respostas das pessoas entrevistadas, percebe-se que existe por parte da escola, um grande vazio em relação à proposição de associar a educação com outras questões de desenvolvimento sócio-econômico-cultural, fundamentais para a realização de práticas pedagógicas inclusivas e por conseqüência, transformadoras.

A questão agrária, defendida ou criticada pela sociedade é real. A escola não deve ficar indiferente aos interesses, à política, à cultura e à economia dos diversos grupos com os quais ela trabalha e aos quais ela atende. Os "assentados" da comunidade Rio Alegre têm consciência disso como bem falou um produtor entrevistado *se os professores não estão bem capacitados nessa área, que procure alguém pra dar palestras, pra orientar essas crianças que estão lá, como é que os pais deles chegaram até ali* (produtor X). Percebemos pela resposta que esse produtor, tem uma visão clara dos problemas sociais ligados à luta pela terra, acha que a falta de investimento no campo é um incentivo ao êxodo rural, e que a escola deve intervir por meio de capacitação adequada, pra que esses jovens se interessem mais por suas propriedades sem precisar disputar emprego nos espaços já saturados das cidades.

O desenvolvimento no campo só se dará por meio da combinação da educação com a reforma agrária e uma profunda transformação na política agrícola do país. Segundo o Ministro do Desenvolvimento Agrário:

> *(...) a reforma agrária é vista atualmente como pertinente para a introdução das populações rurais na reorganização política e social geral do País, no que é realmente um novo pacto que surge entre o Estado e a sociedade.* (Raul Jungmann, 2000).

Diante . do exposto, podemos perceber uma grande alteração dos valores do campo em consequência da forte infiltração da cultura urbana em detrimento da cultura rural embora esta se mantenha forte.

O outro aspecto mencionado por Leite (1999), diz respeito à situação do professor.

Um dos questionamentos da pesquisa sobre este item é se existe um processo especial de capacitação e qualificação de recursos humanos, em especial professores, para trabalharem na escola "do" campo?

Este foi um questionamento feito somente aos professores e todos responderam que não existe um projeto de qualificação voltado às questões mais ligadas ao campo para professores que trabalham nas escolas rurais. Alguns acreditam ser importante e até tentam adequar minimamente seus planejamentos à realidade daquela comunidade, como mencionou a secretária de educação. No entanto, outros, como a professora D, afirmam que *qualificar o professor só para área do campo é furada.*

A visão "distorcida" que a professora D tem do campo é de um espaço onde o trabalho possível para os jovens está restrito a: limpar, tirar leite, carpir, fazer queijo. Ao fazermos tal afirmação não queremos desmerecer quem faz esses trabalhos, uma vez que os consideramos tão dignos quanto aos demais.

Para a referida professora, os alunos sabem o que querem, *tem uma concepção totalmente aberta, não querem ficar aqui a vida inteira.* Essa assertiva dá-nos o entendimento que morar na zona rural é ter a mente fechada.

Num outro momento da entrevista, a professora fala que está preparando os jovens para o mercado de trabalho e que os mesmos não sonham *(...) em ficar simplesmente em fazendas,* porque jovem *gosta de cidade, festa, dança; jovens gostam de liberdade.*

Não sabemos o que a professora entende por liberdade. Talvez os efeitos da globalização sentidos através dos meios de comunicação, em especial a da televisão, que nos países que tem livre atuação, faz com que as pessoas recebam as mesmas informações, escutem as mesmas músicas, vejam as mesmas danças, as mesmas propagandas, usem as mesmas marcas de roupas. Isso faz com que mais e mais pessoas, principalmente os jovens, incorporem em sua "linguagem" cotidiana, palavras e hábitos que muitas vezes não compreendam sequer o sentido.

Sobre o efeito da globalização veremos o seguinte posicionamento:

> *O processo de globalização se dá não apenas através do domínio econômico e político, mas, fortemente, pela penetração cultural, onde se situa o papel da escola, enquanto elemento de consolidação da hegemonia (Garcia)*.*

O estilo de vida urbana, defendido pela professora D, faz-nos perder a nossa identidade nacional, local e familiar, sem contudo chegarmos à desejada identidade "cosmopolita. Neste sentido, o campo é marginalizado quando esta população é vista apenas como povo ignorante e atrasado a ser civilizado e modernizado somente por políticas vindas de fora.

Entendemos que os professores não devem ser penalizados por estarem deslocados das necessidades e das questões do trabalho no campo. A Escola Cirila Francisca da Silva, como todas as outras colocadas no campo, é atendida por professores(as) com visão urbana de mundo e que nunca tiveram uma formação específica para trabalhar com aquela realidade. Podemos constatar isso pelo questionamento da professora D: *pegar um professor e qualificar ele para trabalhar no campo, o que ele vai trabalhar no campo?*

Um dos diferenciais desta escola é que, nos moldes urbanos, ao contrário da maioria das escolas, dentro de sua proposta, desenvolve um trabalho de qualidade, estimulada pela integração que existe entre a escola e a comunidade. Nesta escola já não existe, como até bem pouco tempo, professores exercendo também funções de faxineiros(as) e merendeiros(as); seu quadro, como já dissemos anteriormente, é completo e qualificado.

Com relação aos alunos da escola rural, muitos deles ajudam os pais no sítio e a inadequação do calendário escolar com a sazonalidade da produção rural, diminui a mão-de-obra familiar, acentuando a diminuição do poder aquisitivo dessas

---

* Regina Leite Garcia, Professora Titular em Alfabetização na Universidade Federal Fluminense.

famílias. Sabemos que o trabalho rural é caracterizado pela participação da família no processo produtivo, raramente é utilizada mão-de-obra assalariada.

Outro fator que é importante notificar é o tempo que gastam muitos dos alunos para chegarem até à escola. Apesar de ter ônibus para transportá-los, alguns andam vários quilômetros para chegarem ao ponto de embarque, ficando, muitas vezes, metade do dia entre ir e voltar da escola. Há alunos que moram a até aproximadamente 80 quilômetros da escola.

A Partir dessa realidade, sabe-se que estes alunos não se alimentam de acordo com suas necessidades nutricionais, carecendo de uma "merenda" escolar reforçada.

Procuramos saber então como ocorre a aquisição da merenda escolar e fomos informados pela secretária de educação que a merenda é "adquirida em supermercados", tem ajuda da comunidade e de uma pequena horta cultivada na escola.

Sabemos que uma boa alimentação é base fundamental para o desenvolvimento físico e intelectual de todo indivíduo. No entanto, na maioria das escolas a Educação Alimentar só está presente através de ações pontuais, isso quando há conhecimento e disposição de algum professor, em geral o de ciências biológicas, ou através dos temas transversais que muitas vezes não são lembrados. Sabemos que quando acontece algum trabalho nesse sentido, o grupo realmente ligado às questões alimentares, que são as merendeiras, não são convidadas a participar.

Durante o período de observação na Escola Cirila Francisca, o que presenciamos é que a merenda escolar deixa a desejar tanto em quantidade como em qualidade e que raramente são utilizados os produtos da horta, exceto na alimentação dos professores, havendo até desperdício de determinadas hortaliças.

A idéia da horta escolar, especialmente nas escolas rurais, é muito importante pelo aspecto nutricional, no sentido de enriquecer a merenda escolar, como pela incorporação das práticas ligadas à terra. As práticas agrícolas* foi um dos pontos em que todos os alunos entrevistados colocaram como necessárias e até demonstraram um certo saudosismo em lidar com a terra. Nas palavras de um aluno: *a aula de Técnicas Agrícolas faz falta pra gente; porque com ela a gente aprendia a mexer com as plantas, com horta, com a terra, com os animais, etc.*(aluno 1).

Apesar das dificuldades muitas vezes encontradas pelos alunos, nas entrevistas, todos disseram que gostam muito daquela escola *(...) essa escola aqui é muito boa, eu gosto muito daqui...(aluna 3).* Um outro aluno acrescenta *(...) eu gosto do sítio, a escola também é muito boa aqui... (aluno 2).*

O projeto que tornou a Escola Cirila Francisca da Silva uma escola pólo é recente, por isso ainda conta com salas de alunos com idades heterogêneas, vindos de escolas rurais multisseriadas.

Nuclear esta escola, foi uma forma encontrada pelo governo municipal/Secretaria de Educação, com o intuito de melhorar a qualidade do ensino, visto que não seria possível, em curto período de tempo, melhorar o padrão educacional das pequenas escolas multisseriadas existentes naquela região. Para alguns educadores, como Arroyo, a nucleação não parece ser a melhor solução, porque as crianças não devem ser levadas para outros lugares, afastada do convívio da família, até pelo fato de que a criança chega à escola cansada e com sono. Para ele, *a escola tem que estar colada às raízes mais imediatas das vivências da infância.* (Arroyo, 1999).

Um outro fator que diferencia a Escola Cirila Francisca da Silva das demais escolas que conhecemos neste município, é a participação das famílias da

---

* Disciplina trabalhas anteriormente e extinta este ano da matriz curricular.

comunidade no processo escolar. Isso facilita as ações da escola que por melhor que ela seja, não consegue suprir a falta da família "dentro" da escola. Em nosso município esse envolvimento escola/comunidade ainda não é um fato comum e isso faz com que as escolas, enfrentem sérias dificuldades no que diz respeito a resolução de problemas com alunos dos quais os pais não se fazem presentes. Vimos que definitivamente não é este o problema da escola em questão.

O grande problema da Escola Cirila é encontrar espaço para acomodar o grande número de pais e mães presentes tanto em reuniões quanto em outras atividades promovidas pela escola. O diretor da escola acredita que esta parceria constitui um avanço muito grande para o desenvolvimento na educação. Em entrevista com o mesmo, uma de suas colocações foi: (...) *eu gosto muito de ser diretor nessa região aqui, pela participação da comunidade.* Todos os entrevistados foram unânimes com relação a participação da comunidade nas ações da escola. A opinião da Secretária Municipal de Educação é que (...) *eles são parceiros, eles apóiam a direção da escola nas ações pra que a escola caminhe bem ... a comunidade é de fato envolvida com a vida da escola.*

De fato, essa dinâmica social é fator fundamental para as mudanças necessárias na educação, em especial a educação do campo.

As divergências nas respostas aconteceram quando perguntamos aos entrevistados a que se atribui essa participação da comunidade na vida escolar, uma vez que, como já foi citado anteriormente, este não é um fato comum nas escolas, especialmente nas escolas rurais, onde a distância, muitas vezes, torna-se um grande obstáculo para essa "convivência".

A Secretária Municipal de Educação acha que esse fato deve-se ao perfil do diretor que *é uma pessoa extremamente democrática, no sentido pleno da palavra.* Os professores B e C acham que essa participação maciça da comunidade

nas ações da escola é pela preocupação dos pais com o futuro de seus filhos. A professora D acha que essa integração se dá porque *nós falamos a mesma língua.* Resposta, no mínimo, contraditória, visto que essa professora em sua fala anterior, acha que um projeto específico de educação para o campo é *furada.*

Para o aluno 1, isso acontece porque a comunidade tinha uma vivência de trabalhos coletivos *eles tinham conhecimento antes das associações e outras coisas.*

O diretor acrescenta que além da empatia que existe entre escola e comunidade, essas ações coletivas não são fato recente, *acredito que esse trabalho já tinha sido feito antes, eu acho que a comunidade já era bem trabalhada.* O diretor ainda menciona a sua surpresa com o nível de organização comunitária encontrado, quando chegou àquela comunidade.

> (...) *Eu achei engraçado a forma de se conversar. Quando se tratava da reunião, era o presidente de tal comunidade, o presidente de tal comunidade; eu achava: puxa vida, como tem presidente! Parece que é o costume de trabalhar em conjunto.* (Diretor).

A fala do diretor vem ao encontro do que falaram alguns membros da comunidade que confirmam que *teve um trabalho que foi feito pela EMPAER, pela FASE e pelo CTA, que foi um trabalho que levou muito conhecimento aos pais e que hoje eles participam ativamente nas atividades da escola e da comunidade também* (trabalhadora rural W).

Essas formas organizativas do assentamento Rio Alegre, nasceram a partir da sua criação e essa comunidade tem a convicção de que o processo de organização e formação necessariamente caminham juntos.

Como já falamos no capítulo anterior, a grande maioria das famílias do assentamento fazem parte do MUL/VG*, são membros das Associações em suas devidas comunidades e são sindicalizados.

Acreditamos que para chegar ao referido estágio organizacional, é necessário que as pessoas passem por um processo de formação sócio-política educativa permanente. E é isso o que essas comunidades têm buscado ao longo desses anos.

Há um processo de mobilização e organização dos trabalhadores para uma efetiva formação de lideranças. Os cursos, encontros, oficinas de gênero, seminários, ciclos básicos de formação sindical, políticas agrícolas, agrárias, cursos de capacitação em agroindústria, encontros de mulheres, capacitação para formação de empresas associativas e outros, todos têm a participação ativa das mulheres, que já formam um grupo trabalho independente (grupo MARA)**, no qual fabricam e comercializam materiais de higiene e limpeza, além das oficinas que em todo o processo de formação, estão incorporadas às perspectivas de gênero.

Com base nesse histórico, perguntamos aos entrevistados de que forma e por quem são trabalhadas as relações de gênero na escola.

As respostas nos levam a crer que gênero na escola, está relacionado somente às questões sexuais e os professores têm dificuldade para tratar deste tema. Muitos deles acreditam acham que *o povo do sítio é um povo assim mais recatado, talvez tratar de um certo assunto não vai pegar legal* (diretor). *A* professora C entende que o fato de ser menino ou menina não interfere na sua forma de trabalho, ela afirma *eu não trabalho de forma diferenciada.* A secretária de educação considera que a escola ainda não despertou para essas questões; *não percebo que a*

* MUL/VG, Movimento de União dos Lavradores do Vale do Guaporé.
* MARA, Mulheres Agricultoras da Comunidade Rio Alegre (Grupo Informal)

escola esteja sensibilizada pra discutir questões de gênero; menciona, inclusive, que são muito sólidas as relações patriarcais e que dificilmente são encontradas na comunidade, mulheres com poder de decisão.

Quando a secretária de educação fala em sólidas relações patriarcais, refere-se principalmente, a uma presença muito expressiva de pais nas programações da escola, em especial nas reuniões.

Esse fato, só reforça a nossa hipótese de que sob este aspecto, são mais sólidas as relações de gênero do que patriarcais, pois raramente, nas relações escola/família, os pais dificilmente se fazem presentes, sempre passando às mulheres os cuidados com os filhos, dentre estes, a educação.

As respostas entre escola e membros da comunidade, só caminham para um ponto comum, quanto ao não desenvolvimento deste trabalho na escola. Nas palavras de uma trabalhadora, *um trabalho de gênero a escola não tem* (trabalhadora rural W). Quando entrevistadas, as mulheres rurais afirmam tanto participar como conduzir trabalhos coletivos em que estão presentes as características de gênero. O trecho seguinte reforça a participação das mulheres na comunidade:

> *(...)as mulheres são muito participativas na escola, na associação, na comunidade católica, que nós temos ali tudo em comum (...) foi um trabalho feito, também, antes de existir a escola.* (trabalhadora rural W).

Sabemos que as mulheres trabalhadoras rurais sempre estiveram presentes nas lutas sociais do campo, mas sua participação de forma organizada, por meio do Movimento dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais é mais recente, destacando-se sobretudo, no final da década de 70 e início dos anos 80. Tal fato rompe barreiras de um movimento extremamente machista, que achavam que "sindicato não é lugar para mulher", pensando em um sindicalismo cidadão,

combativo e comprometido com a superação das desigualdades entre mulheres e homens.

É deste cenário de luta que fazem parte muitas mulheres da comunidade Rio Alegre. Algumas são membros da Secretaria da Mulher, ligada à Federação dos Trabalhadores da Agricultura (FETAGRI), da diretoria do STR de Pontes e Lacerda, da diretoria das associações e dos grupos informais da comunidade. Lutaram para que as associações de pequenos produtores rurais do assentamento colocassem em seus estatutos, que em todas elas terão, obrigatoriamente, um percentual de mulheres em suas diretorias, além de participarem ativamente de manifestações a favor de sua classe.

Acreditamos que o êxito nas ações coletivas da Escola Cirila Francisca da Silva, deve-se em grande parte ao trabalho cooperativo das mulheres. Neste sentido, a escola deve prestar atenção especial às raízes da mulher e do homem do campo, que se expressam em diferentes culturas, incluindo relações de gênero e de etnia no processo educativo.

Quanto aos aspectos ligados à ação didático-pedagógica, começamos pela "distribuição" dos recursos humanos, no caso os professores, para trabalharem na Escola (Rural) Cirila Francisca da Silva. Segundo informações do diretor da escola e da secretária municipal de educação, o procedimento para a seleção é o mesmo das escolas urbanas; são analisados os currículos e a classificação é feita por meio da contagem de pontos. A partir daí, os professores assumem suas turmas. Para o Ensino Médio, *os professores são todos licenciados nas respectivas áreas e atuam nas disciplinas que lhes são inerentes.* (Secretária de Educação).

Percebemos a insatisfação de alguns professores com o critério de classificação pela contagem de pontos. Para estes professores, este procedimento funciona como um verdadeiro "leilão", muitas vezes, deixando de lado experiências

riquíssimas. Para Arroyo, esses valores precisam ser revistos, outros critérios devem ser pensados. Para ele, é necessário que a todos os educadores sejam dadas as condições para que sejam "titulados", mas, para isso deve-se *valorizar a vivência, a experiência, a sensibilidade.*

Quanto à matriz curricular, quando perguntamos aos professores como são planejadas e trabalhadas as atividades pedagógicas na escola, incluindo o processo avaliativo dos alunos, todos responderam que existe um plano geral para o município, mas que a escola tem autonomia e trabalha de forma flexível para adequar seus conteúdos, *trazendo as questões lá de outras regiões para a nossa própria realidade.* (Diretor).

No entanto, alguns professores contrariam suas respostas; como a professora D, que quando questionada sobre avaliação e índice de reprovação dos alunos, fala que: *somos obrigados a fazer isso, as "cobranças" são exigidas assim.* Em seguida, a professora coloca que: *as avaliações são trabalhadas de forma a atender o lado crítico do aluno.*

Com relação aos métodos e material didádico utilizados nas aulas, o que presenciamos em nosso período de observação foi uma mesclagem da metodologia tradicional e da sócio-interacionista. O discurso de alguns professores não condiz com a sua prática.

Cabe ressaltar que a professora D, sempre contraditória em suas colocações, desenvolve um trabalho bastante interessante no que diz respeito à metodologia, isso porque busca a interação e integração dos alunos através de dinâmicas participativas. Tanto a professora quanto a metodologia são muito elogiadas pelos alunos.

O processo inverso acontece, por exemplo, com o professor B e a professora C, que colocam-se como "abertos" e o que pudemos observar foram aulas nos moldes totalmente tradicionais.

Quanto ao material didático, não observamos em nenhum momento, a utilização de materiais que ilustrassem a realidade dos alunos. A escola é equipada com todo o material necessário para atender "bem" dentro da sua proposta, que é urbana.

A aprendizagem, em especial no campo, se processa de diversas formas e é a partir da especificidade dos assuntos abordados é que são determinadas as diretrizes metodológicas da ação pedagógica. Entretanto essa especificidade não foi percebida nas matrizes curriculares da escola "Cirila" durante o nosso período de "convivência" na mesma, exceto em ações isoladas, como mostramos anteriormente.

A adequação da matriz curricular só é possível quando a escola tem conhecimento do *modus vivendi* da comunidade a qual atende. No caso da Escola Cirila, há uma inversão desse conhecimento. A comunidade conhece e toma parte na vida da escola, como foi mencionado por todos os entrevistados, mas a escola não tem conhecimento de como vivem essas famílias.

Constatamos isso quando procuramos saber se a escola tem conhecimento do modelo de produção rurícola e qual a ligação que existe entre o trabalho da escola e às questões relacionadas à produção, visto que a escola está em uma área de assentamento. Local este em que as famílias são de pequenos produtores rurais, (ou pelo menos deveria ser). Todos, indistintamente, disseram que a escola não tem conhecimento dessa realidade.

A secretária de educação não vê

> *(...) muito conhecimento por parte da escola, dessas questões (...) a escola se desenvolve baseada no modelo urbano e ela tem todas as características de uma escola urbana; portanto, não há essa relação intrínseca.*

O diretor, que em suas colocações tem se mostrado mais afinado com a comunidade, diz que para este conhecimento falta um trabalho mais aprofundado, ele afirma que já houve tentativa neste sentido, quando a escola propôs uma parceria com o projeto LUMIAR*, mas com a extinção do projeto, o trabalho *acabou ficando por aí.*

Para a professora D, é difícil intercalar conhecimentos sobre modelo de produção *porque se nós tendermos a trabalhar somente esses aspectos, os outros aspectos "cobrados" pelo currículo em si, falha.*

Ressaltamos que de acordo com a Lei 9.394/96-LDB os princípios gerais que norteiam a proposta básica da educação, não serão feridos pela diversidade curricular. Sobre a educação rural, o Artigo 28, § 1 diz que os *conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural.*

Nesse sentido Paulo Freire afirma que, educadores e educandos precisam se conhecer e reconhecer na construção do saber. Segundo o referido estudioso esse conhecimento é o caminho para a elaboração de uma prática democrática e conseqüentemente, emancipatória. Isto fará com que a escola tenha sentido para os alunos.

Durante as entrevistas, ou em conversas informais com os alunos, perguntamos o que eles mais utilizavam do aprendizado na escola no seu dia-a-dia.

---

* LUMIAR, (Luz) projeto criado pelo INCRA, para prestar Assistência Técnica à áreas de reforma agrária.

Todos ressaltaram a importância da Educação Ambiental, Biologia e alguns acrescentaram a Língua Portuguesa. Nas palavras de um discente:

> *(...) Educação Ambiental que fala muito sobre a terra, como usa, como preservar, reciclagem; e também a professora de português, explica bem e mostra a realidade do dia-a-dia pra gente... outras matérias não significam quase nada* (aluna 3).

Isto confirma que só aprendemos aquilo que realmente está posto, ou seja, nosso desejo. O aprendizado há que ter sentido e valor para nós. Espera-se que na escola o aprendizado seja provocado, porque o aprendizado acidental aprende-se fora da escola, e às vezes apesar dela.

Como podemos descobrir o prazer de aprender, o valor do conhecimento, se escola e alunos falam de coisas diferentes? A escola, quase sempre, ensina coisas que afirma ser de grande importância, mas não consegue explicar a razão da importância apregoada, como afirmou diz a aluna acima citada.

Acreditamos na necessidade de tornar o currículo socialmente comprometido com a riqueza do cotidiano que é apresentado pela experiência dos alunos, para que desse modo ele faça com que estes percebam outras facetas do saber, e não apenas a versão dominante. A escola deve fazer do currículo um espaço de construção social, que deve ser re-visitado sempre que se fizer necessário.

Na opinião de Arroyo, ao currículo das escolas do campo, devem ser incorporados os saberes que preparam para a produção e o trabalho, para a justiça, para a emancipação dos saberes que estão organicamente ligados à cultura campesina.

Leite comunga com Arroyo dessa idéia, quando diz que o currículo não deve servir apenas para elencar conteúdos ou disciplinas.

Este é um desafio que exigirá dos educadores uma postura emancipatória, livre também da visão de que a cultura do campo é estática e superada

mesmo porque contrariando essa idéia, percebemos que a cultura campesina está incomodando pelo que traz de avançado e dinâmico, a exemplo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST.

Os dados coletados nas abordagens levantadas sobre o aspecto ambiental, nos dão a impressão de os problemas inerentes a essa temática fazem parte de um conjunto de imposições externas tanto à escola quanto à comunidade. Embora a escola compreenda a importância dessas questões, desenvolve um trabalho tímido e de forma isolada como menciona a secretária de educação; *são ações ingênuas, inocentes e sem grande repercussão.*

A ausência ou inadequação de políticas de educação ambiental, que fortaleçam e valorizem os sistemas agrícolas sustentáveis, coloca em risco a conservação e preservação da biodiversidade.

É através de princípios educacionais que nos sensibilizamos para o uso sustentável dos recursos naturais. Para isso, vemos a necessidade da escola e comunidade, de forma articulada, estejam envolvidas na formulação de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento "local" sustentável.

Sabemos que o Estado de Mato Grosso destaca-se como principal produtor de soja e algodão do país, com status de pólo dinâmico do agronegócio.

Entretanto, não acreditamos que isto seja motivo de orgulho e sim de preocupação, porque a agricultura empresarial, além de empregar pouca mão-de-obra, induz ao êxodo rural, concentra renda na mão de poucos, levando à exclusão social milhares de trabalhadores do campo.

Esse tipo de agricultura é baseada nos grandes desmatamentos e na monocultura, por meio de mecanização pesada, no uso intensivo de adubos químicos e agrotóxicos, o que causa sérios danos ao meio ambiente, além dos impactos sociais.

A Escola Cirila Francisca da Silva, é formada por filhos de agricultores familiares. Daí a necessidade e responsabilidade da escola na formulação de projetos de educação ambiental, que contribuam para o desenvolvimento local sustentável.

Historicamente, a agricultura familiar na dinâmica de desenvolvimento capitalista no campo brasileiro, foi e continua sendo considerada marginal ao modelo de desenvolvimento vigente. No entanto, é cada vez mais clara a interrelação entre agricultura familiar e ecologia, porque, apesar de muito desestruturado, é o modelo familiar que tem contribuído, minimamente, para a sustentabilidade ambiental, através da diversificação dos cultivos agrícolas em seus sítios, especialmente no entorno das casas ou quintais.

Já existe uma experiência em consórcios agroflorestais desenvolvida por pequenos produtores da região do Vale do Guaporé e entre eles estão os da comunidade Rio Alegre, além de um projeto de melhoramento dos quintais que será desenvolvido pelas mulheres em parceria com a EMPAER-MT e o CTA.

Por este caminho as pequenas propriedades podem ser totalmente compatíveis com a agricultura sustentável, que pode melhorar a qualidade de vida das famílias envolvidas, gerar empregos e renda, produzir alimentos saudáveis para as populações do campo e da cidade, além do respeito à diversidade cultural e ao conhecimento construído pelas comunidades ao longo do tempo.

Vemos que ainda falta muito para que seja internalizada essa consciência ambiental. Ao nosso ver isso só é possível pela educação. Para isso a escola pode avançar muito. Uma sugestão é que se construa uma proposta inclusiva de educação que considere todos esses fatores, pois *educador incapaz de produzir projeto pedagógico próprio, não dispõe da habilidade essencial* (Demo, 1996: 19).

A partir do princípio de que a educação é a base para o crescimento e visa a melhoria da qualidade de vida, perguntamos aos entrevistados, que educação está sendo oferecida, hoje, na Escola Cirila Francisca da Silva e que concepção eles têm desta educação.

Na visão do professor B, a escola tem o lema de *educar para a vida e educar para a vida está diretamente ligado com a vida ali no campo* .Para ele , é necessário um trabalho mais efetivo de sensibilização entre os alunos sobre o potencial existente no campo, para que eles permaneçam em suas propriedades, sem, necessariamente, buscar competir no mercado de trabalho nas cidades.

A professora C ressalta a importância de trabalhar a valorização humana, porque alguns alunos sentem-se inferiores por morar na zona rural. Conforme registra o relato da professora *nós procuramos fazer o melhor possível (...) trabalhamos muito a auto estima deles.*

É histórico o processo discriminatório pelo qual passa a população campesina .Ao longo desse tempo o sistema educacional só tem colaborado para potencializar esse preconceito. Há uma necessidade urgente do resgate desses valores. Vemos que especialmente a escola, deva procurar superar essa dicotomia rural/urbano, que ao nosso ver é o que caracteriza essas contradições.

A opinião da secretária de educação sobre a escola em questão é que está sendo oferecida *uma educação urbana, com acesso a todos os recursos tecnológicos* .

Entendemos que o processo puramente urbano implantado no campo, promove, muitas vezes, a segregação cultural mencionada no parágrafo anterior pela professora C, o que causa enormes rupturas nas relações sócio- culturais.

Para alguns professores o exercício da cidadania e inserção no espaço social, estão ligados diretamente ao meio urbano, como afirma o diretor da escola: *a*

escola Cirila está oferecendo ao nosso aluno, meios, subsídios para os nossos alunos, para que eles possam sair da zona rural preparando para o meio social.

Percebemos uma dicotomia entre as respostas do professor B, que trabalha no sentido de manter esses alunos no campo e o diretor que faz o caminho inverso.

A professora D, fala de todos os problemas decorrentes do sistema educacional especialmente quando se trata de educação rural e afirma que isso não a desanima. Com relação a oferta de educação, segundo a referida professora *no nosso coração é a melhor que a gente pode dar (...) o que temos oferecido é o melhor de nós (...) com amor, feito com dedicação.*

A asserção acima reporta-nos a Freire, quando este afirma que *ensinar exige querer bem aos educandos (FREIRE, 1996: 159).* Para este autor a educação é um processo de humanização em que o diálogo entre professores e alunos deve nutrir-se de amor, humildade, esperança, fé e confiança.

Nas observações em sala de aula, contatamos que há uma grande sintonia entre a concepção Freireana e o trabalho desenvolvido pela referida professora, que recupera a visão de educação como formação humana.

Já o produtor rural X, acha que do ponto de vista urbano a escola é boa, mas que *hoje não adianta a gente ficar no ensino convencional.* Para ele, é necessário que haja uma adequação curricular nas escolas rurais para que esses alunos permaneçam em suas propriedades. O entrevistado acredita que a inadequação da matriz curricular contribuiu para o êxodo rural. Nas palavras dele *houve um incentivo pra que elas [as crianças], fossem embora mesmo.* Esse produtor defende que a escola precisa despertar nos alunos, o interesse por suas propriedades para que através de tecnologias adequadas, venham produzir mais e melhor.

O produtor rural Y afirma que *é bom o atendimento da escola mas deveria ter uma participação no modelo da zona rural*.

Para a produtora rural W *lá tá sendo oferecida uma educação muito boa mas em relação a livros mesmo ... eu acho que a escola deveria passar uma parte mais aprofundada da realidade.*

É visível a preocupação de alguns membros da comunidade com relação à inadequação do currículo e às questões reais da vida no campo. Prova disso é que quando perguntamos sobre o que eles, se pudessem, gostariam de mudar na escola, as respostas foram bem aproximadas.

Apesar de estar sendo discutido o currículo e sua adequação às necessidades dos alunos, todos fizeram referência à inadequação do espaço físico afirmando ser pequena para o número de alunos. O aspecto mais solicitado foi a ampliação e adequação de espaço físico ao mesmo tempo em que sugeriram currículos com propostas temáticas mais voltadas à realidade rural.

Como já falamos anteriormente, depois de nossa pesquisa, a escola já construiu mais duas salas de aula e está construindo uma cozinha com refeitório além de banheiros novos.

Com relação a esta questão, a Secretária de Educação diz que *trabalharia um projeto inteiramente voltado para os interesses da comunidade, porém um projeto responsável, devidamente aprovado pelas instâncias legais.*

Vale ressaltar que a LDB, nos capítulos 23 e 28, não só embasa legalmente esses projetos, como exige a adequação curricular, que na verdade só acontecerá, quando o calendário escolar *sair do foco urbano,* como diz Arroyo (1999).

Questionamos então os professores quanto ao que falta para a construção de um projeto específico, de qualidade, de educação para o campo.

Alguns deles acham que falta alguém, evidentemente vindo de fora, para ministrar palestras e chamar a atenção dos alunos. Outros acreditam que precisam estar respaldados por outros órgãos, como a EMPAER/MT, embora vejam que há a necessidade de maior empenho por parte dos professores.

Para a Secretária de Educação e para a professora D, é necessário o envolvimento da comunidade. De acordo com as palavras da secretaria é preciso de *um projeto diferenciado, tem que ser construído a partir do envolvimento da comunidade* (Secretária de Educação).

A produtora rural W, diz que o que falta mesmo é interesse nessa área .Para ela *tá faltando que alguém mesmo se disponha falando: vou trabalhar nessa área, vou fazer de tudo pra que mude essa realidade.*

Na visão da militante do MST, falta vontade política e maior comprometimento da sociedade:

> *(...) se nós não mudarmos o Sistema, dificilmente nós vamos conseguir realmente obter o avanço que nós gostaríamos de ter com a educação e termos condições de fazer a educação ser um instrumento de transformação.*

É visível a preocupação de alguns professores com relação à incorporação de aspectos ligados à educação do campo, mas como já falamos em parágrafos anteriores, eles esperam que estas respostas venham de fora, através de ações isoladas como palestras, cursos esporádicos e outros. A formação continuada não deve caracterizar-se por eventos pontuais e estanques, ou estar restrita somente a momentos de Reformas.

Acreditamos que com relação à comunidade, falta-lhe o apoio necessário tanto da escola como de outros segmentos responsáveis por políticas de crescimento e desenvolvimento do campo.

Vemos que as associações têm desempenhado sozinhas o papel de todos como diz o produtor rural Y:

> *(...) os cursos que teve aqui foi a associação, a comunidade que correu atrás e buscou (...) seria bom se a escola também ajudasse, em parceria com a comunidade, para correr atrás de mais treinamento para o pessoal.*

É interessante observar que ao contrário do que se vê normalmente no processo educacional, em que as escolas sofrem por falta de apoio da sociedade, na Escola Cirila Francisca da Silva, é esta mesma sociedade que convida escola a incorporar as experiências da comunidade e a participar de seus projetos.

Temos como exemplo o produtor que se colocou à disposição da escola para repassar seus conhecimentos do trabalho com apicultura:

> *(...) a gente tem aqui um trabalho com apicultura que foi falado no ano passado que se o diretor, os professores quisessem, a gente iria trabalhar com os alunos, principalmente na colheita do mel.* (produtor Y).

Há um outro projeto de cunho social para ser trabalhado dentro da escola, sugerido e coordenado pelas mulheres da comunidade Mina do Ouro, para repassar práticas de trabalhos manuais como bordados, pintura e quadros.O objetivo principal é contribuir para uma maior integração entre a escola e a comunidade.

Segundo uma das entrevistadas:

> *(...) esse projeto tem o objetivo de ajudar as crianças a desenvolver um trabalho cultural alguma coisa que venha trazer para o aluno e para a família do aluno, algo bom tanto psicológico como financeiro, além de um lazer.* (produtora rural Z).

Como vemos, num espaço como o da educação, em que são bem conhecidos os limites de cooperação, a Escola Cirila é privilegiada por poder contar com esta forma solidária de trabalho , muito embora não aproveite suficientemente este espaço.

Não devemos ignorar os saberes adquiridos pelo homem do campo em relação ao trabalho, bem como suas experiências de entreajuda. Assim, é importante também incorporar essa troca de experiências no cotidiano da escola. Isso para que possamos identificar e resgatar os valores que caracterizam as populações do campo o que consideramos ser essencial para o desenvolvimento da cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa de campo despertou-nos uma fantástica curiosidade sobre as diversas situações encontradas no decurso da mesma. Alguns dados, por serem mais evidentes, confirmaram facilmente algumas de nossas hipóteses, outros requerem um meticuloso cuidado e maior observação da realidade nas formas de construção das relações humanas e seu *habitat*.

O trabalho "braçal" da pesquisa, desde as dificuldades de organização até a reconstrução e análise dos dados coletados, foi muito importante porque nos deu a amplitude necessária para a análise e a crítica da realidade encontrada.

Desse modo, através da análise do contexto, foi possível detectar alguns estrangulamentos na trajetória do sistema e dos atores sociais nele envolvidos sob os aspectos sociais, culturais, econômicos, políticos, educacionais e ambientais.

A agricultura familiar, é responsável por 80% da produção de todos os alimentos da cesta básica dos brasileiros, o que corresponde a 4,3 milhões de estabelecimentos dos 5,8 milhões existentes. Gera maior número de empregos direto e indireto que os demais setores da economia, a um custo seis vezes menor do que o setor urbano. Tem maior grau de produtividade por área cultivada em comparação à agricultura patronal, além de promover o desenvolvimento sustentável. Entretanto, metade destes agricultores têm renda de meio salário mínimo/mês. Fonte: FAZER*

Não é possível crescimento nem desenvolvimento em contextos isolados. Do mesmo modo qualquer proposta e/ou ação educativa só acontece se estiver inserida em uma dinâmica social, cultural e econômica mais ampla. A educação e agricultura familiar são partes intrínsecas desse processo.

As estatísticas justificam a necessidade desse embricamento porque no Brasil, os pequenos produtores rurais somam hoje 25.000.000 de pessoas; isto representa 18% da população total. Sabemos que noventa por cento dos municípios brasileiros têm a base de sua economia na agricultura.

Assim a agricultura familiar é essencial para o desenvolvimento do país, na medida em que é responsável por uma parcela considerável da produção de alimentos que compõem a cesta básica. Por sua diversidade de produtos, favorece um adequado balanço nutricional, tão necessário às crianças brasileiras, além de sua importância sócio-econômica e política intrínseca pelo contingente populacional que representa. Essa diversidade de alimentos, constitui-se de fundamental importância para a merenda escolar.

Como já falamos anteriormente, a educação por si só não resolve os problemas do campo, nem tampouco promove a inclusão social. Só há desenvolvimento e justiça social se houver uma combinação das políticas de educação, agrária e agrícola. Estas são partes inseparáveis, uma justifica a outra mutuamente e, neste caso, são constituintes de um mesmo processo.

São as pequenas propriedades rurais que mantêm a renda gerada no próprio município, com capacidade de dinamizar os demais setores da economia, principalmente dos pequenos municípios, como bem mencionou a produtora rural Z, da comunidade Rio Alegre, entrevistada durante a pesquisa.

Durante o nosso trabalho falamos muito em métodos, currículo, programas e tantas outras coisas técnicas. No entanto, o nosso olhar deve alcançar mais longe. Temos que recuperar o humanismo pedagógico, como diz Freire. Criar uma relação em que possamos aliar o conhecimento às experiências dos sujeitos, para poder recriar as possibilidades de transformação.

Já vimos que existem muitas experiências nas quais a educação rural está dando frutos. Resta aos educadores do campo saber como recolher e trabalhar o conjunto de práticas inovadoras que já acontecem em todo Brasil através dos métodos citados anteriormente.

Vale dizer que entender essas experiências não significa aceitá-las incondicionalmente. Entendemos que há a necessidade de saber quais delas são constitutivas de uma educação do campo e se esta educação propõe tratar as famílias do campo como sujeitos de direitos.

Cremos que a educação do campo deve assumir o desafio de exigir e de implementar programas de formação de seus educadores, articulando-se em torno de propostas que realmente combinem diálogo e ação, respeitando para tanto, a cultura e identidade da população campesina.

Vemos a necessidade de que os educadores tenham sensibilidade para esta dinâmica social, educativa e cultural, para descobrir como estão se constituindo os novos sujeitos, quais os valores apreendidos por estes movimentos, em especial os do campo.

Para Paulo Freire as lutas das massas populares são as únicas capazes de operar mudanças para a constituição dessa nova sociedade e a educação deve estar engajada nesse processo.

Entendemos por *escola do campo* aquela que trabalha desde os interesses, a política, a cultura e a economia dos diversos grupos de trabalhadores e trabalhadoras do campo, nas suas diversas formas de trabalho e de organização, no seu processo permanente de produção de valores, conhecimentos e tecnologias, isso na perspectiva do desenvolvimento social, econômico e igualitário dessa população.

Como toda leitura é polissêmica, sabemos que o leitor certamente já fez a sua. Não tivemos e nem temos a pretensão de esgotar esse assunto por aqui, uma vez que queremos aprofundá-lo numa pesquisa acurada.

BIBLIOGRAFIA

ARROYO, Miguel Gonzalez, (org). **Da Escola Carente À Escola Possível**. São Paulo: 2ª ed. Edições Loyola, 1986.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**: Escola é mais do que escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil**: leitura crítco-compreensiva artigo a artigo. Petrópolis: 6ª ed. Vozes, 2001.

DEMO, Pedro. **Desafios Modernos da Educação**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural Para a Liberdade**: e outros escritos. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade**. 6ª ed. Revisada - São Paulo: Moraes, 1980.

GADOTTI, Moacir. **Educação e Poder**: Introdução à do Conflito. São Paulo: 10ª ed. Cortez, 1991. Pedagogia

KOLLING, Edgar Jorge. Ir. Nery – FSC & MOLINA, Mônica Castagna. (orgs), **Por uma educação básica do campo**. Editora Universidade de Brasília. Brasília, DF, 1999.

LEITE, Sérgio Celani. **Escola Rural**: urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: 11ª ed. Edições Loyola.1993.

LUDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E.D.A., **Pesquisa em educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: E.P.V., 1986.

REVISTA PROPOSTA. **Educação na Virada do Século XXI** – Impasses e Possibilidades. Regina Leite Garcia. Nº 68. Rio de Janeiro. FASE, 1996.

SILVA, Teresa de Pazos da. **Os (des) caminhos do Professor**. UNEMAT – Revista de Estudos Acadêmicos/Departamento de Letras. Cáceres. V.1, nº 005, p. 24-33, 2001.

ANEXOS

(ENTREVISTAS)

SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

REMÉDIOS: Secretária, como é feita a distribuição de recursos humanos para as escolas rurais?
SECRETÁRIA: O procedimento é o mesmo das escolas urbanas, é feito uma análise de currículo, são contados os pontos dos professores, a partir daí, cada professor assume sua turma. No caso de 5ª a 8ª séries, os professores são todos licenciados nas respectivas áreas, e atuam nas disciplinas que lhes são inerentes; professor de ciências e biologia assume as aulas de ciências naturais, o de língua portuguesa, língua portuguesa, o de matemática, assume matemática e assim sucessivamente.

REMÉDIOS: Existe um processo especial de capacitação e qualificação de recursos humanos para trabalharem na escola do campo?
SECRETÁRIA: Nós temos feito um trabalho de assessoria de professores pós-graduados pra orientar os professores de todas as escolas da rede para o planejamento que seja minimamente adequado, às necessidades e à realidade daquela comunidade. No caso da Cirila, houve assessoria da professora Roseli, eles estiveram reunidos por um tempo com a professora, discutiram, pensaram, repensaram e a partir daí estão montando seus projetos. Na verdade estão montados, em fase de execução. Mas não há uma ligação estreita com as questões do campo. As questões do campo são trabalhadas de modo interdisciplinar, mas não o tempo todo, pelo menos não é o que eu perceba dentro da unidade escolar.

REMÉDIOS: Professora, de que forma a comunidade participa das ações da escola?
SECRETÁRIA: Olha, por incrível que pareça, a comunidade do assentamento da escola Cirila, do assentamento Rio Alegre, é uma das comunidades, se não a comunidade mais participativa que nós temos em toda rede. Nós já fizemos reunião lá, em que não foi possível acomodar o enorme número de pais e mães que compareceram. Eles participam muito, eles ajudam, eles são parceiros, eles apóiam a direção da escola nas ações pra que a escola caminhe bem. Há uma participação muito próxima, a comunidade é de fato envolvida com a vida da escola.

REMÉDIOS: Professora, e a que você atribui essa participação da comunidade, essa participação maciça dos pais nas ações da escola, uma vez que segundo se sabe, isso não é de praxe principalmente nas escolas rurais?
SECRETÁRIA: Eu atribuo ao perfil da direção da escola e também ao perfil e do corpo docente administrativo, mas especialmente ao perfil do administrador, no caso do diretor; é uma pessoa extremamente democrática, no sentido pleno da palavra, alguém que chama a comunidade pra dentro da escola, pra tomar decisões, a comunidade participa ativamente, há um conselho que atua, que define, que toma decisões, que é respeitado, que discute e quando não é plausível a ação, eles recusam; então o diretor, na minha opinião pelo menos, e aí é um olhar de quem tá acompanhando o trabalho há um ano e meio, é a peça fundamental desse processo. O diálogo que ele consegue estabelecer entre a comunidade, os alunos, professores e a equipe administrativa e de apoio da escola, é que faz a diferença pra essa interligação entre os seguimentos.

REMÉDIOS: Professora você acha que a escola tem conhecimento do modelo de produção agrícola, lá do assentamento, e qual a ligação que existe entre o trabalho da escola e as questões relacionadas à produção?
SECRETÁRIA: Eu não vejo na verdade muito conhecimento por parte da escola dessas questões. Como eu disse a princípio, a escola é se desenvolve no modelo baseado no modelo urbano, e ela tem toda as características de uma escola urbana, portanto não há essa relação intrínseca.

REMÉDIOS: Professora, como se dá a aquisição da merenda escolar para escola rural, especificamente para a Escola Cirila?
SECRETÁRIA: Nos temos a merenda normal, como vai para todas as demais escolas, inclusive as daqui, as urbana, adquiridas em supermercados, e temos também uma horta, que até no ano passas era maior que a desse ano, atendia mais as necessidades da escola, mas ainda assim continua minimamente, minimamente mesmo, atendo a um pouco do que a escola precisa. Além disso a própria comunidade trás muita coisa para dentro da escola e essa é uma parceria que a escola faz com a comunidade, porque o quanto a escola conseguir economizar em termos de merenda, não é o nosso objetivo tirar com a merenda, mas se a escola consegue chamar a comunidade para uma parceria a escola acaba tendo mais recursos para investir com outras, sem que as crianças deixem de ter uma merenda de qualidade, então a gente tem feito,

pelo menos a direção da escola tem conseguido sensibilizar a população, e a população tem ajudado com a merenda.

REMÉDIOS: Professora já há bastante interesse nesse aspecto da produção de alguns itens que possa enriquecer a merenda escolar, e conversando anteriormente com alguns alunos, eles falaram da disciplina de Pratica Agrícolas, que tinha na grade do ano passado e que saiu da grade desse ano, você não acha que essa disciplina como incentivo a produção, não poderia melhor tanto quantitativamente, quanto em qualidade a questão merenda escolar, combatendo o desperdício e economizando?
SECRETÁRIA: Ótima, essa pergunta vem a acalhar até uma serie de questões que eu já respondia agora pouco, na verdade nos temos uma escola com uma grade curricular nos moldes dos padrões urbanas, e isso trás para nós problemas, que tipo de problema? Nós temos que nos adequar as cargas de horárias a esse padrão de escola, e isso nos impe de criar disciplinas com vínculos com a realidade local, com é que nós teríamos que fazer para tornar possível uma grade que contemple mais, como por exemplo ter pratica agrícola na escola, nos teríamos um projeto diferenciado, tem que ser construído, que tem que ser construído a partir do envolvimento da comunidade, dos alunos, dos pais, dos professores, e ele tem que ser obrigatoriamente fruto da construção desses seguimento, ele não pode ser um projeto feito por nós aqui da Central, enfiado goela baixo da escola, até porque nós estamos distante da realidade, visitamos a escola esporadicamente, não estamos lá todo santo dia, como os alunos estão, e não sabemos quais seriam de fato as necessidades, e não podemos criar uma escola de qualquer jeito, força na grade de qualquer jeito, há uma legislação, que nós temos que obedecer, ou então temos que ter um projeto específico, aprovado pelo conselho, a uma legalidade nós não podemos inventar moda, e deixar os meninos sem respaldo legal, porque a lei é severa, os projetos têm que ter aprovação, se eu desse esse projeto ai sim nós poderíamos desenvolver um trabalho dessa natureza como foi questionada agora, como não há, nós devemos ir adequando as coisas para atender o modelo padrão, que não por acaso é o modelo urbano.

Remédios: Professora como você acha que são incorporados pela escola o aprendizado de outras práticas educativas especialmente ligadas aos diversos grupos culturais que vivem e trabalha naquela comunidade, como nós sabemos que é uma comunidade organizada, tem grupos informais, grupos formais, associações, que tem uma prática extra-escola, com relações a trabalhos sociais como você vê que a escola trabalha mais isso?

Secretária: Eu penso, que pelo menos o que eu percebo, é que não há uma incorporação da escola, a escola é meio uma ilha nesses termos, embora ela tenha um relacionamento muito próximo com a comunidade, ela não assimilou o perfil da comunidade e ela não retrata isso, pelo menos eu não percebo; eu posso estar equivocada, eu teria que ta observando melhor, mais de dentro, ficar mais tempo dentro da escola, mais eu não percebo marcas do perfil cultural da comunidade dentro da escola. O que eu percebo, é uma cultura de massa que é retratada na escola.

REMÉDIOS: Sabendo que as famílias da comunidade participam muito das ações da escola, e as mulheres têm um papel muito importante nesse trabalho, com relação a essa participação, em outros trabalhos também da comunidade, de que forma e por quem são trabalhadas as relações de gênero na escola?
SECRETÁRIA: Também não percebo um trabalho sério com questões de gênero; não percebo que a escola esteja sensibilizada pra discutir questões de gênero. Ao contrário, eu percebo na comunidade, pude perceber nas reuniões, um certo reforço da masculinidade, do patriarcalismo, as relações são patriarcais, em raros casos vemos uma mulher forte, determinada, uma mulher que toma decisões, elas estão sempre submissas e a escola não chama atenção pra esses detalhes, pelo menos eu não percebo; eu teria que falar muito mais proximamente com o professores, mais não vejo nenhuma preocupação nesse sentido não.

REMÉDIOS: Professora, qual a responsabilidade da educação, de forma geral, no desenvolvimento sustentável das comunidades rurais? Se tem, de que forma e por quem são trabalhadas essas questões, lá na escola Cirila, especificamente?

SECRETÁRIA: Que há necessidade desse trabalho para o desenvolvimento sustentável, é óbvio que há, sobretudo numa época em que tanto se discute meio ambiente, produção com qualidade, preservação, etc., agora daí a dizer que a escola faz esse trabalho, ela até tem intenção de fazer, tem vontade de fazer, alguns professores até expressam essa preocupação, mais ela não é feita de fato. A não ser que consideremos

como ação real, ações isoladas de um professor que vai com os alunos pra ver a poluição, a sujeira da beira da estrada, mais eu acho e vou ser franca aqui, me obrigo a ser franca, eu acho que são ações ingênuas, inocentes e sem grande repercussão. O trabalho de base mesmo, o trabalho de fazer as pessoas compreenderem que seu meio é a garantia de qualidade de vida, esse trabalho ainda está por ser feito.

REMÉDIOS: Professora, a escola Cirila está localizada dentro de um assentamento; como é trabalhada a questão agrária dentro da escola?
SECRETÁRIA: Não é trabalhada, pelo menos até onde eu perceba; eles embora estejam dentro de um assentamento, a escola em si não tem essa visão. Não conseguem se perceberem enquanto escola de assentamento. Ela é uma escola num padrão comum, normal, considerada sim uma boa escola, uma escola séria, uma escola competente, responsável, mas que não se ver como escola de assentamento. Ela se vê como escola normal da rede, que inclusive tem todo perfil de uma escola urbana.

REMÉDIOS: Professora, então que educação está sendo oferecida hoje na escola Cirila e que concepção de educação está presente nesta oferta?
SECRETÁRIA: Uma educação urbana, eminentemente urbana, com acesso a todos os recursos urbanos e tecnológicos, inclusive. É uma educação séria, volto a dizer, é importante dizer isso, uma educação responsável, as pessoas que lá trabalham todas têm qualificação profissional, é uma escola que tem hoje cem por cento de seu quadro habilitado, e nas respectivas áreas, mesmo naquelas onde é difícil você ter pessoas qualificadas, lá nós temos, mas é uma educação nos moldes urbanos, é uma educação nos padrões de qualquer outra educação ofertada na cidade.

REMÉDIOS: Na sua opinião a escola Cirila atende as necessidades daquela comunidade?
SECRETÁRIA: Pelas razões que eu mencionei anteriormente, sim. Porque a comunidade entende que os filhos precisam ter acesso a tudo que é urbano, a tudo que está presente aqui; e aí também há de se reafirmar a idéia de que a escola, a comunidade na verdade precisaria ser trabalhada para compreender que uma escola com perfil urbano não é necessariamente uma boa escola ou uma má escola; ela só é uma escola com perfil urbano, que pode ser boa ou pode ser ruim. A Cirila, se nós compararmos com escolas urbanas daqui, é uma excelente escola, ela não perde em nada pra nenhuma escola daqui da cidade, do perímetro urbano, mas, a escola poderia sem nenhuma perda de qualidade, fazer um excelente trabalho voltado para as questões rurais, desde que houvesse um projeto voltado pra essa matriz.

REMÉDIOS: Professora, se você tivesse que mudar ou acrescentar alguma coisa nesse processo de educação da escola Cirila, o que você faria?
SECRETÁRIA: Eu trabalharia um projeto inteiramente voltado para os interesses da comunidade, porém um projeto responsável, um projeto devidamente aprovado pelas instâncias legais, que não perdesse em tecnologia, não perdesse em acesso aos bens culturais, mas que mantivesse a base cultural da comunidade, que mantivesse a estrutura social da comunidade, não no sentido de extratificação mas no sentido de equalização e que garantisse aos alunos, compreendeR _ se enquanto cidadão do meio, produzindo seu meio historicamente é claro, interferindo com qualidade nesse meio e entendendo-se como cidadão pleno, independente do lugar onde ele esteja. Ele pode estar no campo fazendo um trabalho altamente tecnológico qualitativo e continuar vinculado ao campo, sem que isso signifique perda de qualidade de vida.

REMÉDIOS: É um sonho possível ?
SECRETÁRIA: Bom, pra mim que gosto de sonhar, é. Eu sonho muito, então pra mim é plenamente possível, bastaria ver vontade das pessoas, mas há um fator importantíssimo, há que se investir em qualificação profissional. Os professores precisam ser reeducados pra esse projeto.

REMÉDIOS: Secretária, muito obrigada pela colaboração.

DIRETOR

P- Eu gostaria de saber como que é feito o planejamento das atividades da Escola?
R- Bem Remédios, nós fazemos um planejamento trazendo as questões lá de outras regiões para a nossa própria realidade, e planejamos juntamente com os professores, os professores fazem um planejamento em conjunto, tendo assim no início do ano um planejamento anual, onde nós esse ano tivemos o prazer de ta trazendo a professora Roseli, onde ela deu o curso por dois dias, no terceiro dia também esteve aqui fazendo o projeto, se o planejamento em si que os professores fez, esse planejamento anual.

P- A professora Roseli é da região?
R- Não, a professora Roseli é uma professora da UNEMAT, ela é uma professora da UNEMAT, que entende muito bem essas questões pedagógicas e que colaborou muito com os nossos professores, até mesmo por nós termos professores, que era professores que veio destas escolas multi-seriadas, que as vezes tinham dificuldades ao aceso de um planejamento de como trabalha essa questão de uma séria única com tantos alunos, então tinham essa dificuldade, ela veio assim a muito colaborar com a gente nesta questão.

P- Todo o município executa o mesmo plano de trabalho ou os conteúdos para serem contemplados nestas escolas, nesta escola aqui, rural, é diferencio, de que forma, se for diferenciado, de que forma é feito esse plano de trabalho?
R- Olha Remédios, o município todo ela tem é, o plano de trabalho vamos dizer é, igual, mais nos temos a liberdade de ta assim diferenciando, que de repente chega um conteúdo diferente, que os alunos até colocam aos professores, então nós temos essa liberdade hoje dentro da rede municipal, de ta sempre mudando até mesmo o nosso planejamento, como você sabe, de uma forma flexível, então as vezes os alunos traz coisas novas que eles descobriram por lá, uma plantação, uma coisa qualquer, que no ano passado mesmo, quando nós tínhamos a pratica agrícola, em trazer para o professor, muitas coisa que o professor tinha que pesquisar e ver essa questão, porque aquela planta agia daquela forma, e assim até hoje, a educação ambiental, depois nós vamos tocar essa questão, questão ai na frente, que o professor teve que fazer uma pesquisa do que está acontecendo na região, depois vou ta falando uma questão logo adiante, e então nós não temos um planejamento, vamos dizer, único, exclusivo, que tem que ser tudo igual em todo no município, ele é flexível, cabe a escola, pode mudar da forma que achar melhor e adequar aos seus alunos.

P-E essa escola faz o quê, esse trabalho de adequação do conteúdo?
R- Exato, aqui dentro da nossa escola, a gente vê os professores procurando jornais, revistas, pra esclarecer dúvidas de alunos que traz de fora, e eles procuram outros meios para esclarecer.

P- E com relação aos recursos humanos, os professores, pra trabalharem na escola rural, como é feita essa distribuição de pessoal, como é trabalhada essa seleção de professores, para serem lotados nas escolas rurais, nesta no caso?
R- Olha, essa questão da lotação dos professores, ela é feita com intermédio da Secretaria, onde ela baixa uma normativa, e é estabelecidos os critérios, digamos quase, quase igual ao do estado, onde existe a pontuação, mais sendo que hoje nós temos, digo hoje, porque desde o ano passado nós temos a nossa lotação, onde se estabeleceu que viessem alguns professores de fora, e nós tivessem um quadro de professores, esse quadro permaneceu, vindo outros para compor necessidade a falta de alguns professores, até mesmo que foram embora, e então nós não temos assim, dizer assim, até o momento, que a escola atribui ao seu professor, no caso até hoje viemos por intermédio da secretaria, mas o que eu estou sabendo a partir do ano que vem a própria escola é responsável pelo contagem de pontos dos seu professores e atribuição de aulas.

P- No ensino médio tem professores daqui, desta comunidade, ou todos vem da cidade?
R- Não, nós não temos professores da nossa comunidade atuando no ensino médio, até mesmo porque, como você sabe, a questão da qualificação do professor, é muito recente, que se começou a qualificar os professores da rede municipal, então todos estão num processo de formação ainda, então nós não tínhamos ainda professores qualificados para o segundo grau, então houve a necessidade de ta trazendo professores efetivos sim, da rede municipal, mas que também trabalha a maior parte na cidade.

P- O projeto de capacitação, esse processo de capacitação, é o mesmo para todos os professores, ou tem um projeto de capacitação especial para a zona rural, para escola rural?
R- Olha, não especificamente para a zona rural, mas eu diria que foi uma iniciativa da Secretaria Municipal de Educação onde juntamente também com a Secretaria, Acessória Pedagógica, digo, iniciou sabe até dois anos atrás, três, nós tínhamos professores ai com quarta séria, quinta série, sexta série, dando aula, então primeiro veio aqueles pro formação, e em seguida surgiu o DEAD, no qual eles estão ai fazendo esta formação, e creio eu que em breve com professores da zona rural todos também formados.

P- A comunidade participa das atividades das ações da escola, se ela participa, de que forma ela participa, como é essa relação com a comunidade?
R- Olha, eu até diria para você o seguinte, eu sempre digo, disse ser diretor é muito é muito difícil, mas eu gosto muito de ser diretor nessa região aqui pela participação da comunidade, ela participa em todos os aspectos, digamos se nós promovermos uma gincana eles estão juntos com nós, se a gente tem a necessidade de se formar conselhos tipo unidade executora, conselho deliberativo, conselho fiscal, então todos os pais participam, e procuram participar das reuniões, ver as decisões que foram tomadas dentro desses conselhos, dar as suas sugestões, absorver informações também, assim por diante, então é uma coisa assim que a gente sente um trabalho legal, porque é um trabalho feito em parceria: festas, construções que é necessária, tudo eles dá opinião, assim como a gente passa para eles a informação necessária, e eles tem colaborado muito, eu acho que graças a isso que digo a Escola Cirila hoje na rede municipal, é uma das escolas, principalmente na zona rural, tem um avanço muito grande.

P- Você acha que esta questão, essa participação é uma coisa nova, ou você como professor que vem atuando muito tempo, não tinha isso antes nas outras escolas, você vem sentindo isso aqui, nesta comunidade em especial?
R- Olha, eu tive o prazer de trabalhar em outras escolas, e a gente tinha muita dificuldade pra essa questão, o lado pedagógico da escola, a participação dos pais, porque eles tinham a visão que a escola é compromisso do professor, da secretaria, da prefeitura, enfim, e aqui não, a partir do momento que chegamos, começamos a desenvolver um trabalho, quando iniciou essa escola, começou a funcionar, trabalhar, trabalhando aqui, nos chegamos e fomos bem aceito, e fomos puxando a comunidade para o lado da gente, não sei se a gente puxando a comunidade para o lado da gente, eu diria assim, ou a comunidade puxando a gente para o lado deles, então sempre ouve essa relação legal, esse apoio da comunidade, *"na empatia" Remédios*. É, exato, então a gente vem desenvolvendo um trabalho bom, graças a isso.

P- A que você atribui essa participação? Você acha que influenciou, essa participação da comunidade, já que não é Comum?
R- Olha, eu diria que o que influenciou isso, eu não tenho assim uma informação imediata, mais acredito que esse trabalho, já tinha sido feito antes, eu acho que a comunidade já era bem trabalhada, esta questão de trabalhar em comunidade, em formar associações, por que sempre que eu cheguei aqui antes, eu ache engraçado a formar, de se conversar. Quando se tratava da reunião era o presidente de tal comunidade, o presidente de tal comunidade, então puxa vida, eu achava puxa vida como tem presidente, então parece que é o costume de trabalhar em conjunto, então permaneceu.

P- A escola tem conhecimento, assim da realidade, do modelo de produção das pequenas propriedades daqui da região, e se tem conhecimento como é que é o processo de produção agrícola, digo no caso, agropecuária, e se tem uma ligação entre o trabalho da escola e esse modelo de produção, essas questões relacionadas a esse modelo de produção?
R - Olha Remédios, essa questão da produção, a gente não tem um conhecimento amplo do que se é produzido, eu diria, eu particularmente, eu acho que os professores muito menos, até mesmo, diria assim, por uma falta de um trabalho mais aprofundado, até que a gente começou um trabalho aqui no início, querendo trabalhar conjuntamente com o LUMIAR, ter mais informação, obter mais informações, deles mesmo, até mesmo dos alunos, fazer um trabalho em conjunto, mas infelizmente foi um projeto que não deu certo, acabou a questão do LUMIAR, acabou ficando por ai, então não se...

P- como é que são incorporados pela escola, você falou que é uma comunidade que já era trabalhada, que ela tem uma forma de organização bem interessante, que não é de praxe em outras regiões, pelo menos anteriormente, como que a escola incorpora esse aprendizado, essas praticas educativas, especialmente

ligadas a esses grupos, que trabalham grupos informais, tem grupos de mulheres que trabalha na comunidade, associações, como é que são incorporados esse aprendizado, essa praticas aqui na escola?
R- Olha, essas práticas, digamos que ela é trabalhada em uma forma de informações, exemplo digamos: se nós temos informações de um, qualquer uma outra coisa que esteja acontecendo, que seja para bem da comunidade, um encontro, todos esse Sindicato, qualquer coisa neste sentido, o responsável por essa informação na região somos nós, através de eventos, nos tivemos aqui outro dia o dia internacional da mulher, mesmo, evento no qual fica uma coisa bem legal, uma ligação de alunos com membros da comunidade, nas apresentações, então eventos, informações, aluas até mesmo expositiva em salas que os professores tem trabalhado muito essa questão, então a gente tem ajudado dessa forma e também tem sido ajudado por eles.

P- Quando a gente fala nas questões de gênero, a gente percebe algumas dificuldades em alguns locais. Nesta Escola, de que forma são trabalhadas essas relações de gênero a questão do homem, mulher, menino, menina, essa questão que é tão polemica ainda, como essa escola trabalha, quem trabalha, de que forma é trabalhada, são trabalhadas, essas questões?
R- Oh, Remédios, partindo do ponto de vista, nós temos, eu diria para você nessa mesma questão aí, nós temos uma dificuldade quando nos você vai trabalhar uma questão da sexualidade, por exemplo, onde você tem que às vezes ta colocando a questão sexualidade para diferenciar essa questão de gênero, então nos temos a dificuldade, não diria pra vocês talvez dificuldade, o medo, porque nós pensamos talvez seria coisa da memória da gente que já traz, a o povo do sítio é um povo assim mais recatado, talvez tratar de um certo assunto não vai pegar legal, então talvez um pouquinho a cisma da gente, mas ela esta sendo tratada de uma forma gradativa, onde a gente vai não jogando de uma vez, mas dosando aos poucos, e a gente vem conquistando assim um espaço muito grande nisso aí, até mesmo hoje os professores já não se tem grande dificuldade. Eu diria para você que, quando eu digo para você que a gente tem medo, é porque você, acho que deve lembrar, tem um cursinho que você deu para a gente, você deu para a gente alguns cartazes, o qual uma professora da região foi sorteada com esse cartaz lá, aquela coisa, ela foi, ela não levou para a casa, por que em casa ela iria encontrar o marido, que viu aquela questão ali, e iria ficar muito revoltado, inclusive outro assuntos que surgiram aqui, a gente começou a ficar com um pouquinho de cisma, mas isso é uma barreira que a gente ta quebrando aos poucos, nosso professores já então consciente disso, as vezes eles trás uma idéia para jogar, comenta com a gente, olha joga mais ou menos devagar, porque é uma questão difício de trabalhar hoje, mas que não é impossível, e a gente vai fazenda esse trabalho.

P- Aqui é uma região de pequenas propriedade, que é mais relacionada à agricultura familiar. Qual a responsabilidade da escola, da educação na verdade, de uma forma geral, no desenvolvimento sustentável dessa comunidade rural? de que forma são trabalhadas, as questões sobre sustentabilidade, relacionado ao meio-ambiente, ao ambiente ecológico, *habitat* dessas famílias?
R- Tá, nós temos as nossas aulas, eu diria para você, de educação ambiental, o ano passa nos timos assim uma obrigação legal, onde nós trabalhávamos de educação ambiental e a pratica agrícola, como eu já disse, então abria-se um espaço mais legal para que você tivesse trabalhado com os alunos um conjunto dessa duas matérias, mas esse ano até mesmo por dificuldade nos deixamos a pratica agrícola e pensamos mais assim mais em ver o lado da educação ambiental, até mesmo porque nós estabelecemos em uma reunião que as vezes as pessoas pensam que esse lado de a educação ambiental não é tão necessário, mas é necessário sim Remédios, sabe porque, esses dias teve até um trabalho, em que o professor Marcos com os alunos, parece incrível mas o nosso ambiente, não diria o povo da zona urbana, eles não tem, por incrível que pareça, um senso assim, nem sei com dizer, mas, eles pegam o lixo da cidade e vem jogando, você pode olhar nessa estrada, eles vem jogando pela estrada afora, então esse professor Marcos fez uma pesquisa legal, fez filmagens, entrevistas, e pra conscientizar o até mesmo o povo de Lacerda que já não basta a forma que ta assim Pontes e Lacerda, em volta de Pontes e Lacerda, aqueles lixos, pelo menos que não venha poluir o meio rural, por que de qualquer forma o meio rural é um meio sustentável para qualquer zona urbana, então até você pode passa num corguinho que tem na frente da cidade também, esses dias então por incrível que pareça uma caminhonete, com tanto lugar para enterrar o lixo, sei lá fazer o que, jogar dentro do canal de um córrego. Então é difícil a gente tem que trabalhar isso com os alunos mesmo, bem afinco, mas, eu diria para você que a própria zona rural aqui, eles não poluem, mas o que vem de fora é que faz a poluição dentro da nossa região, ta acontecendo, começou, já no começou, já se ouve uma preocupação da comunidade, na comunidade em si, de ta salientando, no qual pediu um meios de transportar os alunos, até onde estavam esses lixos, agente falou com a Tereza, ela emprestou a cômbi,

Toninho da televisão também veio filmo, fizeram um trabalho encima disso ai, e espera conscientiza, dessa forma.

P- A Escola Cirila Francisco, ela está dentro de um assentamento, numa área de assentamento, como é que são trabalhadas as questões com relação à reforma agrária, as questões da terra dentro da escola?
R- Olha, esse ai é um tema em que a gente não trabalha na escola, a gente não, pode ter trabalhado de uma forma indireta, assim, até mesmo desapercebido, mas de diretamente a gente não trabalhamos esse tema.

P- Tem um motivo em especial para não trabalhar?
R- Olha, eu não diria que há um motivo especial, eu diria para você que às vezes a gente nem ter pensado nisso, às vezes seria falta de um material mais concreto para que a gente pudesse te começo do que é uma reforma agrária, o meio, o fim, onde é que quer chegar, então a gente ainda se sente assim a falta desse material, poderia ta trabalhado isso sim, isso é uma questão que seria legal para os nosso alunos, até mesmo para eles ta tendo conhecimento do seu próprio espaço social.

P- Em sua opinião, que educação, a educação, na palavra ampla, no sentido amplos, esta sendo oferecido hoje neste escola, e qual a concepção de educação que ta presente nessa educação, o que você acha que esta presente nesta oferta de educação, que esta sendo oferecida hoje na Cirila?
R- Olha, eu diria para você que a escola Cirila está oferecendo ao nosso aluno meios, subsídios para os nosso alunos, para que eles possam sair da zona rural preparados para enfrentar o campo de trabalho hoje, que é muito competitivo, a gente sabe disso, tanto que a gente se preocupa com nesta questão do prepara do nosso aluno, que a gente tem hoje, nós estamos estudando, fazendo estudos com os professores, uma formação continuada, preparo do aluno para a cidadania, em fim nós estamos aqui hoje dando aula de computação na nossa escola, para que esses alunos tenham conhecimento do meio tecnológico hoje, para que quando eles cheguem lá, eles não se assustem diante de um computador, em fim o meio cientifico, preparando para o meio social, em fim nos fizemos um trabalho aqui digamos assim a nível de município, país, estado, em fim, eu acho que o que nos trabalhamos aqui não é diferente de o trabalho de outras escolas no preparo dos seus alunos para enfrentar esse mundo hoje assim competitivo, onde a ciência traria, a tecnologia ta avançada, e há necessidade da pessoa buscar o seu espaço, então nós estamos trilhando essa luz para que eles encontrem o espaço, assim como outros já encontraram.

P- Você acha que a escola, no caso a escola na zona rural, ela atende, esta atendendo aos interesses das famílias dessa comunidade?
R- Olha, em partes nós atendemos, sendo que nós temos uma deficiência, mas já de uma forma assim gradativa, a gente já esta conseguindo conscientizar a questão da educação ambiental, como eu disse anterior pra ti, a gente tinha na nossa escola a questão da pratica agrícola, até mesmo por um ajuste da grade curricular nós extinguimos ela da nossa grade, mas nós pretendemos para o próximo ano talvez está voltando essa matéria, uma disciplina, que é uma disciplina que na zona rural se faz muito necessária.

P- Você acha que deveria ter um projeto especial, diferenciado para a educação no campo?
R- Olha, eu acho até mesmo como eu frisei em uma questão passada para ti, que a gente já teve um início de um projeto, com aquele projeto da turma do LUMIAR, e infelizmente não pudemos ir muito à frente, esbarramos numa certa burocracia, e até mesmo neste projeto acabou terminando, mas eu acho que se faz necessário em ter esse projeto dentro da escola porque você vai ta trabalhando diretamente com a realidade dos nossos alunos.

P- Na sua opinião, o que falta para a construção desse projeto específico de educação para o campo?
R- Olha, eu acho que o quê falta mesmo é a gente ter um empenho maior, e tá abrindo-se um espaço dentro da nossa grade curricular, um pouco apertada, e procurando os órgãos que possam dar respaldo, porque a gente fica meio a mercê da situação, por falta às vezes de um técnico, que possa dar uma palestra, se bem que nos momentos que nós procuramos a EMPAER teve aqui aquele Totó, teve aqui dando algumas palestras para a gente, mas eu acho que pela quantidade de funcionários, pessoas ali qualificadas ser pouco, não tem essa disposição para ter eles aqui direto, uma vez por semana, talvez duas vezes que seria o caso.

P- Onde você acha que o professor deveria está inserido na construção desse projeto, falo na espera de tomada de decisões?

R- Olha, eu acredito que ele poderia está inserido na questão se tratando de disciplina, dentro da Ciência, poderíamos esta abrindo um espaço, porque não dentro da Educação Física, nós podemos trabalhar essa questão também em separado, criar uma matéria, uma disciplina específica mesmo, onde nós podemos trabalhar um agrônomo mesmo, um professor específico da área, para lecionar essa disciplina e ele mesmo já dá palestra, então seria um parceiro que poderia ta trabalhando, não diria especificamente que fosse da EMPAER, mas que saiba buscar os recursos, a forma de trabalhar, até mesmo que conheça a região para adequar certos plantios, que tipo assim, que eu acredito que iria para a frente tipo um pequeno plantio de uva, por exemplo, se faz necessário na região, porque aqui mesmo eu tenho um vizinho que produz, mas com defeito na fruta, quem sabe com orientação a gente conseguiria colher bons frutos, na questão das verduras.

P- De que forma seria a participação do professor, onde ele estaria inserido na construção desse projeto?
R- Olha Remédios, ele estaria inserido como um todo, então a questão é o seguinte, hoje para você vê, nós temos uma parte diversificada no currículo onde podemos trabalhar a prática agrícola, onde estaria inserido o PCN, que são os Parâmetros Curriculares Nacionais, que traz essa abertura pra que não só como eu disse antes dentro da ciências e educação física, mas de qualquer uma das disciplinas e também com o apoio da escola em si, porque entra vamos dizer assim, dentro de um projeto que deveria ser feito já no início delimitando em que área e qual o professor que vai trabalhar com essa área, com esse tipo de disciplina.

PROFESSOR B

P-Professor, eu gostaria de saber como é feito o planejamento das atividades da escola?
R- O planejamento como um todo é realizado em conjunto com todas as áreas, e depois especificamente cada qual em cada área, realiza o seu planejamento, quando tem dois professores, sentam juntos para trabalhar de uma forma ordenada.

P- Existe um processo especial de capacitação e qualificação de professores para trabalhar na escola do campo?
R- Bom, diretamente não temos, nenhum trabalho especifico, porque o trabalho educacional no campo também é voltado para as praticas que acontecem aqui na cidade, preparar o aluno pra um vestibular, um concurso, e toda a vida normal de qualquer estudante.

P- Você acha que seria interessante um projeto de qualificação e capacitação que tivessem, que atendessem mais dentro do conteúdo a escola do campo?
R- Com certeza, principalmente para nós, que somos daqui e vamos lá e tem muitas coisas que vivem em seu dia-a-dia que nós nos alemos, e que seria muito interessante sermos capacitados para instruirmos mais e mais a eles.

P- a escola tem conhecimento do modelo de produção curricular, como é o sistema de produção na propriedade familiar?
R- Dizer a escola como um todo, eu não sei fala, mas assim quanto a eu mesmo eu não sei falar, mas eu creio assim que a direção tem mais noção do que é produzido ali, e o que os alunos estão envolvidos.

P- De que forma a comunidade participa das ações da escola?
R- Indiretamente, através dos alunos, e também diretamente através das reuniões, que acontecem a cada bimestre, e conselho deliberativos onde os pais participam na escola.

P- Você acha que a participação dessa comunidade lá na escola ela é superior assim, os pais, as famílias rurais, lá naquela comunidade, tem maior participação do que normalmente se vê em todas as escolas?
R- Com certeza, eu trabalho também aqui na cidade, e quando tem reuniões com os pais aqui na cidade a quantidade de pais que participam é mínima, agora quando é lá é intensa, praticamente quase todos os pais participam das reuniões dão as suas opiniões na escola.

P- Você tem alguma posição a que se deve essa participação maciça dessa comunidade, tem algum motivo especial, algum trabalho especial, por quê?
R- Eu creio que há uma preocupação com os seus filhos na formação e interesse deles em ta mais participando, porque na cidade os pais estão envolvidos com tantas coisas corriqueiras, e acabam deixando a deseja a sua participação na escola.

P- Como são incorporados o aprendizado de outras práticas dentro da comunidade, na comunidade Rio Alegre sabemos agente sabe que tem grupos organizados, tem varias associações, tem assim um trabalho organizacional bem avançado diante de outras comunidade, e que eles trabalham parte cultural, tem um grupo de mulher, como é que a escola incorpora isso, de que forma trabalha essa parte junto com a comunidade?
R- A comunidade, como você disse, está diretamente envolvida com a cultura ali da região, e eles estão direto fazendo apresentações, trabalhos ali na região, que são culturas que eles realizam e esta diretamente com a escola, participação final de semana, tem o centro comunitário ali, que eles realizam apresentações, muito importante porque desenvolve a cultura da região ali.

P- De que forma são trabalhadas as relações de gênero dentro da escola, é uma escola mista, onde tem crianças, adolescentes, como que essa questão de gênero é trabalha, se todos os professores trabalham, quem trabalha especificamente, como é que é trabalhada essa questão?
R- Olha, eu creio que não há diferenciação, tanto o homem, quanto a mulher, tem o seu aceso a educação ali na comunidade, sem descriminação nenhuma, sendo que muitas vezes a mulher ela é tida como não é ativa, mas ela tem sim as sua oportunidades e se percebe que há um grande avanço, porque até mesmo tem uma grande quantidade de mulher nas escolas que desenvolve um trabalho até muitas vezes melhor do que os meninos que muitas vezes são envolvidos com coisas corriqueiras, brincadeiras, e sendo que as mulheres, as meninas são mais sérias nos estudos.

P- Que responsabilidade você acha que tem a escola na responsabilidade da educação do desenvolvimento sustentável da comunidade rural?
R- Como fonte de informação, a comunidade depende de toda a informação a qual a escola está ali para promover, então toda a sustentação tem que haver uma fonte de conhecimento, então a escola está diretamente relacionada com esse trabalho.

P- A Escola Cirila Francisca, é localizada dentro de um assentamento, de que forma ela trabalha a questão agrária dentro da escola?
R- Eu tenho poucas informações, porque comecei trabalhar agora este ano, e eu vejo assim que precisa ser trabalhado mais a respeito da questão agrária, porque mistas vezes a gente tem conhecimento de pratica, mas não tem a ação ali dentro da comunidade.

P- Que educação você acha que esta sendo ofertada hoje na Escola Cirila, e o que você acha que tipo de educação, e o que você acha, que tipo de educação e o que você acha, que tipo de educação você acha dessa oferta?
R- Hoje a gente tem um lema "Educar para a Vida" e educar para a vida está diretamente com a vida ali no campo, mas muitas vezes a idéia dos alunos não é permanecer ali no campo, é preparar para ser um doutor, um médico, um engenheiro, então em fim prestar uma faculdade, então vai ter de encarar um vestibular um concurso. A minha idéia, a nossa idéia ali como professores é de formar alunos assim como os daqui da cidade, para ser competitivo no mercado de trabalho.

P- Você não acha importante um trabalho para ajudar a fixa esse homem do campo essa famílias que são proprietárias de sítios que podem ter esse sustento tirado de lá, com o trabalho com mais valor agregado, qual a importância que você vê nisso, uma vez que vocês estão formando para o mercado fora?
R- Tem varias questões quando se fala assim pra trabalhar ali, e fixar ele ali no campo, porque muitas vezes o conceito dele não seja permanecer no campo, muitas vezes quer ocupar uma posição de estatus, aonde a posição do homem do campo não seja estatus para ele, então busca uma formação superior, e não a valorização ali na comunidade de trabalhar e viver ali, permanecer ali naquele local.

P- Você não acha que é falta de incentivo para que esses jovens, essas famílias, queiram sair do campo, engrossar as fileiras da cidade que já é tão competitiva, que a cidade às vezes não comporta tanto, o mercado de trabalho não está sendo suficiente, talvez da própria escola incentiva melhora esse trabalho, tenta melhora esse plano de trabalho pra que eles entendam o valor que eles tem ali na terra?
R- Com certeza, isso precisa ser trabalho, ser conscientizado, porque a visão deles é com eu disse, sair do campo e ter uma profissão de estatus, essa consciência de permanecer ali, de não vir aqui para não competir aqui na cidade tem que ser trabalhada, e até mesmo de falta ser despertada nos profissionais da área da educação ali da comunidade.

P- O que você acha que falta, na sua opinião o que falta, para que construa um projeto diferenciado que tenha melhores condições, que incentive essas populações do campo para que permaneçam lá, o que falta para construir esse projeto?
R- Bom, precisa também, eu acho, divulgação do potencial que ele tem ali no local, para que ele não possa vir competir aqui, então a divulgação através de palestra, que pode chamar a atenção deles que ali tem um valor, que ali também tem status, ocupa um lugar na sociedade como um todo, então para que eles venham a permanecer ali no local, porque ali tem fontes para sobreviver com todo o vigor, naquela localidade, sem buscar outro lugar, então falta um olhar nessa perspectiva, tanto políticos, quanto os nossos governantes, quanto até mesmo os professores que isso ainda não está sendo despertado, ou está sendo despertado agora.

P- Você deve conhecer um pouco os jovens, uma vez que você esta trabalhando quase a metade do ano lá, você acha que se tivesse, fosse oferecido o terceiro grau, que atendesse as expectativas deles, você acha que eles viriam para a cidade?
R- Com certeza se tivesse um nível superior ali que atendesse a necessidade, pra eles com certeza não iriam deixar, sem antes experimentar o que eles têm ali, então ele necessita ter isso lá no campo mesmo, talvez eu disse que eles vêm por falta de necessidade de ter ali naquele local.

P- Isso quer dizer que a escola não atende a comunidade, os interesses da comunidade como um todo?
R- Olhando a essa perspectiva com certeza não, porque a formação é como eu disse, é uma preparação para o mercado de trabalho olhando para uma visão geral.

P- Voltando para o lado mais técnico, gostaria que você me informasse como é que são trabalhadas as avaliações dentro da escola, se existe reprovação, qual o índice, que critério utilizado para avaliar esses alunos?
R- Quanto ao índice de reprovação, eu não tenho uma informação exata, mas avaliação ela é feita continua, como são os parâmetros curriculares, então o modelo da escola é esse, uma avaliação continua do aluno como um todo.

P- Que tipo de material didático geralmente os professos utilizam para suas aulas, dentro de suas aulas?
R- Além dos materiais necessários ali dentro da sala de aula, o professor tem como recurso vídeo, televisão, vídeo, retro-projetor, e a dinâmica do professor ali dentro da sala de aula, material que ali ele improvisa material didático, que seja material do dia-a-dia do aluno.

P- Se você tivesse que mudar alguma coisa, ou acrescentar na Escola Cirila com relação ao conteúdo, com relação a estrutura física, o que você mudaria, ou o que você acrescentaria?
R- Quanto a estrutura física, há a necessidade de ser mudado ou acrescentado mais salas de aula, que ainda temos salas dentro da igreja, em área da associação, então há a necessidade de ser mudado. Agora especificamente pra minha área, que é biologia, pra ser trabalhado melhor o ideal seria a formação de um laboratório, com microscópio, aonde eles poderiam ter acesso ao conhecimento, não apenas a teoria, mas também a prática.

PROFESSORA C

P _ Eu gostaria de saber de você como é que é feito o planejamento das atividades da escola?
R _ Eu faço de acordo com o conhecimento dos alunos, faço o planejamento anual, mas nem sempre sigo aquilo o dia-a-dia, de repente eu chego na sala de aula e os próprios alunos querem saber outra coisa, eu acho que é de interesse deles, eu acho que é importante, então eu trabalho em cima daquilo.

P _ O que é educação rural para você?
R _ Educação no estado em si, eu não vejo diferença, a educação rural quanto a urbana, pra mim torna a mesma, a responsabilidade do professor é a mesma. Mas também tem alguns detalhes, os nossos alunos da escola rural, principalmente os nossos, são assim a gente vê que tem maior interesse, eu não sei se é porque os pais cobram mais, mas quanto a educação não existe diferença.

P _ Qual a participação dos pais, a participação da comunidade nas ações da escola?
R _ É uma participação bem coletiva, tudo que a gente faz aqui e manda convidar eles estão sempre prontos a nos ajudar, reuniões de pais eles estão aqui sempre a saber como estão a vida escolar dos alunos, é claro que não é cem por cento, mas é grande maioria, resumindo a participação deles é muito boa e proveitosa.

P _ Por que você acha que essa comunidade e tão participativa nas ações da escola?
R _ Acredito que eles estão preocupados com o futuro dos seus filhos.

P _ A escola conhece o modelo de produção dessas famílias, como é que elas vivem dentro dos sítios, o que elas produzem, em geral todos são sitiantes, ou quase todos, a escola tem conhecimento desse modelo de produção?
R _ Não, eu principalmente não tenho conhecimento desse.

P _ Como são incorporados pela escola os aprendizados de outras praticas educativas, principalmente de outros grupos, que vivem e trabalham aqui?
R _ É multou, a gente sempre procura trabalhar juntos, trocando conhecimentos.

P _ Como são trabalhadas as relações de gêneros na escola?
R _ Pelo menos eu não trabalho de forma diferenciada, para mim não tem nada a ver, tanto faz se é menino ou menina, quando eu tenho que falar o que é preciso eu falo, não importa o assunto eu trato da mesma forma, não tem diferenciação entre eles.

P _ Qual a responsabilidade da educação, no caso dessa escola, no desenvolvimento sustentável dessa comunidade?
R _ É a mesma que a gente teria em qualquer outra escola, não é porquê é uma escola rural, professor em qualquer lugar que ele esteja, seja na zona rural ou na cidade, professor é sempre professor, e a responsabilidade na educação é sempre a mesma.

P _ Como são trabalhadas as questões com relação ao direito a terra, com relação à reforma agrária dentro da escola, já que a escola é localizada dentro de uma área de assentamento?
R _ Quanto a isso, eu pra minha disciplina eu não trabalha, então não sei como os meus colegas fazem, então não tenho conhecimento.

P _ Que tipos de material didáticos são geralmente utilizados pelos professos, no seu caso por exemplo, na sala de aula?
R _ Eu uso livros, eu tenho meus livros, e sempre acompanhado de fitas de vídeo cassete, fita de vídeo mesmo, então eu trabalho no caso livros, vários no caso, não sigo um só, e têm minhas as fitas, no caso eu trabalho com eles.

P _ Você acha que seria importante para a escola que se localiza na zona rural, que fosse trabalhado um conteúdo diferenciado pra esses alunos?
R _ Na minha opinião só se fosse nas disciplinas, por exemplo, História e Geografia, que tem muito a ver, mas quanto a mim, eu acho que é a mesma tanto na escola da zona rural, quanto nas cidades, tem que ser a

mesma, porque a gente não sabe do futuro dos nossos alunos, hoje eles estão aqui, amanha eles podem estar lá.

P _ Como são trabalhadas as avaliações, se tem reprovação, qual o índice de reprovação, e a que você atribui essas reprovações, se é que elas existem?
R _ Primeiramente falando de avaliação, eu avalio da seguinte forma: no dia-a-dia, então a minha avaliação é contínua; sendo que eu até dou nota nos caderninhos deles; dou uma avaliação escrita por bimestre; e a participação para mim é muito importante. Então comigo até hoje não reprovou nenhum aluno, ficou de reprova, mas reprova. O índice de reprovação nessa escola é minoria. No ano passado nós tivemos alguns reprovados, que eu não lembro quanto, mas foi minoria. E essas reprovações o que eu atribuo a elas foi à falta de entese por parte dos alunos mesmo, porque os professores fizeram tudo que puderam para que eles conseguissem notas, mas infelizmente não teve jeito.

P _ que educação esta sendo oferecido hoje aqui nesta escola, e que concepção de educação esta presente nesta oferta?
R _ Nos procuramos fazer o melhor possível, claro que a gente nem sempre é cem por cento, mas nós trabalhamos muito a questão de valores, por nossos alunos nem todos, mas alguns por morar na zona rural, se sente diferenciados do aluno que mora, vive e estuda na cidade, então nós procuramos passar para ele que não tem diferença alguma e trabalhamos muito a alta estima deles.

P _ Você acha que a escola atende aos interesses reais da comunidade?
R _ Atende sim, com certeza.

Ok, muito obrigada.

PROFESSORA D

P- Como é feito o planejamento das atividades da escola?
R- Nós seguimos as orientações pedagógicas de qualquer linha de ensino, o PCN, que nos norteia, nos trabalhos, objetivo, dentro do planejamento, visando a comunidade, trabalhamos metodologia visando também, nos adequando à realidade da comunidade aqui, as avaliações tudo, nós pensamos sempre na comunidade, na realidade da mesma, e dentro dos objetivos que nós temos trabalhados, é os objetivos ampliados noções de cidadão mesmos, formar cidadão, é preparar cidadão, preparar para o trabalho, para o mercado de trabalho, independente se já tem fazenda, se não tem, já tem o meio de ganha-pão deles aqui, nós trabalhamos eles preparando para o mercado de trabalho.

P- Esse mercado de trabalho, esse pensamento da escola, você pensa essa formação para o mercado de trabalho fora da zona rural?
R- Isso, devido serem adolescentes jovens e nem todos gostam de fazenda, nem todos sonham em ficar simplesmente em fazendas, eles mostram para nós ser e ter algo diferenciado do que o pai tem, então vamos trabalhar encima disso também, não é um estudo reduto, restrito, não é só fazenda, fazenda, fazenda, fazenda, não só isso.

P- A que você atribui esse não gostar dos adolescentes das atividades do campo?
R- Ser jovens, jovens gostam de cidade, festa, de dança, jovens gostam de liberdade, de pegar o seu dinheiro e comprar roupa da moda, se entendeu, dentro do campo em si, eles percebem que os pais os prendem, porque tem é uma concepção diferente, formar cultura, aquela questão tem que trabalhar mesmo, e a moçada é como qualquer jovem, quer sempre mais.

P- Você concorda com os adolescentes que o futuro deles está lá fora, na cidade?
R- Depende, tem muita gente lá fora sem futuro, isso depende do posicionamento do adolescente do que ele pretende, e o que é futura para ele. Porque se futuro for para ele ir para a cidade ganhar um salário, aqui na fazenda eles ganham também um salário. Trabalhando de roceiro de empreitada, carpindo roça, então depende do que é futura para eles.

P- De que forma a comunidade participa das ações na escola?
R- Olha, de forma geral, falou em, vamos participar gente, os pais são muitos presentes, as reuniões de pais vem maioria são presente, se tem um mutirão, os pais participam, se tem gincanas os pais também participam, gostam de vir, cai na festa também, jogos, tudo, participam muito bem, lutam também pela escola, no sentido de brigarem, entre aspas, de pelos seus direitos, então se preocupam muito com a escola.

P- A que você atribui essa participação desta comunidade, uma vez que pelo que se ouve, não é muito comum, a participação maciça, principalmente em comunidades rurais?
R- A escola vale a pena, eles percebem isso, que nós falamos a mesma língua, nós queremos, nós damos o nosso melhor, e eles tem visto isso, e tem investido no que pro aluno é melhor, então alguns pais não trocariam de forma nenhuma a escola da zona urbana por esta. Porque a realidade desta no momento é uma escola de padrão excelente.

P- A escola tem conhecimento do modelo de produção agrícola da comunidade, e se ela tem conhecimento, qual a ligação que existe entre o trabalho da escola e essas questões relacionadas à produção agrícola?
R- Olha, é muito difícil para nós, nós termos conhecimento, é claro, do que compreende o trabalho em si dos pais agricultores, tem lavoura de melancia, tem lavoura de banana, não sei se a senhora chamaria de lavoura, tem diversas produções nessa área, mas fica complicado porque se nós nos tendermos a trabalhar somente esses aspectos os outros aspectos cobrados pelo currículo em si falha, então o que a gente faz, a gente corre lá e vem cá, faz uma ligação, nunca deixamos de tocar e abordar esses assuntos, mas falar que bate acirrado em cima disso, não, não bate, dependendo da disciplina, somente algumas como Educação Ambiental, como Ciências, e outras, mas algumas a gente não tem como se alastra tanto em ficar só naquela, tem que ir lá e vir aqui também.

P- Como são incorporadas pela escola, o aprendizado de outras práticas educativas, especialmente ligadas a diversos grupos culturais da comunidade, que trabalham, que vivem aqui?

R- Sempre que a gente fala em cultura, nós mostramos para eles que eles são seres, indivíduos repletos de cultura, então desde a forma com que eles aprenderam a trabalhar em si, na zona rural, a forma deles falarem em si, isso ai ta tudo infestado, repleto de cultura, então a gente aborda isso, essa cultura deles, fala muito sobre isso, tiramos a concepção que a pessoa sem cultura é a pessoa que não é estuda, mostramos que não tem nada a ver isso, tivemos que fazer um trabalho ardo em cima disso, porque eles achavam que eles eram sem cultura, então já mostramos a cultura deles em si, sempre prezando, fazendo um apanhado geral, mostrando também, ó tem cultura ali, tem cultura aqui, mostrar que Vila Bela tem cultura, Pontes e Lacerda tem cultura, Matão tem cultura, aqui essa zona, essa zona não, essa região da Pecuária a cultura em si aqui, então a gente fala sobre isso, a gente apresenta e da muita vazão trabalhar a cultura deles assim.

P- De que formas são trabalhadas as relações de gêneros na escola?
R- Bom, com eu havia antes falado para você, a moçada ta todo gás, homem e mulher, a gente trabalha as relações sexuais, os problema das relações sexuais, problemas das relações sexuais, doenças sexualmente transmissíveis, não é porque está a vinte e dois quilômetros de Pontes e Lacerda é que esta longe disso, pelo contrario, trabalhamos relações, como eles vão se relacionar, namoro, agente fala sobre isso, aborda o sexo na sala de aula, sobre o casamento, trabalhamos de uma forma aberta, e temos até temos uma ... mas tudo às claras, as transparências, na frente de todo mundo, porque aqui como você viu, nós temos matos, por aqui por perto, então se você vi permitindo, permitindo, o adolescente em si não tem esse domínio, a gente trabalha legal, pode mas ... todo mundo aqui, namoro.

P- O que você acha da responsabilidade da educação, especialmente dessa escola aqui, no desenvolvimento sustentável das da comunidade, das famílias rurais?
R- Qual a relação que ela tem?

P- Qual a responsabilidade?
R- Bom, eu poderia dizer o seguinte, o que nós fazemos é preparar esse individuo para ter responsabilidade, ao que ele já tem, porque eles já são cidadãos, pessoas privilegiadas, eu sempre falo isso para eles, a maioria os pais são proprietário de terra, a maioria tem aonde ganhar o sustente, tem o leito que eles vendem, tem o boi, tem a lavoura, então falar assim a escola o que ela esta fazenda para ajudar o aluno em relação a essa mão de obra, esse trabalhar, a trabalhar, bem nós preparamos esse aluno para isso mesmo, é pro trabalho em sim, a responsabilidade que a gente coloca para o aluno é isso ai, você vai deixar o seu pai na mão, o que você quê da sua vida, vamos usar o que você tem hoje para melhora, vamos melhora.

P- A Escola Cirila esta localizada dentro de um assentamento, área de reforma agrária, de que forma é trabalhada a questão agrária dentro da escola?
R- Olha, como professora de Língua Portuguesa, eu não ouso tocar nesse assunto, porque o que eu entendo é muito pouco, o meu conhecimento de reforma agrária, infelizmente, mas sinceramente vou fala de uma forma positiva, falamos nesse assunto, porque ele é um assunto muito próprio, eles mesmos falam sobre isso, só que aprofundamento em si a gente não faz na disciplina.

P- Tem algum motivo especial pra não trabalhar as questões agrárias?
R- Talvez não vem da parte deles, talvez os outros professores de outras disciplinas tenham visto isso, mas a carência deles em relação a isso ai, não fala muito, fala eu quero saber sobre isso, sobre aquilo, não que o professor não tenha que dá aquilo que o aluno pergunta, mas a gente fica mesmo em silêncio com relação a isso, vamos assim dizer.

P- Que tipo de educação você acha que está sendo oferecida hoje na escola?
R- Não sei se nós temos conseguido atingir os objetivos, mas no nosso coração é a melhor que a gente pode dá.

P- Na sua concepção essa oferta é a melhor?
R- Porque melhor eu coloco, devido, nós temos problemas de transporte, e desanimamos por isso, temos problemas, como qualquer outra escola, falta de livro, não desanimamos por isso. Entendeu? Temos problema por falta de um apoio, de um material, etc e tal, e a gente temo feito com amor, tem feito com dedicação, e temos mostrados para eles que não há diferença entre vocês e a zona urbana, não há, se alguém já tem isso na cabeça pode orgulhar, a Escola Cirila é uma escola boa, com um quadro de

profissionais jóia, excelente, não vamos dizer que não tem furos, tem, tem um ou outro assim que não pega no negócio, mas na zona urbana também ta cheio, mas o que nós temos oferecido é o melhor de nós, que nós podemos dar, e nos preocupamos muito, nas reuniões é falado, meu aluno, meu aluno, um cidadão, e eu vou prepara ele com o melhor que eu tenho.

P- Você acha que a escola atende aos reais interesses da comunidade?
R- Depende, quais são os interesses da comunidade, depende, porque tem pais, como você viu, com relação a reforma agrária, quer que os alunos saiba isso mesmo, que tem aquela concepção lá, eu sei isso, mas como você não sabe? O professor não te ensinou isso. Mas tem os outro interesses, tem aluno que quer ser médico, que ser veterinário, que ser dentista, nós estamos preparando eles? Estamos, dentro dos currículos é isso ai, o governo não quer isso, que alunos saibam Matemática, Português, Ciências, Biologia, nós estamos dando isso, então não estamos preparando? Estamos atendendo a realidade? Eles vão lá pra fora e... Dentro da realidade deles nós estamos.

P- Como são trabalhadas as avaliações na escola? Há caso de reprovação e a que são atribuídas essas reprovações, se é que elas existem?
R- Há reprovações, um índice baixíssimo, uma porque somos obrigados a fazer isso, as cobranças são exigidas assim, as cobranças ficou péssimo Remédios, depois você corrigi isso. Há esse tipo de cobrança para nós, o aluno não vai reprovar, nós sabemos disso, o por quê tem por trans disso, só que tem alunos de escola multi-seriadas que não tem a mínima condições, chegam aqui com inúmeras deficiências, que para corrigir, Deus queira que nós consigamos, mas também nós não somos Aladim, ninguém faz mágica, e as avaliações são trabalhadas de forma a atender de forma o lado crítico do aluno, então temos provas, temos provas, todo mundo faz prova, alguns, para ver a necessidade, precisa verificar a necessidade de um conteúdo assim, mas nada para bomba, explodir com o aluno, temos provas, temos seminários, temos palestras, isso tudo é avaliação, temos teatro, temos dança, isso tudo cai assim, fez produziu, estamos te avaliando, estamos te avaliando o seu processo, ele é paralelo e continuo, desde o momento que o aluno pisou aqui dentro na sala de aula fez a sua primeira participação, calado, ou na produção escrito, ou na fala, mostrando, estamos avaliando assim, no percurso.

P- Bom, você acha que deveria ter um projeto específico de educação para zona rural?
R- Um projeto em que sentido, esse projeto Remédios?

P- Um projeto específico para as escolas do campo, que trabalhasse mais voltada, com professores preparados exclusivamente para as escolas do campo?
R- Depende Remédios, sabe porque, o vestibular não é o vestibular do campo, Remédios, se entendeu? Então lá pra fora não vão encontra coisas do campo, eles vão encontrar o que todo mundo encontra lá, independente de você mora em uma fazenda a cem quilômetros de Pontes e Lacerda, o vestibular da UNEMAT que ele vai fazer para Zootecnia, vai ser o vestibular que o menino estudou em São Paulo, vai ser de Mato Grosso, de outras regiões, vai fazer, então falar que o professor é do campo, eu penso eu assim, o que eu precisaria era como uma professora de Língua Português era realmente saber mais sobre essas questões agrárias, até para enriquecer minha aula, na produção de texto seria interessante, visitarmos aqui as chapadas, a Serra de Santa Bárbara, aqui em termos de cultura, para que o aluno possa saber o que é dele, isso é interessante, só que pegar um professor e qualificar ele para trabalhar no campo, o que ele vai trabalhar no campo?

P- Então na tua opinião não é importante que seja um projeto específico, ou não?
R- Depende desse projeto, porque se esse projeto se falar que é pra qualificar o professor só para área do campo é furada, porque se o professor só for trabalhar a parte do campo com o aluno, e a parte da zona urbana e a zona urbana que o aluno depende dela, que ta totalmente relacionada, então precisa-se, só que depende do que é esse projeto.

P- Um projeto de educação. Quando eu falo educação para o campo, eu falo educação, ele não vai ter só as questões do campo talvez, mas mais coisas voltada pra este aluno do campo?
R- Isso tem que vir de baixo para cima, não de cima para baixo, tem que estudar uma realidade, com a realidade não, com os pais, é interessante pai voltar a escola para o campo? Porque tem pai que pegam os filhos e levam para a cidade sem nenhum problema, não ta interessado no campo, ele quer saber que o filho

dele vai supri as necessidades do mercado de trabalho, quando sair daqui e ir pra lá, alguns não, mas tem pai que pensam assim, então se tivesse esse projeto, penso eu é importante ter, mas eu não sei, porque eu não moro aqui, então tem que ver com a comunidade, os pais em si os alunos, porque eles já sabem o que eles querem, e muito deles, diferente do que os outros pensam, tem uma concepção totalmente aberta, não querem ficar aqui a vida inteira, as moças não querem ficar restritas a fazenda. Nos sabemos qual é o trabalho no campo, é tirar leite, é carpi, entendeu? A moça fica mais dentro de casa, limpando, fazenda queijo, fazendo doce, uma adolescente que isso para a vida dela? Quer voltar a essa parte do campo em si? O que ela que é usufruir da parte do campo e da cidade também. Entendeu? Então há essa ligação.

P- Você acha que o fato dos adolescente não quererem ficar mais no campo é uma influência da família? Por quê essa vontade de ir para cidades?
R- Olha Remédios, eles são jovens como eu já disse, e muito deles tem até raiva quando falam que eles são da fazenda. Porque eles relacionam isso a roça. Entendeu? E se é roça, é caipira, se é caipira é matuto, é inferior, aquele que não consegue chegar no banco e fala com gerente, aquele que é seu subordinado. Você entendeu? Então quer dizer que eles às vezes têm essa imagem, uma pena porque eu vejo de um lado do campo um lado muito, eu falo isso para eles, aqui vocês são donos das terras, vocês mandam na terra, diferente de quem esta lá trabalhando de secretária, e que quem manda nela é o patrão, e ela tem que obedecer às ordens, então eles não percebem essa diferença de status também que eles tem, mas porque isso é uma idéia das famílias, já criou um avô, criou uma avó, naquela vida ali, então ele tem uma versão a isso, a maioria a gente percebe isso, se der oportunidade vão para o espaço mesmo, se falar que tem um ônibus indo para Pontes e Lacerda, vai ter muita gente querendo estudar lá, por quê? Não porque eles encontrem lá a salvação, o futuro em si, vamos falar assim, não, mas eles são pessoas que querem ser respeitadas como qualquer um, então muitas vezes eles querem ficar na cidade, porque eles vêm que quem é da cidade às vezes tem mais respeito, às vezes aprende a lhe dar com o mercado de trabalho, a ir no banco, num centro grande, a descontar um cheque, então tem essa visão ainda, eles não percebem que aqui dentro eles podem aprender, e trabalhar no campo, mora aqui, mas ir para lá e se sentir da cidade, não, mas a própria cidade joga isso, como caipira, e eles tem raiva disso.

P- Isso com certeza é um tipo de preconceito. Você acha que isso poderia ser superado, essa questão do preconceito, em que as pessoas do campo são consideradas inferiores, a escola trabalha isso, ou o que você acha?
R- Demais. Nós trabalhamos, batemos muito essa temática, que eles não são diferente e nem a nós que moramos na fazenda, nós mostramos pelo contrário, o lado econômico às vezes é bem mais estabilizado aqui. No fato tem a questão depende da zona urbana, o leite cai o preço, então a economia vai cair também, o lado econômico vai ser abalado, mas nós trabalhamos isso a eles, há preconceitos sim, quando nós levamos os nossos alunos na fera cultural não acreditaram que a nossa escola ficou em terceiro lugar no ano passa, porque eles acharam que os alunos do campo não conseguiam fazer dança, não conseguia fazer teatro, não conseguia fazer peça, que só as escolas de dois mil alunos conseguia, quando eles viram a nossa escola destacando, até os alguns professores da rede estadual falaram que isso é bom para mostrar aqui para a zona urbana que eles não são matutos, que eles não tão enfiados lá na roça, que eles estão aprendendo, como qualquer uma.

ALUNO 1

P _ Quantos quilômetros você mora da escola, e tem meio de transporte para você vir?
R _ Vinte e dois quilômetros, e tem transporte para vir para a escola.

P _ Você tem alguma atividade no sítio, uma vês que eu deduzo que o seu pai é sitiante, já que você mora aqui nessa área, você tem atividade ligada a atividade agropecuária?
R _ Tenho, eu tenho sim, no período que eu fico até pegar o ônibus eu faço tudo lá, muitas coisas, várias, várias coisas.

P _ Como você utiliza o seu aprendizado aqui da escola nas suas atividade diárias?
R _ Nós tínhamos aulas de Técnicas Agrícolas, mas o ano passado, esse ano não tem, então isso faz falta, as outras matérias são Português, Ciências, Matemática, Biologia e Química, a gente tem bastante isso no colégio.

P _ Você acha poderia ser incorporadas ao conteúdo da escola algumas disciplinas, ou algumas atividades que atendesse mais diretamente a realidade de vocês com relação às atividades no campo?
R _ Com certeza, porque a aula de Técnicas Agrícolas faz falta para gente, porque com ela a gente aprendia a mexer com as plantas, com horta, com a terra, com os animais, etc.

P _ A escola Cirila é localizada dentro de um assentamento, como a escola trabalha as questões agrárias, com relação ao direito a terra, etc.?
R _ Não, ela não tem relação agrária.

P _ Você está no primeiro ano do ensino médio, você pretende mudaR _ se daqui para continuar os estudos?
R _ Sim, eu pretendo muda, porque às vezes aqui não tem o quê a gente que, o estudo quê a gente que, fazer a faculdade, e é bem complicado.

P _ E se a escola, como já falamos anteriormente, oferecesse melhor condições com relação a possibilitar a vocês trabalhar na propriedade de vocês, a se fixar aqui, você gostaria?
R _ Com certeza, eu voltaria.

P _ De que forma a comunidade participa das atividades da escola?
R _ Através da união, do conselho de classe, assim por exemplo, eles querem o melhor para a gente, então eles se unem e querem o bem.

P _ Toda a comunidade participa nas atividades, é uma participação grande, o pessoal tem interesse?
R _ Têm, eles têm grandes interesses.

P _ Por que você acha que acontece esse interesse com relação a participação nas atividade da escola, já que não é tão comum em outras escola essa participação maciça da comunidade na escola?
R _ Eles tinham conhecimento antes das associações, e outras coisas.

P _ O que você gostaria que mudasse ou acrescentasse nos conteúdos e na forma geral com relação a tudo que é oferecido pela escola?
R _ Que trousse mais cursos, as salas de aulas, que muitas vezes tem muitas pessoas, muitos alunos, inclusive tem duas séries ou três séries, não sei, ta assim em outras salas velhas, no barracão, na igreja, que pudesse construir uma outra sala de aula para que pudéssemos ficar mais à-vontade.

P _ Que tipo de materiais didáticos são ousados pelos professores para ministrar as aulas, são de forma tradicional, convencional, ou usam outro tipo de material?
R _ Tradicional, e outros assim com a nossa realidade aqui mesmo.

P _ Que educação você acha que está sendo oferecida hoje aqui nessa escola?
R _ Como assim, como vive na sociedade, como tem a liberdade, e outras coisas.

ALUNO 2

P- Eu gostaria de saber de vocês, a quantos quilômetros você fica da escola?
R- Eu fico cerca de dez quilômetros de distância da escola.

P- Tem transporte satisfatório?
R- Demais, o transporte ajuda a gente bem, o transporte é ótimo.

P- Você gosta da escola?
R- Demais, a escola é muito boa, Cirila, principalmente pelo lado do diretor, ajuda à gente, incentiva a gente bastante, certas atividade, muito boa a escola.

P- A sua família é sitiante, você tem alguma atividade no sítio, lá o que vocês faz relacionado à agropecuária, a questão da produção?
R- Bom, a minha família mexe com gado, tira leite, e a agricultura que a gente planta essas coisas assim, a gente planta vamos supor arroz, milho, mandioca, banana, mais para comer.

P- O que a escola tem relação direta com as suas atividades no sítio, esse aprendizado aqui da escola te orienta, te ajuda, na tua vida cotidiana, de que forma?
R- Bom, tem a Educação Ambiente e Biologia, que ajuda a gente bastante, que a gente entende certas coisas, e passa a usa-la, aplica-la, manuseá-la, a gente tem demais o que agem tem de fazer sobre aquilo.

P- Como é a forma de participação da comunidade na escola?
R- Bom, a forma de participação da comunidade na escola eu acho que é muito boa, quando realiza algum evento na escola tem participação maciça dos pais, até que o direto elogia a participação dos pais na escola.

P- A escola tem conhecimento da realidade de vocês na pequena produção, o sistema de produção da família, o que vocês têm dentro da propriedade, qual é a relação que a escola faz com isso, ela trabalha isso, de que forma?
R- Bom, eu acho que a escola não tem muito conhecimento sobre esse assunto não.

P- A Escola Cirila está localizada dentro de um assentamento, uma área de reforma agrária, como é que a escola trabalha essa questão de reforma agrária com vocês?
R- Bom, ela tenta explicar como é que funciona a reforma agrária, mas não trabalha de um modo muito aprofundado sobre isso.

P- Você acha que a escola tem alguma responsabilidade com relação ao desenvolvimento sustentável dessa comunidade, dessas famílias rurais?
R- Aí nessa forma eu acho que pode ter, a escola ajuda a gente bastante como a gente meche com as coisas, ensina mais ou menos assim.

P- Você tem vontade de mudar do sítio?
R- Eu não, pessoalmente eu tenho vontade de mudar do sítio, eu gosto do sítio, a cidade, a escola também é muito boa aqui, tudo que tem aqui, eu mesmo ia mudar do sítio porque não tinha como completar o segundo grau, mas com a ajuda da prefeitura eles construíram um colégio muito ótimo, e eu mão precisei muda para a cidade.

P- Terminando o segundo grau você pretende continuar seus estudos, aonde e de que forma?
R- Eu tenho vontade, se a gente tiver uma ajuda, que é muito difícil a gente continuar os estudos hoje em dia, a gente não tem ajuda do assim do governo, a gente que não tem muita renda, ai no caso a gente tem de mudar para a cidade, porque aqui não tem faculdade.

P- Se tivesse ensino superior aqui você mudaria do sítio para a cidade?
R- Eu não mudaria.

ALUNA 3

P- Você mora longe da escola, quantos quilômetros daqui, tem transporte para você vir à escola?
R- Sim, eu moro bem perto daqui da escola, a distância máxima é dois quilômetros, e tem transporte sim, para eu vir à escola, eu mora bem perto, e alias o meu marido é motorista que puxa alunos aqui pra escola.

P- Você é proprietária de sítio aqui na comunidade?
R- Eu mesma não sou não, mas o meu marido é dono de uma propriedade, de uma terra aqui, bem pequena, mas dá pra a gente viver.

P- Você tem alguma atividade no sítio?
R- Sim, eu acordo cedo, vou tira lei, ajudo o meu marido a mexer com vaca na vacinação e depois eu vou cuida da cozinha.

P- Nas suas atividades do sítio você utiliza a quilo que vocês aprende aqui na escola, esse aprendizado é útil no teu dia-a-dia, em que?
R- Bom, alguns aprendizados são, é útil pra mim, mas outros não, outras matérias não significa quase nada, e o que eu aprendo aqui que dá pra mim usa, eu uso sim.

P- Quais são as matérias que vocês acha que tem real utilidade no teu dia-a-dia?
R- A matéria de Educação Ambiental, que fala muito sobre a terra, ensina muito a gente com usa, como preservar, tudo a reciclagem, e também a professora de Português, acho que ela explica bem e mostra bem a realidade do dia-a-dia para a gente.

P- Você tem vontade de mudar do sítio?
R- Bom, vontade de muda do sítio mesmo eu não tenho, eu vontade de tenho é vontade mesmo de ter uma casa na cidade mesmo mas só a passeio, mas o meu lugar mesmo é no sítio.

P- Por que?
R- Porque o sítio é um lugar mais calmo, é um lugar assim que dá mais tranqüilidade para gente.

P- A escola Cirila, ela atende assim as tuas expectativas, ela te transmite àquilo que você espera da escola?
R- Sim, essa escola aqui é muito boa, eu gosto muito daqui. Eu já estudei em muita assim, já estudei no sítio, já estudei na cidade, mas a escola e que já estudei no sítio a melhor que eu estou estudei é essa.

P- Tem alguma coisa que você gostaria que mudasse aqui na escola, ou que fosse acrescentado?
R- O que eu gostaria que fosse acrescentado aqui na escola e que tivesse mais salas pros alunos estuda, acho que assim de muda, acho que não tem nada não.

P- Os números de salas não são suficientes para atender toda a comunidade escolar, todos os alunos?
R- Até hoje não, tem alunos estudando na igreja, na sala da associação.

ALUNA 4

P- O que é educação rural para você, educação no meio rural?
R- Eu acho assim que a educação no meio rural ela é, assim um, ai meu deus como eu posso fala... Um meio da gente se, ficar mais orientado, sabendo mais das coisas, enquanto aqui na escola a gente aprende muita coisa, que o professor passa, ensinamento mais aprofundado, e ensina bastante coisa pra gente.

P- Você utiliza esse aprendizado aqui da escola nas suas atividades diárias no sítio?
R- Utilizo. Como eu posso falar, ensina as pessoas a conviver com as outras pessoas também, o meio-ambiente, agente aprende muito também sobre o meio ambiente, o conhecimento dos animais na biologia também, aprendizado sobre o solo.

P- Você está terminando o segundo grau na escola, o que você pretende fazer terminando esse período da escola?
R- Eu pretendo cursar a faculdade e aprender mais sobre. Pretendo ir pra cidade e cursar a faculdade que é o meu sonho, pretendo cursar médico ser veterinário, médico veterinário, porque assim eu acho que eu me identifico muito com os animais, gosto muito dos animais, e eu pretendo voltar para o sítio e mexer com os animais, que é o meu sonho.

P- Você acha que a escola tem conhecimento do modelo de produção utilizado aqui nessa comunidade, qual a ligação que esta existindo entre o trabalho da escola e essas questões relacionadas a agropecuária?
R- Através das pessoas mesmo da comunidade, com os alunos também, eles têm o conhecimento assim, estão começando a aprender, ter um conhecimento através dos alunos e das pessoas da comunidade.

P- Você pretende sair para a cidade para fazer curso superior, uma vês que você acha que a escola não tem assim um currículo, ou que tenha um terceiro grau que possa contemplar vocês após o ensino médio.você acha que deveria ter um currículo, os conteúdos fossem diferenciados, com questões mais ligadas às questões do modelo rural mesmo? Ser repassadas com professores capacitados especificamente pra trabalhar os conteúdos diferenciados para a escola do campo?
R- Eu acho que sim, porque se tivesse um ensino melhor aqui no sítio, beneficiaria a nós que moramos aqui, e não precisaria a gente sair para a cidade para fazer qualquer outro curso, que atendesse a comunidade e principalmente os alunos do terceiro ano que estão terminando agora e esses professores capacitados seriam uma ótima idéia.

P- A escola Cirila é localizado dentro de um assentamento, como é que são tratadas pela escola as questões sobre o direita a terra, as questões agrárias, são trabalhadas, como é que são trabalhadas dentro da escola?
R- São trabalhadas muito pouco, porque devido os professores serem da cidade, eles tem muito interesse nessa questão, mas eu acho que vai melhorar, eles vão ter mais interesse, vão melhor e ajudar as pessoas.

P- O que se você tivesse que mudar ou acrescentar alguma coisa aqui dentro da escola, o que você gostaria que fosse oferecido mais na escola?
R- Olha eu não tenho idéia assim o que poderia ser acrescentado, mas eu gostaria que acrescentasse, mais ligado a realidade rural, que possa oferecer benefícios para os moradores da zona rural. O espeço físico não está sendo suficiente, tem alunos estudando na igreja, no salão comunitário, como todos podem ver, eu acho que tem que ser mudado sim.

PRODUTORA RURAL W

P- Eu gostaria de saber, nós vamos falar da escola, de que forma que a comunidade participa das ações da escola?
R- A comunidade Remédio, participa da ação da escola através do conhecimento que a própria comunidade tem, em ta participando dos conselhos da escola, das reuniões de pais, em todos os trabalhos que a escola a comunidade tem trabalhado.

P- A comunidade tem alguma forma de organização específica, que tem colaborado com essa participação, ou a que você atribui essa participação ativa na escola dos pais?
R- Olha, a comunidade tem sim, porque teve um trabalho que foi feito pela EMPAER, pela FASE e pelo CTA, que foi um trabalho que levou muito conhecimento aos pais e que hoje eles participam ativamente nas atividades da escola e da comunidade também.

P- Você acha que a escola tem conhecimento do modelo de produção agrícola da comunidade, que relação que existe entre o trabalho da escola e essas questões relacionadas a produção?
R- Olha, eu acho que não tem, a escola não tem assim um trabalho, um conhecimento de modelo de produção, ela não tem.

P- Nós sabemos que tem um grupo de mulher na comunidade, eu gostaria de saber se a escola tem conhecimento disso e se a escola trabalha as questões de gêneros, dentro da escola?
R- Não, a escola Remédios, ela tem conhecimento do grupo, porque nós somos ali um grupo de mulher que ta participando do mesmo recinto, e eu faço parte desse grupo, e estou também na escola, então ela tem o conhecimento da existência desse trabalho, as mulheres são muito participativas na escola, na associação, na comunidade católica que nós temos ali tudo em comum, mas um trabalho de gênero a escola não tem, foi um trabalho feito também antes de existir a escola.

P- Por quem foram trabalhadas essas questões, se foram trabalhadas antes da escola?
R- Essas questões antes, foram trabalhada muito bem pela EMPAER, pelo CTA, a FASE e o Sindicato, foram essa pessoa que trabalharam na comunidade a formação de gêneros e que deu muito fruto que onde há uma comunidade com muita participação, principalmente da parte das mulheres.

P- Você acha que a escola tem responsabilidade no desenvolvimento sustentável da comunidade na qual ela atende?
R- Não, ela não tem uma responsabilidade nessa área que ela atende não, porque falta um pouco assim de trabalhar mais a questão da realidade da própria escola Cirila.

P-A Escola Cirila está localizada dentro de um assentamento, a escola trabalha as questões agrárias lá na comunidade?
R- As questões agrárias no trabalho desenvolvido pelos professores, eu não vejo também esse desenvolvimento lá no assentamento não.

P-Que educação você acha que está sendo oferecida pela escola hoje?
R- Olha, a educação lá ta sendo oferecida uma educação muito boa, mas em relação a livros mesmo, ao desenvolvimento da escola, porque hoje nós temos uma escola na zona rural que funciona igual a escola aqui na cidade, ta tudo dentro de um mesmo padrão, agora para nós lá eu acho que deveria ser um pouco mais diferenciado, seria um melhor.

P- Você fala diferenciada sobre qual aspecto?
R- Sobre a maneira de ta trabalhando com os próprios alunos ali, trabalhando a realidade deles no campo, a maneira de estimula eles a ficar ali mesmo, podem alguns até sair, buscar mais conhecimento, mas que eles valorizem a origem deles aonde eles podem esta tirando muito fruto, muito trabalho, então eu acho que a escola deveria passa uma parte mais aprofundada da realidade, para que incentivasse a morar lá mesmo.

P- Você acha que se oferecesse terceiro grau, se tivesse uma faculdade, um curso superior, as famílias deixaria de ta migrando para a cidade?
R- Com certeza, porque se lá tivesse uma faculdade, hoje já temos o privilégio de ter o segundo lá, mas ai não tem nenhum incentivo para que continuem lá esses alunos, depois que termina lá o

segundo grau estão vindo para cidade. Então eu acho que seria muito importante se tivesse uma cessão de faculdade, uma cessão na área que fosse incentivar eles a esta trabalhando lá.

P- De modo geral você acha que a escola atende aos interesses da comunidade na realidade?
R- Olha, por uma porta, não vou falar de um modo geral não, porque não atende principalmente nesse sentido, os nossos alunos muitas vezes não são preparados para viverem no sítio, e que os pais sentem muito em estar com uma escola muito bem encaminhada, mas que pensando que no futuro os seu filhos vão ter que sair, e não é esse a satisfação de um pais e nem da própria comunidade, eles tem que ta sempre ali juntos trabalhando.

P- Na sua opinião Anilda, o que falta pra uma construção de um projeto diferenciado pra educação no campo?
R- Olha Remédios, eu acho que falta mesmo primeiramente e ter uma pessoa ou várias pessoas que se interessasse nessa área, eu acho que seria um dos pontos. Primeiro, porque todos os projetos, assim não diria todos, todos que foram encaminhados principalmente para a Escola Cirila, já temos um boa conquista, então ta faltando que alguém mesmo se disponha, falando, vou trabalhar nessa área, vou fazer de tudo para que mude essa realidade, para que alguém possa ta trabalhando no projeto, que esse projeto seja aprovado, para que venha a trabalhando esse desempenho lá, cultivando, preparando, pra que as pessoas, principalmente os alunos, as famílias permaneçam lá no assentamento.

P- Se você tivesse que mudar ou acrescentar alguma coisa oferecida na escola Cirila, o que você gostaria de acrescentar ou mudar?
R- Olha, acrescentar, eu gostaria muito que acrescentasse a parte de ensinamento que o aluno hoje começasse a ter a sua formação técnica ali no sítio, sua maneira de produzir, de ajudar o seu pai a produzir, que tivesse uma diferença, que ele pudesse ta assim com vontade de está trabalhando junto com o pai. E também salas de aulas mais adequadas, que estamos hoje estudando, você mesmo está vendo aqui na nossa realidade, em todos os lugares, na escola, na igreja, na associação, isso é uma ação do que a escola está no horário do período da tarde com onze salas de aulas, e que a escola tem mesmo ali só cinco, seis salas de aulas que ta mais ou menos adequadas para os alunos estudarem, as outras são, então faltam muito salas de aulas, falta muita organização no recinto, ali se for dar uma olhada falta bastante.

PRODUTOR RURAL X

P-Vai me falar um pouco sobre a questão da posse no assentamento, como é que se deu esse processo, como nasceu o assentamento e como é que foi a luta dessas organizações em busca desse direito à terra.
R- O assentamento PA Rio Alegre nasceu dos posseiros, eles entraram na área nos anos 90, e daí começaram a se organizar, fazer reuniões, procurar o Sindicato para a liberação daquela área pra eles. Nos anos 93/94, já virou uma posse pacífica, o pessoal já estava começando a trabalhar e nos anos 95, a gente começou um trabalho de organização, buscando formar associações, criar as comunidades, fundar as comunidades religiosas e daí pra frente a gente começou a se organizar.

Nós fizemos também, uma grande luta, pra começar os primeiros colégios primários, da 1ª à 4ª séries, que era uma grande necessidade, muita criança que não tinha onde estudar. E os pais se organizaram, fizemos escola coberta com folha de babaçu, fizemos toquinho pras crianças ta sentando, e daí, buscar recurso junto ao prefeito, que é o governo municipal, para que ele criasse e pelo menos pagasse a professora, para que fosse desenvolvendo um trabalho ali no ensino. Nos anos 96/97, e daí por diante, a gente já conseguiu uma pequena escola na gleba, uma na Rio Alegre e outra na Mina do Ouro e outra na Nossa Senhora do Rosário, já de alvenaria, com mais qualidade, professores mais qualificados. E daí a gente sentiu a necessidade , que precisava ter um colégio pra ensinar até a 8ª série e o 2º grau, porque aquelas crianças já estavam preparadas pra ir, precisavam vir pra cidade, os pais precisavam estar se deslocando de lá pra vir pra cidade e que não era o fundamental que a gente tava precisando. Se nós já fomos pra um assentamento, pra daí 3 anos está voltando pra cidade, que base que nós ia ter? nós não tínhamos estrutura pra estar aqui na cidade, nós não tínhamos como sobreviver, por que nós já estávamos aqui e fomos pra lá, certo? Então nós precisávamos que naquela comunidade tivesse um colégio que desse condições de ensinar nossos filhos, pra que eles saíssem de lá pra uma faculdade.

E assim nós nos organizamos em associações, comunidades, e fomos em busca desse colégio, junto com o prefeito, Dr. Décio, as gente conseguiu um projeto e que ele garantiu pra nós, que ia construir um colégio lá no assentamento PA Rio Alegre. Mas enquanto isso, ia puxar os alunos de ônibus pra cidade. Isso foi uma luta muito grande, muitas mobilizações, muitas negociações com o prefeito, juntamente com o Sindicato e demais entidades como a FASE, Central e o próprio CTA e a gente foi fazendo essas lutas, e até que aconteceu que realmente foi concluído aquele projeto, foi construído o colégio, as salas de aula, depois vem se aperfeiçoando cada vez mais. Mas tudo é fruto daquele projeto que nós viemos batendo e tamos juntos na luta até hoje.

P- Você acha que a escola tem conhecimento do modelo de produção agrícola, sabe como é que vivem essas famílias, tem conhecimento da realidade rural daquela comunidade? Você acha isso importante?
R- Olha, dizer que ela tem conhecimento totalmente, eu acredito que não. Mas dizer que também não tem conhecimento, também não posso dizer, porque os professores, o diretor, eles convivem com essas crianças.Um pouco de conhecimento eles devem ter. Agora, a necessidade que se tem, que esse colégio pólo, por estar lá no assentamento, ele tem que ter uma grade de aula bem mais avançada, pra que essas crianças venham se desenvolver lá e venham ficar lá mesmo, por que não adianta elas se formarem lá e virem pra cidade disputar vaga de emprego com quem já está aqui. Porque quem está aqui ta querendo ir pra lá, imagina quem ta lá vir pra cá. Acho que vai dar choque, não vai dar futuro de jeito nenhum.

Então o que a gente precisa e que já lutamos, é melhore o currículo escolar, para que essas crianças saiam mais preparadas, pra que elas se interessem mais nas suas atividades ali. Porque o que acontece é o seguinte: a pessoa hoje estuda, já visando vir pra cidade pra ir trabalhar num escritório, trabalhar numa empresa e deixando as suas raízes. O que que é suas raízes? É ele conviver lá na propriedade dele, aonde ele tem condições de fazer um futuro, de criar uma nova expectativa de vida, aonde ele vai buscar o seu recurso próprio pra que eles vivam ali, criem seus filhos, sem precisar ta disputando emprego com ninguém, porque o emprego dele já está ali, ele tem uma empresa, ele tem um sítio, ele tem uma propriedade. Então a propriedade é uma empresa; só falta ele se preparar, se capacitar pra administrar ela com qualidade. Então, o colégio, ele tem, eu acho, a secretaria junto com o diretor, com os pais dos alunos, sentarem e discutir uma forma de orientar essas crianças melhor.
Isso é um projeto até da associação, e algumas pessoas que já passaram ali por dentro, e que está parado e eu pretendo que pro futuro ele possa vir a desencadear e que isso vá dando mais certo pro futuro.

P- Você acha que a escola "Cirila"hoje, com a educação que está sendo oferecida, nos moldes que está sendo oferecida, atende as reais necessidades das famílias rurais?

R- Olha, pro modelo de hoje, que tanto faz lá como aqui na cidade, se a gente for olhar nesse ângulo, a gente acha que sim, eu acho que sim. Agora a gente, pro futuro, pra preparar essas crianças melhor, ela precisa melhorar mais, porque hoje não adianta a gente ficar no ensino convencional; nós temos que preparar melhor essas crianças, nós temos que prever o futuro dessas crianças. Nós estamos vendo que ali é um assentamento de 439 famílias, hoje se encontra 250 famílias, por que? Por que não houve uma preparação pra que essas pessoas permaneçam ali, houve um incentivo pra que elas fossem embora mesmo. Então nós precisamos que a escola tenha um currículo escolar mais adequado, que venha dar base pra que essas pessoas se interessem pela propriedade deles, venha produzir melhor, venha conhecer tecnologia mais de frente e encarar essa realidade. Então, pra gente fazer uma análise, eu acho que se for no ensino que vem, ela ta oferecendo, mais ela precisa melhorar muito mais.

P- A escola "Cirila" é colocada dentro de um assentamento, como você já colocou anteriormente que houve muita luta pela posse da terra; e conversando com professores e alunos, me disseram que a questão agrária não é trabalhada dentro da escola. O que você acha disso? Você acha que é importante que os alunos tenham conhecimento do direito à terra e tudo que diz respeito aos direitos de cidadania?
R- olha, sem dúvida, sem dúvida, por que é o seguinte: a partir do momento que o futuro dessas crianças vim conhecer o direito à terra, o direito à cidadania, dar valor nas terras, nós não vamos mais ter invasão de terras, nós não vamos ter mais pessoas sem terra, por que? Aonde é que está nascendo as pessoas sem terra? São os filhos dos produtores que estão ali no assentamento. Porque eles vão estudar, vai vir pra cidade, não vai ter emprego, o que vai acontecer? Vai ter que virar sem terra, vai ter que ir pra invasão de terra, vai ter que fazer isso.

Então, se eles forem preparados dentro do colégio, pra eles dar prioridade no que eles têm lá, eles, no futuro, vão ser cidadãos que vai ter sua propriedade, vai dar continuidade no que o pai deles tava fazendo, você entendeu? E que não vai haver mais esse tipo de coisa que está havendo hoje. Tudo que ta acontecendo, foi plantado no futuro, o pessoal não preparou as pessoas que passaram por esses colégios. Ninguém tem o conhecimento. Pra ser bem claro, se chegar em qualquer colégio aqui da cidade hoje, e procurar pra qualquer um aluno da oitava série ou até de segundo ano, ele não tem conhecimento da terra, ele não sabe o que é o Estatuto da Terra, ele não sabe defender até a si próprio, na questão legal da terra, como um cidadão brasileiro, hoje.

Então eu acho que o colégio, ele tem que se preocupar com isso, colocar pras pessoas. Se os professores não estão bem capacitados nessa área, que procure alguém , procure alguém pra dar palestras, pra orientar essas crianças que estão lá, como é que os pais deles chegaram até ali, qual foi a luta que os pais deles tiveram pra conseguir essa terra, e que ele têm que dar valor nisso. Porque todos esses que estão lá, já estão bem avançados nas suas idades, e quem tem que tocar essa demanda são essas crianças que tão lá estudando, se preparando pra garantir o futuro daí pra frente e sem o conhecimento disso, fica impossível dar essa continuidade. A tendência é vir mesmo pra cidade, se esgotando, virando fazenda novamente, tirando o espaço dessas crianças, produzindo, que o forte desse país hoje é a produção e sem essa produção o país não vai pra frente e ninguém vai. Se o país não vai pra frente, o povo também não vai, né?

PRODUTOR RURAL Y

P _ De que forma que a comunidade participa das ações da escola?
R _ A comunidade no meu modo de vista, participa porque inclusive eu faço parte do conselho, varias coisas que a escola vai fazer a escola esta junta, então eu acho estão em conjunto a comunidade e a escola.

P _ Você acha que a escola tem conhecimento do modelo de produção, aqui dos pequenos produtores da região?
R _ No meu modo de vê, a escola se tiver é um pequeno conhecimento, porque sabe o que a gente produz aqui, mas conhecimento se tive vai ser muito pouco.

P_ Você acha que a escola, educação no modo geral, tem responsabilidade com relação ou desenvolvimento sustentável dessa comunidade?
R _ Eu acho que no modo geral a escola ajuda nós, mas falta alguma coisa a desejar, acho que deveria ter mais, não sei se aulas práticas, mais treinamento igual começou existir no ano passado, os alunos participavas nas aulas teóricas agrícolas, depois parece que encerrou. Inclusive a gente tem aqui um trabalho com apicultura, que foi falado no ano passado que se o diretor, os professores quisesse a gente iria trabalhar com os alunos, principalmente na colheita do mel, que muitas vezes alunos não sabe como é, e a gente é junto da escola, na sede da associação que a gente faz esse trabalho, isso eu acho que seria muito importante para os alunos e para a comunidade do município, então se a escola deseja e quisesse, nós estaríamos prontos para ajudar.

P_ A Escola Cirila Francisca esta localizada dentro de um assentamento, você acha que a escola trabalha as questões agrárias, se trabalha ou não, deveria trabalhar, e por quê?
R _ No meu modo de vê, não trabalha com esse modelo agrário, e deveria trabalha e ensinar os alunos, já que a escola é dentro de um assentamento, muitas coisa os alunos mora no assentamento e não tem informação de nada sobre o assentamento.

P _ Com relação a participação da comunidade, uma participação maciça nas ações da escola, o que parece que não é uma coisa comum em outras escola, a que você atribui, por quê você acha que existe esse grande interesse?
R _ Eu acho que o interesse é da comunidade e é muito bom para nós, porque a escola nasceu através da comunidade, quando a gente mudou para cá não havia escola, a gente reunião, formou a comunidade, criamos a escola, daí nasceu a associação, e associação correu atrás com a comunidade, que somos nós mesmos, até trazer o colégio, e com muito sacrifício a gente conseguiu, e hoje funciona o colégio na nossa comunidade, pra nós é muito bom, mas pretendemos correr atrás para melhorar mais ainda.

P _ Você acha que a escola, o modelo de educação oferecido hoje na Cirila atende as reais necessidades da comunidade?
R _ Eu acho o seguinte, a escola atende bem, mas está atendendo no modelo urbano, eu acho que por ser na zona rural deveria ter um modificamento para atender um pouco mais só o modelo da zona rural. Então eu acho que é bom o atendimento da escola, mas deveria ter uma participação no modelo da zona rural.

P _ Se você tivesse que mudar ou acrescentar alguma coisa no modelo de educação que esta sendo oferecido hoje na Escola Cirila, o que você gostaria que fosse?
R _ Eu gostaria na Escola Cirila principalmente no primeiro grau aumentasse o número de salas de aulas que não é suficiente, melhorar o refeitório para os alunos, e também que essa escola buscasse junto a associação e a comunidade mais força, mais treinamento para os alunos, no modelo rural, vamos supor que muita daqui meche com leite, e pelo jeito não está tendo nenhum treinamento pela escola para os alunos sobre o manejar o gado, manejo, manejo de pastagem, porque isso ai a escola deveria ajudar muito nessa parte, igual eu falei sobre apicultura, e mais coisas que a escola, eu acho sendo que quase o tudo da alunos sendo zona rural, a escola poderia estaria podendo ajudar mais nessa parte ai. Porquê até hoje os cursos que teve aqui foi a associação, a comunidade que correu atrás e buscou, então seria bom se a escola também ajudasse em parceria com a comunidade para correr atrás de mais treinamento para o pessoal.

PRODUTORA RURAL Z

P- A comunidade do Rio Alegre, participa das ações da Escola Cirila? Se participa, de que forma é essa participação?
R- Eu acho que todos nós participamos, embora tenho chagado aqui a pouco tempo, mas no que diz respeito a comunidade, aquilo que está no alcance é feito. E a forma, trabalhando a questão de discursado, quanto ao bem estar do produtor, do pequeno produtor, a maneira como se pode trabalhar e a melhor forma de trabalhar.

P- Você acha que a escola tem conhecimento do modelo de produção dessas famílias, qual relação que existe com relação ao trabalho da escola e essas questões relacionadas a produção?
R- Olha, eu não estou tão a par, porque não fico sempre dentro da escola, mas pelo que possa perceber, a escola pode até ter esse conhecimento, essa preocupação, mas pelo que eu vejo ainda não tem dado aos alunos, ou aos pais informação que possa ajudar.

P- De que forma são incorporados pela escola os aprendizados de práticas educativas, principalmente ligados pelos diversos grupos, que vivem e trabalham aqui?
R- Através da participação da comunidade, ou de alguém da comunidade, que está sempre ligado a escola, ajudando a ter cultura no aprendizado, informações, trabalhos, projetos, nesse sentido a escola tem dado respaldo a comunidade, e a comunidade de bom grado respondido para a escola. No meu caso, como uma pessoa que mora aqui a alguns anos, já a cinco anos, gosto muito da Escola Cirila, tenho me dado muito bem com os professores, alunos, sou amigas. Têm o Jonas que mora aqui em casa, que tem sempre ido a escola para colabora no que é possível, e nós temos um projeto que se chama AMBAR, que pode ser aplicado na escola, já conversamos com a direção, e ele aceita. Esse projeto tem o objetivo de ajudar as crianças a desenvolver um trabalho cultural, pode ser: pintura, bordado, quadros, alguma coisa que venha a traze para o aluno e para a família do aluno, algo bom tanto psicológico, como financeiro e alem disso um lazer, que é trabalhos manuais. Esse projeto AMBAR, fala um pouco do sentido religioso, sentimental, e o aproveitamento da quilo que possa ser fazer dentro de uma comunidade pequena.

P- Você acha que é interessante a escola trabalhar a questão referente à posse da terra, as questões agrárias, uma vês que a escola se encontra localizado dentro de uma assentamento?
R- Sim, eu acho que a escola precisa trabalhar com o aluno, para que esse aluno venha ter conhecimento dos seus direitos, e poder tentar aproveita no sentido de uma vida mais estável, uma renda melhor. Sabendo que um só tem uma área grande de terra, no caso um fazendeiro, a entrada que ele tem, ou todo o recurso que ele tem, nunca coloca no próprio município, mas fora dele. Nesse caso a comunidade que está às vezes morando na cidade perde com isso.
Falando da Reforma agrária, a família tem onde trabalhar, o que comer, o que beber, e como ter a alta sustentação, neste caso a reforma agrária é viável, e a escola deve que trabalhar, para que também esse aluno não fique por ai trazendo conseqüências de violências, e problemas maiores, para nossa cidade, ou até mesmo para as comunidades rurais.

P- Você acha que a Escola Cirila atende aos interesses da comunidade, de forma ampla?
R- Em parte sim, porque pelo que eu vejo a grande responsabilidade do professor nas aulas, não tem faltado, isso já é uma parte boa que possa ser oferecido para ao aluno, a reunião de pais e mestres, a festividade escolares que sempre tem. Tudo isso é uma forma de ajudar e conscientizar o educando a ter vida melhor.

P- Se você tivesse que mudar ou acrescentar algumas coisa com relação a escola, ao funcionamento, a estrutura física, qualquer outra coisa que você fedesse mudar ou acrescentar, o que você gostaria?
R- Olha, é uma pergunta assim um pouco complexa, porque a gente gostaria das melhores coisas, gostaria que as salas fossem bem espaçosa, com ar-condicionado, professores bem remunerados, uma horta, um jardim, uma quadra coberta, com aulas de francês, inglês, tudo para ajudar a boa formação do aluno, e o bem estar do aluno e do professor, uma alimentação adequada, um lugar certo para os professores ficarem durante o seu intervalo, se nenhuma perturbação. E pelo que eu vejo na Escola Cirila eles tem boa vontade de ficarem bem, mas não tem espaço suficiente para que esse professor tem o seu momento de lazer, e tomar o seu cafezinho tranqüilo. Dentro da sala de aula eu percebo que o calor é muito forte e os ventiladores não são bons. Tudo isso são coisas que podem ser melhorados na escola, se eu pudesse, eu estaria fazendo essas coisa, trazendo mais coisas assim que possa trazer para o aluno um bem estar favorável.

MILITANTE DO MST

P- Eu gostaria que você me falasse um pouco da realidade da sua região, como é que se dá esse processo de educação, nas escolas ligadas ao movimento, especificamente do MST?
R- Então, a escola lá, a gente tem varia realidade regional no estado, como eu acompanho algumas regionais, então eu tenho visualmente algumas escola que vê mais a pedagogia do movimento implementada em cada escola.

Tem escola, por exemplo, a gente tem uma escola que esta com mais referencial assim do campo, que lá no estado a gente tem a Articulação Paranaense de Educação Básica para o Campo, tiramos base já porque a educação, educação voltada mais, que luta por uma pedagogia, por uma educação realmente atenda a realidade para o campo. Então a gente está implementando numa escola na região sudoeste do estado, Francisco Beltrão, no assentamento Missões, uma escola assim onde é um núcleo, deixamos nuclear a escola, mas nuclear lá no campo, a gente não é contra nucleação, porque sempre as autoridades dizem assim, vocês são contra a nucleação, não é porque a gente é contra a nucleação, mas atendemos a nucleação desde que ela seja lá no campo mesmo. E a gente conseguiu nuclear algumas escolas do Estado, onde a gente ta conseguindo desenvolver uns trabalhos mais de acordo com a nossa pedagogia. Por exemplo: nesta escola em Missões, a gente ta conseguindo fazer todo um estudo junto à comunidade, da educação que a comunidade quer pra essa escola e que a escola não seja desvinculada aos compromissos, aos princípios que a comunidade segue que é o princípio do MST.

Então essa comunidade, ela escolhe a partir do momento aonde tem uma situação problema, as questões dos sistemas geradores, que ta mais em vista naquele momento, a comunidade escolhe o sistema junto com o setor de educação do assentamento, e o setor de educação ele é composto de uma pessoa de cada núcleo de base do assentamento, aonde esse setor discute a escola, a educação como um todo no assentamento e tem as pessoas que ficam mais vinculada a escola desse próprio setor e discutem a educação voltada mais para a execução da própria escola, e lá se trabalha os sistemas geradores, a partir do sistema geradores que é feito um plano temático para toda a escola, visando uma demonstração da realidade tal, por exemplo assim, nós estamos falando muito da área da ecologia, fala muito da questão orgânica, vamos trabalhar com a orgânica, mas visando a questão financeira, e qual é que foi assim o sistema gerador foi a área da ecologia dentro do Movimento Sem Terra, que o Movimento Sem Terra pensa disso, e as crianças faziam seminários junto com a comunidade, isso que gerou toda discussão, eles fizeram pesquisas, debate, isso da primeira a oitava série, aonde eles conseguiram conscientiza a comunidade, de que a questão orgânica tava sendo muito da questão, de pensava muito na questão financeira simplesmente, eles conseguiram transformar isso na questão política e de cuidado realmente com a terra com a vida, com os compromissos que nós os trabalhadores rurais temos com a terra e com a vida, os compromissos que nós temos com isso.

E as crianças a partir dos termos que foi trabalhado no bimestre inteiro eles conseguiram fazer uma mudança na comunidade, então é isso que a escola tem a função na comunidade. Isso é a ...

P- Transformar a realidade dentro da expectativa da comunidade.
R- Isso, então assim ela tem um fim, e como ela, o importante é como ela se organiza, a escola, por exemplo, o assentamento é organizado no núcleo de base, nós temos lá dez núcleos de base, desses dez núcleos de base, eles têm cada pessoa no núcleo de base uma função, no setor de educação, setor de saúde, setor de segurança, tem varias setores no núcleo de base. Dentro da escola ela não pode fugir disso, então as crianças da escola são organizadas em núcleos base. Lá ela tem a tarefa do setor de saúde da escola, setor de educação, então ela tem vária participação na escola alem da aula, essa que é a, o que pra nós é uma escola que esta cada vez mais com a pedagogia do movimento. Que ande como esse movimento se organiza, que só a criança fazendo, elas vão entender como se faz, elas vão saber como fazer. Então um pouquinho nessa linha, assim, já que tem escola no acampamento. A gente tem acampamento que já tem quatrocentos e dez crianças, em um acampamento.

A escola é implementada pela prefeitura, mas como ela se organiza é totalmente da maneira do movimento. Porque o acampamento ele tem hoje aproximadamente oitocentos e poucas famílias nesse acampamento, é um acampamento que tem dificuldade em ser legalizado, pela questão burocrática mesmo, questão do INCRA e tal. A escola é construída pelos pais, a estrutura dela foi construída, nós mesmo com doações, a prefeitura simplesmente legalizou aquilo que estava lá. E o que nós dentro da escola percebemos assim, por mais que os conteúdos que vêem da prefeitura não atende a realidade das crianças, o coletivo da educação no assentamento que desse coletivo faz parte dos educadores da escola, eles conseguem fazer a formação de como que nós queremos, e eles trabalham a questão da realidade, visando os conteúdos que tem em cada série, que tem proposto, que é de acordo com aquele, que é seriado lá, de acordo com cada série, mas dentro da realidade das crianças. Então

assim dentro do acampamento, que é bem diferente do assentamento, o acampamento ainda tem todo aquele espírito de luta muito assim, no assentamento já são outros problemas que já vão surgindo, então o acampamento até dá mais vida à luta assim, porque lá a gente trabalha mais as questões do dia-a-dia os conflitos que vai havendo, porque são famílias que vem de várias regiões do estado, para um acampamento muito grande, então surgem *n* conflitos assim, que tu pode englobar num tema gerador maior, que é a luta pela terra. Então isso assim, naquela escola, a gente tem número de alunos, tem muito poucos professores, mas todos os professores que nós temos lá, é do Movimento Sem Terra, são acampados.

A prefeitura gostaria de colocar, ela querida colocar e nós deixamos colocar, vocês podem colocar os professor, desde que eles correspondam a nossa necessidade dentro do acampamento. Os professores não entendiam nada, uma porque eles não entendiam por que a criança tal era revoltada por tal coisa. Daí, se a solução era do acampamento eu moro nesse acampamento, eu sei a realidade ele tem lá no barraco dele, de acordo com o acampamento é barraco. E se eu sou uma professora da cidade, por mais que eu tente a me adequar a isso, e quando tem uns professores que ainda conseguem fazer isso, mas a maioria, eles não queriam nem dar aula, ele não tem tempo, vamos supor, na hora, o coletivo de educação no assentamento, como ele é composto de representantes de cada uma dos núcleos de base, eles têm reuniões que discutem sobre educação, e nessa reunião ele discute, amadurece a concepção o que nós queremos, os probleminhas habituais, que têm mais práticos assim, mas muito mais a questão da educação em si, e essas pessoas vão pra esses núcleos de base lá elas fazem discussões com as suas famílias, então não fica sendo só uma proposta só da escola, mas é uma proposta que o acampamento agarra a escola como parte do acampamento.

No acampamento a gente tenta não colocar cerca na escola, porque as pessoas têm que entender que a escola, as crianças, até uma época, a gente deixa entrar os conflitos. Vou lhe dá um exemplo desse acampamento que aconteceu, então a professora estava tentando fazer horta, jardim, para as crianças, dentro dos temas que iam surgindo, eles iam fazendo essas atividades praticas. O que aconteceu? Eles chegaram a uma conclusão, foram em uma assembléia e dissera assim, que não tem jeito, que os animais, vêm os animais comem, as pessoas não cuidam, ai colocaram uma cerca, os pais mesmos que fizeram. Mesmo no acampamento existe essa mística de embelezar, ficar um ambienta mais... aí eles fizeram aquela cerca bonita... Bom, nós deixamos, a gente sabe que não é de acordo ter uma cerca envolta da escola, mas nós vamos deixar, daqui uns dias nós vai haver uma avaliação. e é isso que é um processo interessante. Daí uns dias as crianças estavam estudando a questão da cerca na terra, a luta pela terra, e chegaram nesse assunto.

P-Fizeram toda uma ligação da propriedade cercada, privada, com a luta.
R-E eles falaram assim; nós que lutamos contra a cerca do latifúndio, conta cerca do latifúndio da saúde, do latifúndio da educação, e nós cercamos a escola, mas porque? Daí veio o questionamento das crianças. Este questionamento das crianças foi para o grupo do coletivo de educação do assentamento, esse coletivo de educação do assentamento amadureceu a idéia e levou para os núcleos das famílias. As famílias levantaram essa idéia, porque é assim, um vai-e-vem de discussão. Até que resolveram tirar a cerca, arrumar a questão da horta, como que poderia fazer, e adequar uma discussão a partir desse conflito que teve.

Então é assim, uma série de coisas que vão acontecendo, mas que você vai vendo os sinais da pedagogia do movimento, que é aquela coisa, a discussão não é feita por um grupo de pessoas que pensam e vão; tu deixa vir os conflitos, as pessoas amadurecem no coletivo, do coletivo vai pras famílias, tem crianças que concordam e não concordam, vem pra discussão e a gente consegue entrar num consenso, um pouco assim.

Já a questão do Projeto Político Pedagógico, é uma das lutas que estamos fazendo no Estado, pra conseguir está ocupando este outro latifúndio, que sempre está na mão, geralmente as escolas do campo, o que que nós estamos observando; o PPP , por exemplo: nós temos um assentamento lá, que tem seis escolas ainda multisseriadas, são várias escolinhas. E nós fomos ver o PPP. As professoras nem têm conhecimento do PPP, muito menos os pais. Daí nós perguntamos: vocês sabiam que existe um PPP, como é que é? Daí a gente foi atrás, estava lá com a secretária. Os PPP são todos cópia um do outro, muda alguma coisinha, nome, coisinhas burocráticas; mas assim , a questão pedagógica mesmo, a questão mais política, não muda em quase nada.
Qual é o procedimento que estamos fazendo numa escola que está abrindo agora lá, e que a idéia é isso; ocupar os PPP de todas as escolas que nós temos no Estado. Agora em julho, é a fase que nós estamos discutindo nos núcleos. O que que é, qual é a concepção?
Os núcleos que eu digo, são os núcleos de famílias no assentamento. Esses núcleos vão amadurecer a idéia, vão nivelar o entendimento e nós vamos aprovar o PPP que está sendo escrito pelo coletivo de

educação do assentamento, num outro momento que vai as propostas pros núcleos, vem, e vamos fazer uma grande assembléia pra aprovar os pontos principais que vai no PPP.

A secretária de educação ta louca né, não está entendendo nada; mas por que? Demora demais. Nós falamos assim: olha, se nós fizermos uma escola aqui de hoje pra amanhã, essa escola de hoje pra manhã, daqui uns dias, pode sair daqui também. Como já teve muitas experiências a respeito disso. Mas no momento que os pais, a experiência que gente tem é essa; não só os pais dos alunos, isso que é interessante no assentamento, que não é só os pais dos alunos que fazem. Eu sou solteira, mais eu discuto a escola mesmo assim lá no meu núcleo, no núcleo de família lá onde eu participo. Eu discuto os problemas da escola, o que eu penso da educação, o que eu queria que os jovens do assentamento estudassem. Então ele agarra a escola e no momento que vem um prefeito, uma secretária, quando muda, e diz assim: olha, nós temos que tirar a escola daqui, lá não se tem mais condição pra isso; eles sempre vêm com essa história. Eles não deixam sair, se a coisa foi construída por eles. Ela sai muito fácil, quando a coisa foi construída de hoje pra manhã, foi colocada por outra pessoa lá.

Então essa é uma prática nossa, do coletivo estadual, no momento acompanha as escolas. Tu não chega lá e diz assim: aqui cabia uma escola, o ideal é essa. Mas se a gente fizer isso, eu acompanho hoje, amanhã eu não posso acompanhar mais, ... não criam sujeitos que participem do processo. Então, isso assim pra nós é importante, que a comunidade assuma e entenda aquilo que todo mundo quer; que a partir do momento que ela faça isso, ela exige dos educadores, ela exige das crianças, dos jovens e dos adultos, que nos assentamentos não são só as crianças que estudam. A gente tem educação de jovens e adultos, que eles também participam de todo processo.

Você trabalhar com a cultura das crianças, dizer assim: ta errado; é muito presente essa questão das músicas hoje: na boquinha da garrafa, essas maionese, é muito presente, no rádio, o dia inteiro que escuta. Mas se você colocar pra eles: oh, isso é errado, isso espanta. Mas se você tu faz isso gerar um tema gerador, que eles escutam isso, e que a comunidade escuta isso, aí é outra coisa, por que daí eles assumem isso, eles entendem o processo. Então eles mesmos vão se questionar, vão corrigindo a partir do momento que eles pegam aquilo como parte de uma discussão que eles estão fazendo. Eu estava até discutindo no núcleo, ali, um episódio que aconteceu em Santa Catarina, em Dionísio Cerqueira, não sei se você já ouviu falar dessa experiência: é uma escola que é referência em nível nacional, dentro dessa questão mais pedagógica,mais política do MST.

Essa escola, é de 1ª à 4ª série e ela é de um assentamento coletivo, de 60 famílias. Tem 60 famílias inseridas nesse assentamento coletivo e lá eles têm uma cooperativa muito grande e muito bem organizada. O educativo já é todo coletivo, porque as crianças já participam das assembléias, elas participam dos núcleos de base, é a família que participa. Então na escola , o que aconteceu? Eles lá trabalham essa questão dos temas geradores, também. Dentro da escola eles têm uma cooperativa, eles se organizam como cooperativa. Então tem alguns setores, eles mesmos que administram seu dinheiro desde a primeira série, com as limitações que cada um tem, mas com a contribuição do coletivo, mas eles que têm essa autonomia de estarem discutindo e avaliando o processo todo da educação na escola.
O que aconteceu esses dias? Eles tiveram que pegar um dinheiro emprestado da cooperativa interna do assentamento, pra construir um minhocário na escola e eles pegaram. Aí a cooperativa fez a cobrança desse dinheiro, eles demoraram. Aí eles foram, articularam à noite, que eles ficaram indignados, que eles tinham um prazo. Eu sei que eles articularam, uma marcha até a cooperativa. Da escola, tudo é muito perto, mas eles lá. De manhã, quando as famílias viram, os pais não sabiam nada, eles fizeram muito bem feito.

Noutro dia eles saíram assim de bandeiras, símbolos, frutos, todo mundo de bonezinho, e fizeram a marcha cantando, até a frente da cooperativa. O pessoal da cooperativa, brincando, fechou as portas da cooperativa. Eles ficaram muito indignados. Aí eles exigiram uma assembléia no assentamento, com todo mundo. A professora falou: mas como, o pessoal está todo nos núcleos de trabalho, então eles não têm como estar lá. Não, nós queremos é agora. Aí o pessoal veio, respeitou as crianças e vieram para assembléia. Lá na assembléia, nós queremos negociar um acordo como que nós queremos pagar essa dívida. Lá eles vieram com uma proposta escrita assim: na escola a gente tirou tantas pessoas que vão trabalhar em tais e tais postos da cooperativa, pra prestar serviço, pra pagar tanto da dívida. E o restante da dívida, vai ser pago com a entrada de um dinheiro que ia ter, na cooperativa deles lá da escola, que teria o prazo em tal dia.

Isso eles não aprenderam dentro da escola. Eles aprenderam num processo de luta deles com a família com a convivência deles, que eles têm voz e vez. Então, aquilo ali foi tão educativo pra eles quanto pra comunidade. Pra nós, assim, foi muito interessante, por que essas crianças, quando saírem da quarta série, eles vão pra quinta à oitava lá na cidade. Eles têm um destaque quando eles vão lá, por que eles têm um instinto de liderança, eles têm opinião própria, capacidade de organização. Os professores que recebem eles na cidade, eles ficam impressionados com a capacidade que essas

crianças têm de expor suas idéias, mesmo os mais tímidos, que lá na escola têm essa dificuldade, sempre têm, a criança, nem todos são assim. Mesmo esses, a capacidade que eles têm de elaboração, não a elaboração dentro do padrão deles, mas uma elaboração com idéias propostas. Quando eles falam de um problema, por ex. do Brasil, eles não ficam só xingando, ah! Tem problemas; eles têm propostas, deveria ser assim... então, isso que é bonito, o aprendizado... que proporciona a pedagogia do MST, que a pedagogia do MST, não está só dentro da escola.

P- Na sua opinião, o que falta pra construção de um projeto específico pra educação no campo?
R-Olha, não falta só pro projeto específico de educação no campo, não; mas pra toda educação. Eu vejo assim, que o que, até no movimento a gente discute muito isso. A luta pela educação e o jeito que a gente faz a luta pela educação em todo o Brasil, em todo assentamento, em todos os acampamentos que é uma das prioridades do MST, ela só é válida, porque ela está inserida num conjunto maior de luta, que é a transformação dessa sociedade. Se nós não tivéssemos essa vontade, de transformar realmente a realidade, o sistema que está aí imposto na sociedade, a luta pela educação também já não serviria.

A gente acha que a educação, é um instrumento pra que se faça a transformação, também. Quem está no sistema hoje, a educação está correspondendo o interesse de quem está no sistema. Isso aí, historicamente teve isso. Por isso, que se nós não mudarmos o sistema, dificilmente nós vamos conseguir realmente obter o avanço que nós gostaríamos de ter com a educação, por que não é do interesse deles, digo deles , de quem está no sistema mesmo, a elite, de que a gente passe uma educação que forme sujeitos críticos, sujeitos capazes de intervir mesmo na sociedade. Então, a educação no campo, ela nunca teve um projeto de educação pro campo, mesmo. Se a gente vai olhar hoje, qual é a vontade do governo, é que as pessoas do campo, saiam do campo, e vão virar massa de manobra nas cidades, que é muito mais interessante pra eles, que a gente fique na cidade, ignorantes, que não tenha condição de reivindicar, desmobilizados totalmente, por que na cidade a maioria da população fica assim, principalmente quem sai do campo e vai pra cidade, que fica lá na periferia mesmo, chorando as mágoas do passado. E daí é uma educação que não é voltada pra que ele tome efeito mesmo e vá enfrentar o que ta aí.

Então, eu vejo que essa questão: nós termos condições de fazer a educação ser um instrumento de transformação. Mas fazer, obter um sucesso mesmo, conseguir um projeto que realmente de acordo com a vontade, principalmente o nosso enquanto movimento, é só depois que a gente conseguir transformar, mudar realmente as pessoas que tão dando condição hoje pra sociedade.

MILITANTE DO MST 1

P- Eu gostaria que você me falasse um pouco do que é esse curso, qual o objetivo, a partir do que, de quem, qual os recursos, como se dá esse processo de formação aqui no curso que vocês estão participando?
R- Então, esse curso é um curso em parceria com a UNEMAT, PRONERA, que é do Governo Federal que é vinculado ao INCRA, e o Movimento Sem Terra, esse é o curso destinado aos educadores da reforma agrária, especialmente do Movimento Sem Terra, do MST, então todos que estão aqui são alem de educadores são militantes do Movimento Sem Terra, que mantém a luta do movimento dia-a-dia, a fim de buscar melhoria pros assentamento, uma educação de qualidade, inclusive na formação do ser humano, nos assentamento, alem de está vinculando os estudantes na luta do Movimento Sem Terra, que nem este curso que está na sétima etapa, e gente forma agora em janeiro a última etapa, o objetivo maior deles é ir para os assentamentos organizar e implementar uma proposta de educação básica no campo, aliás do campo, não uma educação no campo, uma educação que tem a característica baseada do campo, que tenha a cara do assentado.

P- Qual a proposta pedagógica do Movimento Sem Terra a nível nacional e após o termino desse curso, dessa licenciatura de vocês, o que está sendo pensado em ser implantado aqui nos assentamentos em Mato Grosso?
R- Então, a proposta que o movimento tem a nível nacional é uma proposta que é baseado na formação humana, e a questão do ser humana ser o centro dessa educação, até para acabar um pouco com essa questão da educação bancária, como Paulo Freire falava, que só recebe o que o educador falou. Então o Movimento tem uma proposta inovadora no campo, na educação no campo, que já vem sendo discutida há muito tempo, desde quando surgiu os primeiros acampamentos do Movimento Sem Terra, então já se construiu uma educação com a idéia de alem de formação as crianças, mas também de formar novos militantes no movimento, que continue a luta do Movimento Sem Terra em todo o Brasil. No estado essa proposta é uma proposta também que a gente vem adotando nesse sentido de formar sujeitos que continuem a nossa luta, diferenciando dessa proposta antiga, às vezes temos dificuldades de ta implantando em nossos assentamentos, mas é uma proposta baseada na formação do ser humano, de acordo com a realidade em que ele esta inserido no assentamento.

P- Existe no estado de Mato Grosso alguma escola que trabalhe a ideologia do movimento, só a ideologia do movimento, sem a interferência da educação formal em nível governamental, aonde? Como se dá isso? Se existe essa escola?
R- No Mato Grosso ainda não temos uma escola que se diz assim do Movimento Sem Terra, definitivo, todas as escolas que temos nos assentamentos por uma questão legal, ela esta vinculada a secretária estadual, como as municipais, e que muitas vezes as propostas curriculares da grade curricular vem das secretarias, mas essa propostas são simplesmente adaptadas a essa proposta que nós do Movimento Sem Terra propomos a nossas escolas, então a nossa proposta é colocada de uma forma não diretamente numa escola que seja só do Movimento Sem Terra, porque esta vinculada em uma proposta legal dentro do assentamento.

P- Como que é feito a distribuição de recursos humanos para essas escolas onde esses professores com a ideologia do movimento estão atuando hoje, como é que se a questão legal, a questão dos salários?
R- Então, essa é uma parte complicada dos nossos assentamentos, no sentido de que os professores são pagos pela prefeitura, que no meu modo de ver é uma responsabilidade do governo assim de pagar os professores, é nesse momento que causa um grande embate político no sentido que a prefeitura, a secretaria de educação querem por uma proposta de educação urbana dentro dos nossos assentamentos, sendo que a gente já traz uma proposta para que atenda as necessidades dos educandos no assentamento, então às vezes cria-se uma certa contradição muito grande entre as escolas que adota essa forma de educação da cidade com as propostas que nós já temos no assentamento.

P- Como é que vocês estão pensando em implantar esses trabalhos na hora que vocês saírem daqui, com todo o aprendizado que tinham e enfrentar isso nos assentamentos, vocês vão partir de uma grade curricular, como é que vai se dá?
R- A idéia que a gente tem é partir de temas geradores, na própria realidade da criança, um assunto que está presente no dia-a-dia, problematizar a realidade do assentamento e da escola, ou mesmo do município, e a partir daí vai se trabalhando os conteúdos científicos que se tem, mas trabalhando com uma proposta que consiga visualizar os problemas existentes nos assentamentos, a fim de que a própria criança possa também já se formando tentando achar soluções para os problemas existentes nos

assentamentos. Então a partir desses conteúdos e com o que ela aprende na escola, então ela vai se formando e intervindo na realidade onde ela está vivendo, essa é a idéia que a gente tem, então a nossa metodologia parte dessa realidade da criança aonde vai se formando os conteúdos que é de mais necessidades para formação dela.

P-Eu gostaria que você falasse mais um pouco sobre os planos de trabalhos pra educação nas áreas dos assentamentos?
R-Então, os planos que a gente tem de atuar em três frentes de educação, pelo menos no estado, nós no Movimento Sem Terra, no sentido de educação infantil, que é uma coisa bem complicada principalmente na zona rural de ser trabalhado, as crianças só vão para a escola a partir dos sete anos, não tem uma preparação antes, não se prepara antes. Continuando assim a gente ta com essa proposta de educação infantil, tendo em vista que a criança não tem nenhuma preparação antes de ir para a escola, até mesmo a questão psicológica da criança, que às vezes vai muito insegura pra escola.
R- A outra frente de educação fundamental, essa é obrigatória, é outra frente de trabalho, e a questão de jovens e adultos, outra frente de trabalho, que em alguns assentamentos a gente trabalha até de forma voluntária, tem alguns educadores que se dispõem a trabalhar sem ser remunerado nos assentamentos.

P- O que se presencia na maioria dos assentamentos, já até falamos anteriormente, são as escolas urbanas, com todo aparato urbano, colocadas na zona rural. Você acha importante que haja um projeto diferenciado pra trabalhar nas escolas rurais? Um projeto que seja voltado pras questões, as necessidades dessas famílias rurais e por que? Se você acredita nisso?
R- Eu não sei se um projeto, talvez um projeto atenderia as necessidades daquela escola. Eu acho que seria interessante sim, importante sim, esse projeto seria importante sim, tendo em vista as necessidades de cada criança, a realidade de cada educando naquela área. Porque a gente vê que as escolas de zona rural que são atendidas com uma proposta mais urbana, ela tende a causar a evasão das famílias da zona rural pra zona urbana, por que aí os filhos vão pra cidade, em conseqüência disso os pais vão ficando sozinhos, velhos, já não agüentando trabalhar, também vão pra cidade. Então a escola, ela tem que ter uma proposta, um projeto voltado pra realidade do público que nela está inserido, se não a escola, a tendência dela é futuramente fracassar, não atingir um objetivo próprio de cada pessoa que nela ta estudando e ta convivendo com ela o dia-a-dia. Então o projeto específico pra uma escola do campo, ele é importante, sim. É claro que ele tem que levar um embasamento teórico da realidade no total, ele não pode fechar um projetinho só na escolinha, só no fechado, ela tem que ter uma amplitude a nível de Brasil presente, mas, que seja com característica voltada pra necessidade da escola e da realidade dessa escola.